

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
SERGIO AROUCA
ENSP

“Nas Viradas da Vida: jovens que romperam com o mercado do tráfico de drogas em favelas na cidade do Rio de Janeiro”

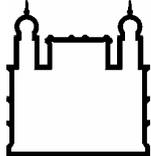
por

Zilah Vieira Meirelles

Tese apresentada com vistas à obtenção do título de Doutor em Ciências na área de Saúde Pública.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Minayo Gómez

Rio de Janeiro, setembro de 2008.



Esta tese, intitulada

“Nas Viradas da Vida: jovens que romperam com o mercado do tráfico de drogas em favelas na cidade do Rio de Janeiro”

apresentada por

Zilah Vieira Meirelles

foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Ruzany

Prof.^a Dr.^a Eloísa Grossman

Prof.^a Dr.^a Olga Maria Bastos

Prof.^a Dr.^a Silvana Mendes Lima

Prof. Dr. Carlos Minayo Gómez – Orientador

Tese defendida e aprovada em 04 de setembro de 2008.

**“É preciso que você se torne a mudança
que deseja ver no mundo”**

Mahatma Gandhi

**PARA
TODOS OS JOVENS QUE ...**

JÁ CONVIVI E OS QUE AINDA CONVIVO.

ESTAREI POR CONHECER E A CONVIVER.

*NUNCA IREI CONHECER, MAS QUE CERTAMENTE
ESTARÃO EM BUSCA DE UMA VIDA MELHOR.*

AGRADECIMENTOS

Ao Doutor *Carlos Minayo Gómez*, do Centro de Estudos em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana (Cesth) da Escola Nacional de Saúde Pública - Fundação Oswaldo Cruz, orientador desta tese, minha gratidão por tê-la tornado possível.

À todos os jovens que tiveram o interesse em participar deste estudo, em especial a *Noam, Damião, Jorge, Paulo, Júlio, Felipe, Rodney, Roberto, Edmilson*, pela colaboração inestimável.

À *Coordenação da Pós-Graduação da Escola Nacional de Saúde Pública* da Fundação Oswaldo Cruz, e ao seu corpo docente, com o qual tive o privilégio de conviver durante quatro anos.

Aos colegas da *Turma Doutorado 2004*, pelos debates, sempre calorosos e férteis, transcorridos no decorrer do curso.

À *Doutora Maria Helena Ruzany* do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (Nesa) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pelos anos em que cultivamos nossa amizade e pelo constante incentivo e debate com contribuições sempre valiosas.

Aos profissionais e amigos do *Espaço Cultural Dom Pixote*, *Sônia da Conceição Oliveira Azevedo, Fábio Costa, Alexandre Velloso Meirelles, Lídia Enes Toledo Piza, Cristiana da Silva Gomes, Euza Cristina Borges dos Santos, Celi Alves Baracho, José Alfredo do Santos, Clátia Regina Vieira, Jocemir Ferreira, Patrícia Ferreira, Cláudio Avellar e Hilton Meirelles* pelas contribuições que ofereceram ao estudo.

Ao *Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente* (NESA/UERJ), pela oportunidade de ter compartilhado experiências significativas de trabalho e vida.

Aos profissionais e colegas do *Instituto Estadual de Dermatologia Sanitária* da Secretaria de Estado de Saúde, em especial às Professoras Maria Aldora Cruz e Regina Maria Figueira Cruz, pelo carinho e compreensão.

As Prof.^a Dr.^a Arleziene Rosa de Oliveira e Angela Maria Hygino Rangel pelos ensinamentos apreendidos na minha trajetória profissional.

Aos membros da *banca examinadora*, Prof.^a Dr.^a Eloísa Grossman, Prof.^a Dr.^a Olga Maria Bastos, Prof.^a Dr.^a Maria Helena Ruzany, Prof.^a Dr.^a Silvana Mendes Lima, Prof.^a Dr.^a Stella Regina Taquette e Prof.^a Dr.^a Brani Rozemberg, pelo interesse em compartilhar os momentos finais deste estudo.

RESUMO

O estudo busca compreender a trajetória de trabalho e vida de homens jovens que atuaram no tráfico de drogas varejista, entre os anos de 1990 a 2006, em favelas na cidade do Rio de Janeiro. O estudo parte de uma análise qualitativa com ênfase na história oral de vida típica, envolvendo 30 jovens com idade entre 17 e 25 anos de sete favelas da cidade. Os dados revelam que os jovens, ao entrarem para o tráfico, apresentam uma expectativa de encantamento pelas facilidades de adquirirem prestígio, poder e dinheiro. Com o tempo, essa perspectiva vai desaparecendo devido as situações de traição, punição e falta de prestígio. O processo de saída ocorre justamente quando o jovem começa a questionar seus ganhos e perdas nesta trajetória, e procura visualizar outras possibilidades de vida, mais condizentes com as suas aspirações juvenis. Concluiu-se, que o fato de os jovens estarem entrando precocemente no crime organizado, leva-os a um desgaste físico e emocional, visto que a venda de drogas passou a ser um coadjuvante diante dos constantes episódios de conflitos armados e tráfico de armas. Frente a estas situações estes jovens procuram criar condições possíveis para romper com o crime organizado e procuram articular uma rede social em torno de si para estabelecer novas condutas de vida e trabalho.

Palavras-chave: juventude egressa do tráfico de drogas, favela e violência.

ABSTRACT

We intent to understand, in this thesis, the trajectory of 30 young men that participated in drug dealing in the slums of the city of Rio de Janeiro, from 1990 to 2006. The research has, as a base, the qualitative method that started from the story of topical life, allowing capturing and reflecting the situations lived by these young traffickers. The data reveals that these young's, as they get in traffic, they present an expectation of enchantment, power and money. By the time, this perspective decreases due to the situations of betrayal, punishment and lack of prestige. The process of getting out occurs when the young men starts to question his earnings and losses in this trajectory, and begins to visualize others possibilities of life, more viable with their youth aspirations. Concluded, the fact of the young men are entering very soon at the organized crime, brings to them an emotional and physical exhaustion, because of the fact that drug dealing has become a detail, now that episodes of weapon dealing and armed conflicts are constant. Facing these situations, these young boys try to create possible conditions to interrupt with the crime and try to articulate a net around themselves to establish new conducts of life and work.

Keywords: *work and youth involved in drug trafficking, slum and violence.*

ABREVIATURAS E SIGLAS

ADA	Amigo dos Amigos
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
AP	Área Programática
CESTH	Centro Estudos em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana
CICAD	Comissão Interamericana para Controle do Abuso de Drogas para o Controle
CONANDA	Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente
CV	Comando Vermelho
DATASUS	Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde
DC	Diário de Campo
DCOR	Departamento de Controle ao Crime
DCOR	Departamento de Controle ao Crime Organizado
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ENSP	Escola Nacional de Saúde Pública
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INPLAN-RIO	Instituto de Pesquisas e Planejamento no Município do Rio
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MS	Ministério da Saúde
NESA	Núcleo de Estudo da Saúde do Adolescente
OEA	Organização dos Estados Americanos
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PCC	Primeiro Comando Capital
PNAD	Pesquisa Nacional Amostra por Domicílio
SENAD	Secretaria Nacional Anti-Droga
SIM	Sistema de Informação de Mortalidade
TC	Terceiro Comando
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNODC	United Nations Office on Drugs and Crime
VIJ	Vara da Infância e Juventude

QUADROS E TABELAS

QUADROS

Quadro 1.	Ocupações Exercidas no Mercado do Tráfico de Drogas	16
-----------	---	----

TABELAS

Tabela 1.	Favelas da Cidade do Rio de Janeiro por AP	15
Tabela 2.	Situação Ocupacional Atual	60
Tabela 3.	Motivos da Inserção do Jovem no Tráfico	60
Tabela 4.	Motivos de Entrada e Saída do Jovem no Tráfico	131

MAPAS

Mapa 1.	Localização das Favelas na Cidade do Rio de Janeiro.	16
---------	--	----

GRAFICOS

Gráfico 1.	Homicídios no Brasil. Período: 1994-2004	42
Gráfico 2.	População Atendida na 2º Vara da Infância e Juventude	43
Gráfico 3.	Idade de Ingresso no Narcotráfico	44

FIGURAS

Figura 1.	Acervo (a) do Instituto Social Dom Pixote	62
Figura 2.	Fundação Telefônica. Ilustração: Carlos E Gonçalves	127
Figura 3.	Acervo (b) do Espaço Cultural Dom Pixote	157

SUMÁRIO

RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
INTRODUÇÃO	xiv
Capítulo 1 JUVENTUDE, DESIGUALDADES E CRIMINALIDADE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	20
1.1 Pobreza e desigualdade social na Cidade do Rio	21
1.2 Conceito, estrutura e funcionalidade do crime organizado	26
1.3 Juventude, pobreza e tráfico de drogas varejista	38
Capítulo 2 JUVENTUDE CARIOCA: TRAÇANDO CAMINHOS PELA CIDADE	51
2.1 Caminhos percorridos na realização do estudo qualitativo	52
2.2 Cenário de vida dos jovens egressos do tráfico de drogas	59
Capítulo 3 PRIMEIRA VIRADA: PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS NA REDE DO TRÁFICO DE DROGAS VAREJISTA NAS FAVELAS	66
3.1 Jovens de favela e ambigüidade familiar	67
3.2 Razões que impulsionaram os jovens para o tráfico	74
3.3 Vida e trabalho dos jovens egressos no tráfico de drogas	86
3.4 Diversificação e outras associações ao comércio varejista	117
3.5 Crime, masculinidade, relação de gênero e risco de DST/Aids	122
Capítulo 4 SEGUNDA VIRADA: ROMPIMENTO DO JOVEM COM O MERCADO DE TRABALHO DO TRÁFICO DE DROGAS NAS FAVELAS	132
4.1 Desencanto, medo e coragem para mudar	133
4.2 Jovens que submergiram para o tráfico	145
4.3 Jovens que emergiram definitivamente do tráfico	147
4.4 Projeção atual e o que esperam do futuro	151

4.5	Juventude carioca vista pelos egressos	154
4.6	Dois caminhos paralelos de vidas de egressas	156
Capítulo 5 REFAZENDO CAMINHOS PELA CIDADE DO RIO DE JANEIRO		161
5.1	Redes espontâneas de proteção e apoio aos jovens egressos	162
5.2	Em busca de novos caminhos: histórias de superação	170
5.2.1	Relato 1: <i>o canto que encanta multidões</i>	171
5.2.2	Relato 2: <i>teatro como expressão de vida</i>	175
5.2.3	Relato 3: <i>ensinando a quem precisa</i>	179
5.2.4	Relato 4: <i>consertando o tempo</i>	183
5.2.5	Relato 5: <i>mexendo com a beleza</i>	185
5.3	A luta existe e tem que ser ampliada	188
CONSIDERAÇÕES FINAIS		191
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		197
ANEXOS		204
ANEXO I.	PALAVRAS E EXPRESSÕES UTILIZADAS NO TRÁFICO DE DROGAS NAS FAELAS	
ANEXO II.	ROTEIRO DE ENTREVISTA	
ANEXO III.	PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DA ENSP	
ANEXO IV.	ARTIGO APROVADO PARA PUBLICAÇÃO NA ABRASCO	

INTRODUÇÃO

Muitos caminhos podem conduzir os jovens a atos de violência, e poucas são as possibilidades que os levam à superação. Nessas veredas juvenis, o tráfico de drogas se apresenta para a juventude, desfavorecida no meio urbano, como um caminho possível e rentável para as suas aspirações de vida. É uma jornada de tramóias, tropeços e percalços que leva muito jovens aos extremos: a barbárie e morte. Entretanto, é possível desviar-se desse destino. Criar atalhos para uma vida mais elevada e digna. Apesar de ser uma via de poucas saídas, há jovens que se determinam a procurar essas saídas e acabam encontrando na família, nos amigos, nas organizações e, até mesmo, nos projetos sociais, alicerces para reconstruir seus caminhos de cidadania. Essa realidade é comprovada através das histórias de vida de 30 (trinta) jovens, que atuaram no tráfico de drogas em favelas na cidade do Rio de Janeiro.

O tema sobre o envolvimento de jovens no crime organizado foi objeto de investigação da minha dissertação de mestrado, em 1996, no Centro de Estudos em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana (CESTH) da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP). Sob o título “*Vida e trabalho de jovens no tráfico de drogas numa favela do Rio de Janeiro*”, o estudo foi desenvolvido nas favelas do Complexo do Morro dos Macacos, situado no bairro de Vila Isabel. Teve por objetivo, conhecer o estilo de vida de 20 jovens que, na época, atuavam no tráfico de drogas. Infelizmente, esses jovens, ao longo desses anos, foram morrendo por diversas situações do tráfico de drogas.

Uma década se passou e o tema ainda suscita indagações. Afinal, são quase vinte anos convivendo e acompanhando o itinerário de adolescentes e jovens, moradores de favelas da Cidade. Esta aproximação teve início em 1990, quando participei da implantação do Programa de Atenção Primária do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Complexo do Morro dos Macacos. Desde então, outras conjunturas de trabalho foram surgindo e talhando o meu caminho profissional para uma vivência cada vez mais próxima desses espaços populares.

Lamentavelmente diversos jovens se aventuram pela rota do crime organizado. A maior parte morre prematuramente, de forma cruel e violenta. As famílias, por vezes, não têm o direito de enterrar seus filhos, eles são executados e exterminados. Quantos jovens já foram tragados por esta violência! Quantas vidas e talentos desperdiçados! São anos de genocídios e horror que marcam as favelas e ruas da Cidade. Políticas públicas, programas e projetos sociais não conseguem sozinhos dar conta desta imensa questão social, que se fundamenta nos conflitos internacionais e nacionais de uma política de mercado capitalista.

Nos últimos anos, no Brasil, houve maior visibilidade das violações dos direitos humanos sobre a população infanto-juvenil. Em 2001, foi ratificada a “Convenção 182 da Organização Internacional do Trabalho (OIT)”, de 1999, onde o Brasil assumiu o compromisso de corroborar com a “erradicação das piores formas de trabalho infantil”, sendo a utilização de crianças em diversas atividades ilícitas, como o *narcoplantio* e o *tráfico de droga*.

De fato, a Juventude empobrecida é o segmento populacional que mais sofre com as desigualdades sociais da cidade do Rio. É a que tem menos acesso à saúde, educação, cultura, emprego, etc. A maioria vive uma realidade marcada pela pobreza, pela falta de informação e de oportunidades para desenvolver seu potencial humano. Na ausência de bens e serviços que são fundamentais para o desenvolvimento local, nas áreas pobres da cidade do Rio, o crime organizado se estabelece nas brechas deixadas pelo Estado. O quadro é desolador. As crianças entram para o tráfico prematuramente e, uma vez engajadas, perdem totalmente a noção do valor humano. São capazes de matar para defender seus líderes contra a invasão de grupos rivais ou de policiais.

Em qualquer favela a referência de Homem-herói para adolescentes e jovens é a imagem do “dono do movimento” [chefe do tráfico na favela], com roupas de grife, jóias, motocicletas, automóveis, mulheres e armas exibidas de forma ostensiva. São adolescentes de 10, 11, 12 anos, que crescem vendo seus pais trabalharem exaustivamente, e com grande dificuldade financeira em manter a família. Crescem sem a perspectiva de um futuro mais digno, de maior participação no sistema educacional, de melhor ocupação no mercado de trabalho e, portanto de ascensão social. Para muito, a única saída é ingressar nas atividades do tráfico de drogas.

Contudo, no âmago desse cenário sórdido surge, de forma paradoxal, uma questão que é central para o universo do tráfico de drogas: por quê determinados jovens manifestam o desejo de romper "cair fora" deste mercado ilícito. Porém, intencionar sair não é o suficiente. É preciso mais do que isso. É preciso ter a determinação de “virar o jogo da vida” mais uma vez. É com intuito de compreender essas mudanças de vida que surge a pesquisa “*Nas viradas da vida: jovens que romperam com o mercado do tráfico de drogas em favelas na Cidade do Rio de Janeiro*”.

O **Capítulo (um)** aborda as incoerências de uma cidade que é resultado de uma combinação perversa entre ricos e pobre, onde a população majoritária vive em estado de pobreza. Fato este, que favorece aos interesses econômicos e políticos do crime organizado numa ligação artilosa entre legalidade e ilegalidade, no qual o comércio do tráfico de drogas é uma das facetas mais rentáveis desta organização. Para tanto, faz-se referência sobre conceito, estrutura e a evolução do crime organizado após a década de 1980, época em que os índices de homicídios de homens jovens, associado ao tráfico de drogas, começaram a ganhar visibilidade no campo da saúde pública.

O **Capítulo (dois)** situa os procedimentos metodológicos adotados no estudo, bem como, a caracterização do perfil sócio-econômico e cultural dos jovens que participaram da pesquisa.

No **Capítulo (três)** descreve-se a fase de “*encantamento*” que marca o ingresso do jovem no crime organizado, o qual titulamos “*primeira virada*”. Através de narrativas, efetua-se uma análise sobre os dilemas vividos pelos jovens egressos, partindo do seu contexto familiar e comunitário da favela. Nesta reflexão, assinalam-se os motivos e as circunstâncias que determinaram a sua inserção, seu estilo de vida e suas experiências de banditismo, que foram marcadas por vitórias e derrotas. Foi possível, também, fundamentar algumas mudanças ocorridas no mercado varejista do tráfico, que redefiniram certas posições e funções dos jovens neste comércio.

Passando pela “*primeira virada*”, situam-se no **Capítulo (quatro)**, as circunstâncias que determinaram o “*desencantamento*” dos jovens pelo tráfico, o que designamos “*segunda virada*”, que descreve a “*emersão*” do jovem no crime. Reúne os motivos que levaram esses jovens a se afastarem do tráfico e narra as reinterpretações

que esses jovens têm sobre o universo do tráfico de drogas. Esta parte do estudo aborda um conjunto assimétrico de histórias de traição, punição e morte. O processo de saída ocorre, justamente quando o jovem começa a questionar ganhos e perdas deste estilo de vida e busca outras possibilidades que sejam mais condizentes com as suas aspirações juvenis.

O último **Capítulo (cinco)** revela os mecanismos de superação desses jovens com o tráfico, bem como, as redes de apoio que são formadas em seu entorno para subsidiar a transição da vida egressa. Como ilustração, descreve-se cinco histórias de “sucesso”, ou melhor, de “superação” do grupo egresso, que retratam os percalços e dilemas vividos por esses jovens. São momentos densos, intercalados por acontecimentos que reluz medo e coragem sobre fatos, que são lembrados pelos jovens que vão desde a sua entrada no tráfico até o momento de afastamento e rompimento com este mercado ilegal de trabalho. Faz-se, também, uma retrospectiva das possibilidades e dificuldades que esses jovens defrontaram e que ainda enfrentam para um novo caminho na sociedade.

O estudo procura mostrar o lado humano destes jovens. Suas razões, suas angústias, suas loucuras, seus sonhos, suas maldades, afabilidades e contradições. Não se pretende tomar partido sobre o tema, mas alertar que existe jovens que não deseja mais a “vida bandida” do tráfico. Tais evidências devem ser analisadas como uma questão importante que demanda ações interdisciplinares entre os diversos setores da sociedade. É a possibilidade de refletir sem a visão pré-concebida da sociedade e da mídia sobre essa juventude negra e pobre, só assim, conseguiremos como sociedade, buscar soluções mais efetivas para este segmento juvenil.

Na sessão de *anexos*, incluímos: (a) um levantamento sobre palavras e expressões comumente usadas pelo tráfico de drogas nas favelas do Rio. Este material foi elaborado com a participação de diversos jovens e liderança comunitárias de onze favelas do Rio; (b) o roteiro de entrevista utilizado no estudo; (c) o parecer do Comitê de Ética da ENSP e (d) o primeiro artigo, fruto deste estudo, aprovado pela Revista de Ciências e Saúde Coletiva da ABRASCO.

CAPÍTULO 1.

JUVENTUDE, DESIGUALDADES E CRIMINALIDADE: na cidade do Rio de Janeiro

"A paz dessa cidade depende de um equilíbrio delicado entre a munição dos bandidos e a corrupção dos policiais. A honestidade, não faz parte do jogo".

(Fala do personagem Capitão Nascimento
Filme Tropa de Elite)¹

Este capítulo procura abordar os paradoxos de uma “*cidade que combina relações tolerantes entre pobres e ricos*” (VENTURA, 2003, p.16), onde a população majoritária vive em estado de pobreza. Fato este, que favorece aos interesses econômicos e políticos do crime organizado numa combinação perversa entre legalidade e ilegalidade, na qual, o comércio do tráfico de drogas é uma das facetas mais rentáveis desta organização.

Neste cenário, cabe mencionar sobre o conceito, estrutura e evolução do crime organizado após a década de 1980, bem como, as mudanças político-sociais ocorridas na cidade do Rio Janeiro. Época em que os índices de homicídios entre adolescentes e jovens do sexo masculino começaram a ganhar visibilidade no campo da saúde pública, sendo a atividade do tráfico de drogas varejista, a principal causa dessas mortes.

1.1 POBREZA E DESIGUALDADES SOCIAIS NA CIDADE DO RIO

A Cidade do Rio de Janeiro apresenta uma população de 6.093.472 habitantes, dos quais 1.147.974 são adolescentes com idade entre 10 e 19 anos. Embora o

¹ Tropa de Elite é um filme brasileiro de 2007, dirigido por José Padilha. Apresenta como tema o Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro.

município do Rio esteja localizado na região sudeste do Brasil, com um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) melhor do que o norte e nordeste, 67% da população em 2000, encontrava-se em situação de pobreza (IBGE, 2002).

Ao longo de duas décadas a Cidade vem apresentando um quadro crescente de pobreza, com o surgimento de novas favelas e o aumento da população residente nestas áreas. De acordo com o Instituto Pereira Passos, o Município do Rio de Janeiro, até o ano de 2004, contava com 750 aglomerados urbanos (favelas), registradas no INPLAN-RIO, abrigando cerca de 20% da população da Cidade. A distribuição das favelas na Cidade do Rio ocorre de forma desigual. Observa-se que a Área Programática-AP3 abriga o maior número (312 favelas) e a Área Programática-AP2, o menor número (52 favelas) - (TABELA 1 e MAPA 1).

TABELA 1:

FAVELAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, POR ÁREA PROGRAMÁTICA (AP)²

ÁREA DE PLANEJAMENTO	Nº DE FAVELAS
CIDADE	750
AP1 - Centro	63
AP2 – Zona Sul	52
Ap3 – Zona Norte	312
AP4 – Barra e Jacarepaguá	150
AP5 – Zona Oeste	173

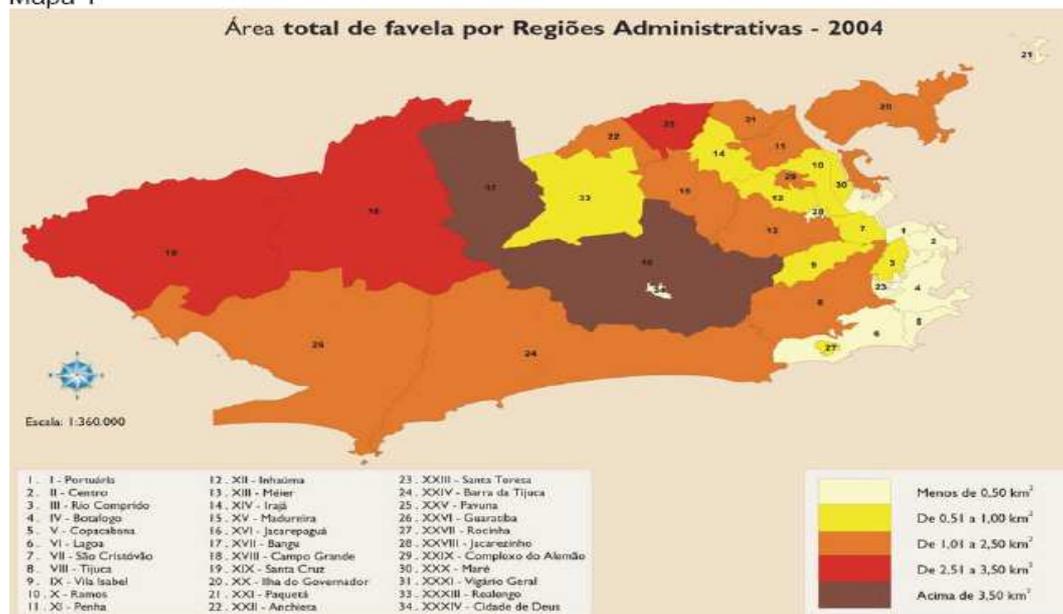
Fonte: IPP/DIG – SABREN, 2005.

MAPA 1:

LOCALIZAÇÃO DAS FAVELAS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

² A Área Programática (AP) é uma divisão territorial adotada pelo município do Rio de Janeiro, compatível com acesso demográfico, no qual, se que se utiliza de critérios de homogeneidade socioeconômica.

Mapa 1



Historicamente, o Rio de Janeiro sempre foi uma cidade que combinou relações tolerantes e conflituosas entre bairros nobres e guetos, entre pobres e ricos, modernos e antigos, jovem e velho, demonstrando uma notável capacidade de exprimir comportamentos de grupos étnicos nos mais variados territórios da cidade (NOBRE, 2005). Para LEITE (2000), desde o início do século XIX, o Rio é representado mundialmente como a “Cidade Maravilhosa”, título que lhe foi conferido a partir do livro de poemas *La ville merveilleuse*, de uma escritora francesa que esteve no Rio de Janeiro. A cidade sempre foi valorizada pela beleza de sua natureza, afabilidade de seu povo e vitalidade de sua cultura popular, atributos incorporados por seus habitantes à definição de sua identidade. Todavia, *subestimava-se, naquela época, os conflitos sociais pela imagem de um paraíso tropical.* (LEITE, 2000: P. 74).

Ao longo dos anos, foi impossível não visualizar o aumento das desigualdades sociais e, aos poucos o Rio foi adquirindo a imagem de uma cidade ainda que "maravilhosa", também "violenta", com altos índices de assassinatos, assaltos,

seqüestros, arrastões e, principalmente confrontos armados entre quadrilhas rivais de marginais ou de quadrilhas com policiais (LEITE, 2000; FRAGA, 2003). Para VENTURA (2003), em seu livro "Cidade Partida", ele discute que o *Rio de Janeiro se transformou numa verdadeira guerra: a da sociedade contra os bandidos, onde a vida não vale nada e a violência é a linguagem do cotidiano* (VENTURA, 2003: p.27). O livro relata conflitos de violência cuja solução não está meramente em destruir um suposto inimigo, mas o de incorporar a massa de excluídos à sociedade.

Provocar este processo pressupõe ter a cautela de não associar as situações de violência aos vieses da pobreza. Para MAGALHÃES (2000), criou-se uma confusão devida a uma superposição de território; o de favela, onde pessoas pobres residem e o de banditismo, onde se opera o crime organizado do tráfico de drogas. O banditismo se mantém independente da sua configuração, ou seja, ele existe tanto numa comunidade rural quanto numa metrópole. Portanto, a Favela não é um espaço exclusivo da marginalidade nem tampouco da violência urbana. *“É preciso diferenciar essas nuances porque esta confusão é a matriz de um grande preconceito que perpassa por décadas e faz com que a sociedade se ausente de uma providência que ela tem que exigir”* (MAGALHÃES, 2003: p.43).

O último Censo realizado pelo IBGE (2003) mostrou que 64% dos pobres urbanos no Rio de Janeiro se encontram fora da favela, o que derruba o mito da favela como local supremo da pobreza urbana. Apesar desta revelação, *a concepção da favela como território urbano dos pobres continua presente na mídia, o tempo todo, como também em trabalhos acadêmicos* (SANTOS, 2007: p. 51).

É considerável destacar que a noção tradicional de linha de pobreza está associada ao conceito de pobreza absoluta, a qual corresponde ao não-atendimento das

necessidades mínimas vitais relativas à sobrevivência física. Este conceito de pobreza é mais apropriado para aferição da privação em países pobres, visto que nestes locais as questões de sobrevivência física têm maior relevância. O conceito de pobreza relativa, utilizado mais amplamente em países ricos, define necessidades a serem satisfeitas em função do modo de vida predominante em determinada sociedade, o que resulta incorporar a redução das desigualdades sociais como objetivo de políticas públicas. Trata-se, portanto, de identificar os “relativamente pobres” em sociedades onde o mínimo vital já é garantido a todos. (ROCHA, 2003).

Embora a pobreza ainda seja avaliada predominantemente pelo critério da renda e a linha de pobreza estabelecida em termos de pobreza absoluta, existe uma forte corrente na literatura em defesa da necessidade de se incluir dimensões não-econômicas na análise das condições de vida das pessoas, bem como o reconhecimento cada vez mais amplo da importância de se avaliar também a pobreza relativa.

Evidências empíricas têm demonstrado que nem sempre o aumento da renda é acompanhado de melhoria do bem-estar humano – países com elevada renda *per capita* podem apresentar baixos indicadores de desenvolvimento para certos grupos sociais e vice-versa. *“Isto resulta do fato de que a renda, por si só, não se converte necessariamente em outras realizações ou na expansão da liberdade de escolha dos indivíduos, visto que os recursos monetários não compram todos os elementos necessários a uma vida com qualidade”* (SEN, 2000: P.22).

Para o autor, a pobreza deve ser entendida não apenas como uma condição de insuficiência de renda, mas como um estado de *privação de liberdade* (ou liberdade de escolha), podendo refletir-se em morte precoce, baixos índices educacionais, desemprego, morbidez, exclusão social, dentre outras deficiências. Trata-se, portanto,

de uma ausência de liberdade para realizar coisas que são valiosas para o viver humano. Como aponta SANTOS (2007) “*o caminho para explicar o paradoxo da pobreza carioca é compreender que eles não são pobres de renda, mas são pobres em liberdade*” (p.14).

O fenômeno conhecido como “favelização” é devido a nociva distribuição de renda, resultante de uma dívida social que propicia o crescimento desequilibrado de moradias “amontoadas”, onde vivem pessoas em condições subumanas. O termo *favela* é utilizado para designar habitações irregulares e densamente povoadas (IBGE, 2003). Frequentemente, são atribuídos significados pejorativos aos habitantes desses casebres, que são as principais vítimas da exclusão e da falta de assistência governamental. Segundo relatório da Organização das Nações Unidas (ONU, 2006), cerca de 32% da população das cidades do mundo moravam em favela.

Para BARRETO et al., (2007), o poder público que deveria, por obrigação, prezar pela sociedade em geral, priva os favelados - como costumam ser chamados - dos mínimos direitos. Diante disso, os moradores percebem-se como principais vítimas das desigualdades, a qual distancia cada vez mais o “morro” do “asfalto”, situação alimentada pela própria sociedade, acrescida da participação das violentas incursões policiais às favelas e reforçada pelos discursos preconceituosos dos veículos de comunicação.

Na atual conjuntura brasileira a realidade socioeconômica é pautada na dissociação entre favela e sociedade, sendo a última segregadora e responsável pela caracterização da imagem do pobre “favelado”, que para ela é interessante tornar invisível. A invisibilidade social é um problema contemporâneo que deve ser combatido

pela sociedade, pois como descrito em *Cabeça de Porco*³ pode gerar revolta e atos criminosos, porém não se trata de uma questão determinante, pelo contrário, está relacionada a outros fatores que apontam para a gravidade e complexidade da violência nas grandes cidades.

O documentário do *Ônibus 174*⁴ retrata com enfoque analítico o seqüestro de um ônibus no Rio de Janeiro. Discute e contextualiza as causas que levaram o rapaz (seqüestrador) a tomar essa atitude violenta. O filme narra a história de vida daquele jovem de 21 anos, que ficou despercebida pela mídia. O que o autor chama a atenção é que não importa o método empregado pelo jovem “marginal”, visto que a maioria são excluídos socialmente e privados de uma estrutura ou aparato familiar. Logo, esse personagem não tem nada a perder *apriori*, então, não importa o modo que é adotado, o importante é ser reconhecido, mesmo que depois de morto.

1.2 CONCEITO, ESTRUTURA E FUNCIONALIDADE DO CRIME ORGANIZADO

De acordo com a ONU, (2006) os impactos da corrupção atingem mais os cidadãos das camadas mais pobres, pois ao desviar recursos públicos, políticos, funcionários ou organizações criminosas comprometem os serviços essenciais fornecidos pelos governos, como: saúde, habitação, educação e moradia. A corrupção tem seus efeitos sentidos em longo prazo com a baixa qualidade em serviços básicos, desigualdade social, desrespeito aos direitos humanos, subornos e o aumento da violência urbana.

³. ATHAYDE; Celso; SOARES, Luiz Eduardo; MV Bill. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. Publicado pela editora objetiva, 2005. Reúne reflexões etnográficas sobre violência urbana com depoimentos de jovens envolvidos no tráfico de drogas no Brasil.

⁴ **Ônibus 174**. Documentário dirigido por José Padilha. Duração: 117 minutos. Distribuição: Rio Filmes. Brasil, 2002.

A pobreza e a violência urbana estão intimamente ligadas, pois a desigualdade social e a falta de oportunidade acabam criando excelentes condições de expansão do crime organizado nas áreas mais carentes, principalmente o tráfico de drogas e de armas. No Brasil, 1% da população recebe 10% da renda nacional, em contrapartida, 50% da população recebem também 10% dos recursos do país, ou seja, analisando esses dados percebe-se que a desigualdade e a exclusão social são as principais causas do envolvimento de jovens de famílias de baixa renda nas atividades criminosas.

A violência, a corrupção e o crime organizado, estão cada vez mais presentes no mundo contemporâneo. OLIVEIRA (2007), em recente estudo aponta os mecanismos que sustentam as diversas lógicas de manutenção e expansão do crime organizado. Para o autor, a organização e a expansão do crime configuram modalidades de conexão entre o Estado e a sociedade, ou seja, é na relação entre as instituições e os agentes que se produzem as lógicas diferenciadas do crime organizado, configurando, assim, uma nova ordem social.

Existe uma variedade de definições do que seja *crime organizado*, todas possibilitando a formação de um determinado conceito. Há, porém, uma lógica central, qual seja; a que *toda atividade destinada a alcançar poder e lucro, tendo certa estrutura de ordenamento e funcionamento com a intenção de transgredir à moral e à lei* é denominada de “crime organizado” (Oliveira, 2007: p.31). Para o nosso estudo o campo de análise está centrado na definição de crime organizado na perspectiva das Ciências Sociais, onde a busca da definição e da teoria se fundamentam na análise histórico-estrutural da relação entre o Estado e a sociedade.

Para VELLOSO (2002), o crime organizado sempre existiu entre os homens no mundo. Exemplos da história citam-se *Barrabás* e seu bando, que viveram na época de

Jesus Cristo, o legendário *Robin Hood* e seus seguidores que roubavam dos ricos para dar aos pobres, o *Ali Baba* e os 40 ladrões e tantos outros. No Brasil, a história mais conhecida sobre o início do crime organizado é de *Lampião* e seu grupo de cangaceiros, bandido do sertão nordestino, que no período de 1930 andava fortemente armado.

Ao longo dos anos a organização do crime foi se modificando e se adaptando a uma nova ordem, evoluiu e se modernizou. Hoje, o crime organizado encontra-se em diversos setores e, principalmente no alto da cúpula política e econômica. Para o autor, o imaginário popular sempre divagou entre a fascinação pelos tenebrosos mistérios das organizações criminosas e o pavor que despertava a crueldade com que estes grupos agiam.

O crime organizado clássico, como a pirataria, o contrabando, entre outras modalidades, possuía pontos em comum: o primeiro deles é a presença de um líder forte e toda sua organização convergia para a pessoa desse líder. Caso esse líder fosse preso ou morto, toda a organização ruía. Outra particularidade desse tipo de organização era que suas empreitadas se davam muito mais pelo caráter aventureiro, do que de uma atividade bem estruturada e planejada.

A década de 1980 foi um período de transição entre a velha ordem internacional bipolar do pós-guerra, denominada Guerra Fria, e uma nova ordem internacional que deu fim ao dualismo político-econômico entre o bloco comunista e o bloco capitalista. Essa nova ordem internacional caracterizou-se principalmente pela integração econômica regional, pelo neoliberalismo e pela globalização, que revolucionou o sistema de acesso e circulação de informações pelo mundo e mudou o papel dos estados nacionais na sociedade.

O processo de globalização econômica criou e vem criando instrumentos que

facilitam a circulação de fundos monetários entre países. Atualmente, milhões de dólares circulam diariamente pelos países através de transferências monetárias. Com isso, criaram-se condições perfeitas para organizações criminosas executarem a lavagem de dinheiro, tornando-se cada vez mais difícil identificar a origem desses recursos. Outro ponto negativo do processo de globalização é a internacionalização do crime organizado. Hoje existem organizações criminosas que atuam em vários países praticando tráfico de drogas e de armas, prostituição, ações terroristas, entre outros atos ilícitos.

As relações comerciais e políticas evoluíram, assim como também o crime organizado evoluiu, adaptando-se às novas formas de relacionamentos e de proteção. As organizações criminosas passaram de simples apostadores, para estrategistas calculistas, buscando ainda o lucro, mas com o menor risco possível, modificando a estrutura de operação das organizações criminais. Até mesmo as centenárias organizações como a máfia siciliana e a yakuza japonesa, buscaram nos negócios lícitos, princípios para utilizá-los na “administração” de suas organizações.

O crime continuou sendo o caminho para o lucro, contudo, agora, as organizações não se firmam em um líder forte, a estrutura foi alterada, tornando-a forte o suficiente para suportar a prisão ou a morte de seus líderes. Os delitos começaram a ser praticados de uma maneira mais racional, contando com a constância do mercado consumidor. Essa alteração na estrutura do crime organizado possibilitou um maior campo de atuação, o que acabou por mesclar atividades lícitas com ilícitas. Neste sentido, torna-se difícil encontrar “um conceito que possa abranger todo o conjunto de atividades ilícitas. (OLIVEIRA, 2007).

Para VELLOSO (2002), o conceito atual de crime organizado, no Brasil, está mais complexo uma vez que prescinde de diversos elementos, quais sejam: (a) estrutura empresarial como as das grandes empresas, ou seja, possuem planejamento empresarial, hierarquia, poder econômico-financeiro; (b) poder de representação; (d) mobilidade; (e) fachada legal, demanda de mercado; (f) uso de modernos meios tecnológicos; (g) corrupção e alto poder de intimidação, procurando expandir sua atuação para além das fronteiras do Brasil onde leis brasileiras não têm nenhum efeito.

O mesmo autor menciona que o governo brasileiro reconhece que o crime organizado e a corrupção causam sérios problemas sociais e econômicos para o país. A Secretaria Nacional Anti-drogas (SENAD) e o Ministério da Justiça estão articulados com o intuito de reduzir a lavagem de dinheiro, o tráfico de drogas e armas no Brasil. O principal objetivo dessa parceria é melhorar a capacidade de investigação, treinamento policial e cooperação internacional.

Estilos de atuação do crime organizado no Brasil

Para (OLIVEIRA, 2007), o crime organizado no Brasil encontra-se em fase pré-mafiosa, não obstante a isso, sua presença já é notada, principalmente nas grandes cidades, onde suas atividades se encontram de forma mais contundente. As organizações pré-mafiosas mais conhecidas no Brasil são: *os bicheiros, atuando nas grandes cidades com possíveis envolvimento em bingos, cassinos, lenocínio, narcotráfico, lavagem de dinheiro e jogos ilegais*. Conta-se, ainda, com as milícias ilegais e, a máfia dos políticos articulada com empresas estatais e privadas e organizações não-governamentais.

A *máfia do colarinho branco* é uma designação geral dada a várias quadrilhas formadas por autoridades legais, sem que necessariamente tenham ligação entre si. Geralmente incorrem em crime de tráfico de influência e lavagem de dinheiro. O crime organizado é investigado pelas Delegacias de Repressão e Investigação. Segundo relatório da Polícia Federal (2006), os membros das organizações criminosas armam-se pesadamente, logo se pode dizer que as armas – e os assassinatos – são o sustentáculo da engrenagem do crime organizado, principalmente os associados ao tráfico de drogas.

As *Milícias* são grupos para militares, formados por policiais e ex-policiais civis e militares, bombeiros, vigilantes, agentes penitenciários e outros, em grande parte moradora das comunidades, que cobram taxas dos moradores por uma suposta proteção e repressão ao tráfico de drogas. Para CUFA (2007), este fenômeno surgiu na Cidade do Rio e, atualmente 92 favelas estão dominadas por milícias urbanas ilegais, coordenadas por agentes de segurança pública, políticos e líderes comunitários.

No que se refere às *facções marginais*, o Brasil conta com o *Comando Vermelho* (C.V.) com seu poder de atuação concentrado no Estado do Rio de Janeiro, destacando-se pelo tráfico de armas, roubos, narcotráfico, entre outros; o *Primeiro Comando da Capital* (PCC) que é formado por todos os tipos de criminosos, com atuação vasta, que vai desde a proteção, até os assassinatos encomendados, seqüestros, roubos, etc. O *Terceiro Comando* (TC) com grande atuação na cidade do Rio de Janeiro e sua derivação os Amigos dos Amigos (ADA).

Evidencia-se, que esses comandos são formados por quadrilhas que obtém o controle das rotas de tráfico de uma determinada região. Um Comando não costuma dar abertura para a entrada de pessoas de fora da sua comunidade na organização, mas podem submeter quadrilhas menores através de ameaça. Além disso, não raro, se valem

de usuários de droga, de classe média, como "aviões" para ampliar sua área de venda. Sua principal atividade é o tráfico de drogas.

Consolidação do tráfico de drogas na Cidade do Rio

Para CARVALHO (2006) a gênese da marginalidade social surge na cidade do Rio de Janeiro, a partir do processo de colonização e, posteriormente do impacto das contradições da própria evolução urbana. Em meados do século XIX, surge a figura do “vadio”, o suposto vagabundo. Era o modo pejorativo como o Estado e a sociedade retratavam o cotidiano deste personagem e a forma peculiar de inserção na nova divisão social do trabalho. Assim, *“o centro da cidade do Rio é o cenário das conseqüências destes fatos, onde se verifica a gênese e a cristalização da marginalização da pobreza, visto que, a sua problemática colocam em análise as ações dos homens comuns e os micro-conflitos sociais do cotidiano”* (p.47).

A marginalidade carioca a partir da década de 1970 assume determinadas particularidades, quando as drogas ilegais entram no Brasil com maiores proporções e passam a ser vendidas em larga escala. Tal dinâmica se reflete no aparecimento de um novo personagem, o “traficante de drogas”. Porém, a negociação das drogas como a maconha é uma prática antiga no Rio de Janeiro que remonta o início do Século XX (MISSE, 1999), e nas favelas, desde a década de 1940 (SOUZA, 1994). Na ocasião, o uso e a comercialização da maconha passaram a ser considerados crime, com o Código Penal de 1944. Até a década de 1960, havia apenas um pequeno público consumidor que geralmente ficava perto do ponto de venda de cada “boca de fumo”, que manipulava pequena quantidade de dinheiro.

LINS (2002), em seu romance *Cidade de Deus*⁵, que posteriormente virou filme, narra que na década de 1960 as atividades criminais eram voltadas especificamente para assaltos a estabelecimentos comerciais. A venda de maconha era uma atividade ilícita menor e muitas vezes dirigida por mulheres, que geralmente tinham uma participação pequena no universo criminal. Ter uma “boca de fumo” era uma atividade ilícita de iniciativa individual, envolvendo poucas pessoas, sem uma grande rede. Mas, é nesta época, que o tráfico sofre mais perseguição policial com o fato da ditadura militar, que passa considerar o traficante de drogas um personagem lesivo à segurança nacional (LEEDS, 1998; BATISTA, 1998). Paralelamente, nesta ocasião, o Rio deixava de ser a capital do país, trazendo um esvaziamento tanto cultural quanto político para a cidade, o que agravava a questão da criminalidade.

Nos anos 1970, os maiores consumidores de maconha eram jovens da classe média (VELHO, 1998), mas com a entrada e o crescimento do uso de cocaína o tráfico de drogas tornou-se mais lucrativo do que os assaltos aos bancos, até então a atividade criminal com maior retorno financeiro. NOBRE (2005) adverte que apesar do comércio das drogas já existir nas favelas antes do *boom*, esta atividade não tinha estrutura e nem visibilidade na cidade. Porém, com o tempo, os marginais que residiam nas favelas foram percebendo que a comercialização das drogas era mais rentável do que outros tipos de delitos.

Para MISSE (1999), esse cenário teve maiores desdobramentos entre o final desta década e início de 1980, com o crescimento significativo do consumo de cocaína e do mercado informal de drogas, nas grandes metrópoles brasileiras, em especial em São

⁵ **Cidade de Deus**. Filme dirigido por Fernando Meirelles. Duração: 135 minutos. Distribuição: Lumière / Miramax Films. Brasil, 2002. O livro foi lançado em 1997.

Paulo e Rio de Janeiro Assim, aos poucos o Rio estava diante de um novo “bandido” – o traficante de drogas – que morava na favela e tinha em seu poder armas poderosas. Esta condição marginal dentro do espaço comunitário criou uma imagem social do traficante como uma espécie de “herói” do morro, um *Rob Wood*.

Concomitante, a corrupção de segmentos da segurança pública (polícia) articulava com os bandidos (traficante), que se colocavam menos visível para a sociedade. Assim, silenciosamente o narcotráfico se transformou numa atividade empresarial criminosa de grandes proporções. Um dos traços mais marcantes destas "empresas comunitárias" era (e ainda é) a guerra interminável entre as quadrilhas na disputa pelo controle dos pontos de venda e distribuição de drogas, que produzem pânico, tensão e medo em muitos bairros. Nenhuma outra grande cidade brasileira vive tão veementemente as conseqüências da consolidação do tráfico de drogas em seu território como o Rio de Janeiro. É atualmente para a população carioca a atividade criminal mais preocupante, letal e lucrativa (LEEDS, 1998).

Na década seguinte, 1990, o Rio passou a ser considerado internacionalmente como uma das cidades mais violentas do mundo, com assassinatos, roubos, assaltos, seqüestros, arrastões nas praias, brigas de jovens em bailes *funk* e confrontos armados entre quadrilhas rivais ou entre polícias com armas de grande poder de destruição. Porém, o que realmente vai caracterizar esta época é a criação de redes e referências sociais tanto entre agentes diretamente envolvidos, quanto entre aqueles não envolvidos no negócio, mas sofrendo suas conseqüências (LEITE, 2000; FRAGA, 2003).

Para NOBRE (2005), a crise da violência urbana foi se consolidando frente à incapacidade do aparelho Estatal - segurança pública – que passou a não dar conta da criminalidade relacionada ao tráfico de drogas, que apresentava novos padrões de

organização e sustentação. Essa nova violência foi tomando corpo mediante o aumento do consumo de drogas por pessoas dos segmentos médios e altos da população. No final dos anos de 1980 a mídia aventou que a força dos traficantes estava se tornando um "poder paralelo". Já se falava, na época, sobre um possível "Terceiro Estado", devido à dimensão de poder do crime organizado nas principais metrópoles brasileiras.

MISSE (1999), estabelece quatro fatores fundamentais para o incremento da lucratividade do narconegócio, que seriam: (1) o aumento das vendas de maconha que, embora de lucratividade baixa, era comercializada em grande volume; (2) a entrada efetiva da cocaína no mercado interno; (3) a organização nos presídios; (4) os assaltos a bancos que permitiram uma acumulação de recursos, parte da qual migrou para a compra de drogas para a revenda. Todavia, o mercado ilegal de drogas foi dominado inicialmente pelo jogo do bicho e somente atuou em grande escala a partir da década de 1970, quando passa a ser efetivamente controlado por quadrilhas denominadas "comandos", que provocarão a segmentação dos territórios das favelas cariocas.

Segundo o mesmo autor, pode-se, assim, dividir a organização do tráfico em dois períodos distintos; entre os anos de 1984 a 1986, quando surgem os grupos chamados de Falange, e depois com o aparecimento do Comando Vermelho. A partir de 1989, os grupos se rearticularam, segundo a lógica da oligopolização das vendas, com outros grupos que se fracionaram em "Comandos" variados, mostrando-se mais violentos e seguindo um rodízio dos "donos" dos pontos de vendas. Neste período, dever-se-ia acumular o mais rapidamente possível capital e transferi-lo simultaneamente para atividades lícitas (táxis, imóveis, motéis, comércio, entre outras). Aponta-se o *segundo* período pós-1986 como o mais violento, tendo como uma das conseqüências mais visíveis a participação de jovens que ingressaram nas fileiras do tráfico.

Para MISSE (1999), os principais estudos sobre a violência no *mercado informal ilícito ou criminal* têm se concentrado nas maiores regiões produtoras ou distribuidoras de drogas. O subsistema de varejo é implementado de forma diferente. Há uma ênfase em gangues “*que têm as favelas e outros espaços segregados como base para suporte logístico*” (p.7). No Rio de Janeiro, as gangues, geralmente organizadas em comandos, podem envolver um conjunto diverso de atores, como *proprietários* (podem ser negociantes médios, dependendo do número de pontos-de-venda), *gerentes* (encarregados pelo movimento nos pontos-de-venda); *segurança* (responsáveis pela proteção dos pontos-de-venda); *vendedores* (oferecem drogas a clientes); *vigias* (alertam sobre a aproximação da força policial ou de gangues rivais) e outros, como *trabalhadores*, que empacotam a droga (muitos dos quais são mulheres), e policiais, que extorquem os vendedores ou são contratados para trabalhar para eles.

Em nível de varejo “*nas grandes comunidades, as atividades relacionadas ao narcotráfico apresentam diversas especializações - as mulheres embalam as drogas, jovens são vigias, jovens mais velhos entregam as drogas ou vendem-nas em pontos-de-venda na comunidade, adolescentes ostensivamente armados patrulham os territórios (...). Quaisquer que sejam as funções, a maioria das pessoas envolvidas vêm o narcotráfico como uma das poucas alternativas economicamente viáveis disponíveis*” (ALVITO, 1999: p. 76).

Para o autor, a atividade criminosa do tráfico de drogas funciona como uma empresa comercial, com princípios básicos de mercado, em linha com os interesses dos grupos econômicos que controlam a atividade. Sendo uma atividade ilegal e, portanto não submetido o controle institucional, o uso de armas é o principal instrumento para garantir a perpetuação dos esquemas de tráfico, o que geralmente ocasiona fortes

episódios de violência e morte. A estrutura da organização se dá na forma de oligopolização por uma cúpula dos negócios, como já ocorria anteriormente com o *jogo do bicho*⁶.

PERALVA (2001) é enfática ao assinalar a inseparável relação entre o crescimento da criminalidade e a desorganização das instituições responsáveis pela ordem pública no bojo da transição de uma ditadura para governos civis, com acentuado comprometimento de seus agentes com o crime, em geral, e a corrupção, em particular. É um “poder” que corrompem policiais e autoridades públicas e, que se utiliza de milhares de crianças e adolescentes, tendo como uma de suas maiores conseqüências o aumento do número de vítimas civis das ações policiais legais ou não.

Insera-se, aqui uma discussão trazida recentemente pela pesquisadora Alba ZALUAR (2006), sobre o processo de democratização iniciado em 1978 que foi acompanhado por aumento espetacular da criminalidade, o qual ela considera ser devido “aos mecanismos da vingança pessoal e impulsos agressivos incontroláveis, visto que nem o perdão nem a pacificação foram discutidos publicamente no término do regime militar” (p.78). Por fim, o enigma de uma violência brutal entre homens jovens que afetou muito pouco as mulheres e outras categorias de idade.

A fim de analisar o crescente aumento dos homicídios entre os homens jovens, nos últimos anos, a autora utiliza quatro dimensões: o contexto internacional do tráfico de drogas e de armas de fogo; a importância e os limites das explicações macrossociais sobre a criminalidade violenta que interage com os mecanismos transnacionais do crime

⁶ O jogo do bicho (jogo de sorte ou azar), surgiu no Brasil no início da República pelas mãos do **Barão de Drummond**, João Batista Viana Drummond. O aristocrata decidiu fazer uma campanha para conseguir reerguer o jardim zoológico de sua propriedade, em Vila Isabel, no Rio de Janeiro, que passava por dificuldades.

organizado; a inércia institucional que explica a ineficácia do sistema de justiça; os processos microssociais ou as formações subjetivas sobre a concepção de masculinidade em suas relações com a exibição de força, dinheiro e armas de fogo.

1.3 JUVENTUDE, POBREZA E TRÁFICO DE DROGAS VAREJISTAS

A situação da adolescência e juventude desfavorecida no meio urbano sempre foi um tema controvertido no Brasil. As contradições econômicas e políticas, ao longo dos tempos, conduziram a um cenário cheio de violência, opressões e humilhações para este grupo populacional. É um somatório de incompreensão, discriminação e estigmas que distanciam este segmento populacional da equidade social e do fortalecimento da auto-estima, levando-o a um processo de exclusão e alienação social. Em consequência, cada vez mais os jovens estão trocando a escola, a família e, até mesmo a sua própria vida pelo mercado informal do tráfico de drogas. Tal situação pode ser entendida, a princípio, como reflexo da pobreza e do cenário caótico em que se encontram diversos adolescentes e jovens. Frente a esse quadro social, os jovens vivem uma realidade dura e oprimida e apreensão de que talvez não conseguirão se tornar sujeitos dignos de sua própria história.

Inseridos numa sociedade historicamente desigual e preconceituosa, jovens moradores de favelas, em sua grande maioria afro descendentes, são impedidos de desfrutar de uma vida digna, com igualdade e oportunidade de acesso aos bens necessários à existência humana, como trabalho, habitação, saúde, educação, lazer e reconhecimento, fatores estruturais que constituem a condição para efetivação da cidadania. (CRUZ NETO et al., 2001).

Para tentar suprir as lacunas econômicas, familiar e até mesmo social, muitos jovens enveredam pelo comércio ilegal de drogas, passam de pequenos “falcões”⁷ a comandantes de quadrilhas e facções. A curto prazo é o meio mais fácil de eles ganharem dinheiro. O desvio de conduta de alguns não representa a totalidade, entretanto, acontece um estigma generalizado. Os indivíduos que estão à margem da sociedade são constantemente discriminados, sendo a eles atribuídas denominações pejorativas de marginais, bandidos, delinquentes e são vistos como uma ameaça à população que vive no “asfalto”. Muitos não conseguem trabalho por morar em favelas, porque as pessoas associam estas à criminalidade. “Drogas, armas, sem futuro/Moleque cheio de ódio, invisível no escuro/É fácil vir aqui e mandar matar/Difícil é dar uma chance a vida/Não vai ser a solução mandar blindar/O menino foi pra vida bandida” (MV BILL, 2006).

Juventude em conflito com a lei

A violência urbana praticada por jovens tem-se transformado num grave problema para a sociedade brasileira, especialmente nos centros urbanos (Assis & Souza, 1999). A criança e o adolescente em conflito com a lei sempre estiveram presentes no processo de colonização brasileira, e posteriormente, pelo impacto das contradições da própria evolução do país. Na época da Republica Velha, quando se acentuaram os problemas sociais gerados pela mudança no modelo econômico, a classe dirigente brasileira passou tratar a “questão do menor” como “caso de polícia”. Ao longo do período republicano, o “menor” passou a ser visto pelos governantes como

⁷ **Falcão – Meninos do Tráfico**. Documentário dirigido por MV Bill e Celso Athayde. Duração: 58 minutos. Distribuição: Som Livre. Brasil, 2006.

“ameaça social”, e o atendimento a ele dispensado pelo poder público tinha por fim corrigi-lo, regenerá-lo, pela reeducação a fim de devolvê-lo ao convívio social (COSTA, 1989; UNICEF, 2002). Para MOURA (1999) as soluções para o problema apontam sobretudo, na direção de classificar, controlar, confinar, disciplinar e recuperar a população infanto-juvenil empobrecida na Cidade. Ao mesmo tempo em que essas leis são engendradas através das fendas de um modelo que não se sustenta diante do vivido, vivido que não é possível omitir ou negar na dialética da vida.

Ao longo desse percurso histórico várias foram às medidas implantadas pelos governos e diversas terminologias utilizadas para dar conta da situação da criança e adolescentes pobres em conflito com a lei, o que muito contribuiu para a existência de discursos distorcidos em torno da infância e da adolescência na sociedade brasileira. Como reflexo deste processo, em 1964, surge a FUNABEM – Fundação Nacional do Bem Estar do Menor. Na ocasião o governo militar montou uma dispendiosa máquina administrativa e técnica para atender as crianças e aos adolescentes “marginalizados” concebidos como “carentes”. Essa política nacional de bem-estar do menor (Lei 4513/64), com traços preconceituosos, estabeleceu uma perspectiva assistencialista, ignorando potencialidades e direitos de crianças e adolescentes pobres.

Como resposta social foi se formando um movimento de resistência e luta em favor dos segmentos sociais mais injustiçados, que culminou nos anos 1980 na falência da estrutura da Funabem, apoiada por inúmeras denúncias contra a negligência e a transgressão do Estado. Concomitantemente eclodiu, nesta época, a “questão do menino de rua e/ou na rua”. De modo geral, os meninos de rua passaram a constituir um grupo “perigoso”, para a sociedade, e que, portanto, necessitavam de um controle social severo.

SUDBRACK (2005), relata que a década de 1980 foi um período que trouxe enormes tensões sociais entre a população infanto-juvenil pobre e a sociedade carioca; de um lado as denúncias constantes de maus tratos e abuso sexual com os “menores” internos no sistema da Funabem (Fundação Nacional do Bem Estar do Menor). De outro lado, aumentava-se a “delinqüência juvenil” nas ruas da Cidade. Entretanto, na ocasião passou despercebido o fato de que o tráfico de drogas já estava tomando corpo em algumas favelas da cidade, inclusive, recrutando adolescentes para o seu “bando”. Mas, neste momento toda a atenção social estava voltada para os “meninos de rua”, visto que eram visíveis e incomodavam a população. Enquanto isso os “meninos de comunidade” ficaram invisíveis aos olhos da sociedade, só manifestando atenção especial por volta dos anos 1990, quando os índices de homicídios passaram a refletir uma realidade cruel para este segmento populacional.

As instituições representativas dos movimentos sociais, do mundo jurídico e das políticas públicas, preocupadas com a promoção dos direitos das crianças e dos adolescentes mobilizaram-se para fazer incluir na Constituição Brasileira de 1988, os avanços contidos na Convenção de Direitos da Criança da ONU – Organização das Nações Unidas. Essa mesma mobilização possibilitou, em 1990, a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente. Assim, pelo Estatuto, a população infanto-juvenil *é sujeito de direitos, pessoa em condição de desenvolvimento e prioridade absoluta da família, da sociedade e do Estado* (UNICEF, 2002: P 12).

A transformação de “menor portador de carências” em “cidadão sujeito de direitos” dá um novo rumo às políticas de atendimento à infância. É a substituição do assistencialismo por um trabalho sócio-educativo emancipador, visando o resgate da cidadania. Com a consolidação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em

1990, a população infanto-juvenil, até 18 anos teve os seus direitos assegurados por lei. Passou a ser responsabilidade de toda a sociedade, bem como, função do poder público, a garantia deste direitos e zelar para que crianças e adolescentes sejam atendidos e respeitados.

Com base no ECA, surgem propostas alternativas de atendimento e intervenção sócio-educativa, revelando questões como, entre outras, as implicações sociais de repetência escolar, a questão da criança e do adolescente trabalhador ou a noção de criança em circunstâncias especialmente difíceis. Gerou assim uma nova consciência na sociedade sobre a problemática social da criança e do adolescente das camadas desfavorecidas (CENPEC, 1995). Entretanto, COSTA (1989) aponta que somente uma pequena parcela da população infanto-juvenil usufrui de atividades saudáveis, na medida em que a desigualdade social que divide a sociedade brasileira é a principal razão da criminalidade, inclusive a dos menores e, conseqüentemente, de sua repressão.

De certa forma, a situação da adolescência e juventude desfavorecida no meio urbano, que se insere em atividades à margem da legalidade, sempre foi um tema controvertido no Brasil, mas não cabe somente entendê-la como um mero reflexo da pobreza ou do cenário caótico em que se encontram muitos adolescentes e jovens (ARANTES et al., 2000).

Juventudes e suas implicações com o tráfico de drogas

Os primeiros estudos sobre a participação de jovens no tráfico, nas favelas do Rio, reportam ao início dos anos 1980⁸, com o livro “A Máquina Revolta” e

⁸ Alba Zaluar escreveu o primeiro livro sobre o tema “A máquina Revolta (1985)”, fruto de sua tese de doutorado.

posteriormente “O Condomínio do Diabo”, ambos escritos pela socióloga Alba Zaluar. Nessa época, Gilberto Velho (1989) lança “Nobres e Anjos”, ampliando a temática do relacionamento do jovem com a criminalidade. Foi neste período que a sociedade passou a dar conta do aumento gradativo das altas taxas de homicídios ocorridos nesse tipo de comércio.

ZALUAR (1994) interpreta que a questão da violência urbana está diretamente relacionada as desigualdades sociais. Situa que “*culpar a pobreza tem o efeito de fazer dos pobres, principais vítimas da violência e da criminalidade, seus autores e bodes expiatórios*” (p.23). Para a autora, as desigualdades sociais incentivam as atividades ilícitas, sendo uma maneira possível de ascender nessa escala desigual. O jovem negro e pobre visualiza um futuro cheio de incertezas e, por vezes, de perdas e danos. Enfrentam problemas de inserção social de várias ordens, que afetam sua transição à idade madura. São precocemente impulsionados à vida adulta, entram cedo no mercado de trabalho, geralmente em condições irregulares e com sérios riscos para sua vida (RUZANY, 1996). Produz-se uma distância imensa entre as expectativas ocupacionais e as possibilidades reais de incorporar-se ao mercado laboral de forma digna, em função de seus níveis educacionais. Não é por acaso que estão cada vez mais sem perspectivas e alguns deles - pertencentes a famílias que estão abaixo da linha da indigência e da pobreza, vítimas do abandono e da incapacidade do Estado - acabam se envolvendo nas atividades criminosas

Para NOVAES (2002), o importante é não generalizar, mas abordar a multiplicidade de segmentos que compõem o perfil das juventudes brasileiras, considerando as diferenças e as desigualdades de condições (de posição na estrutura social, renda, gênero, etnia, meio em que vivem etc.), assim como as variedades de

práticas e opiniões. Dadas essas ponderações, é mais oportuno falar em juventudes, no plural, do que de juventude, no singular. Entretanto, estudos ressaltam a existência de alguns elementos, atitudes e percepções similares, comuns a diferentes setores e situações sociais, que podem dar consistência ao termo "juventude" e aparecer como marcas geracionais, que permitem esboçar a singularidade da condição juvenil no Brasil de hoje.

Apesar das adversidades e dificuldades da sociedade, os jovens manifestam, de forma surpreendentemente semelhante, otimismo e satisfação com suas vidas e com o fato de serem jovens, e também a convicção de que podem mudar o mundo, embora o alcance e o sentido desta convicção sejam interpretados de maneira diferente por autores como LASSANCE (2004) e FORACCHI (1982). Trata-se, assim, de expressão da virtude que mantém viva a capacidade de resistência, de disputa e de renovação.

FORACCHI (1982) situa que é fundamental compreender a juventude como categoria social, como um conceito cultural e histórico construído e compartilhado socialmente sob uma condição provisória e transitória. "*Cada sociedade constitui o jovem à sua imagem*" (p.302). Para CERVINI & BURGER (1996), "os limites etários que definem a infância e a adolescência apresentam um caráter histórico-social, mudam temporalmente e de sociedade para sociedade" (p.31). Logo, os conteúdos dessas categorias sociais refletem a compreensão de papéis desempenhados e aceitos socialmente em distintos tempos e sociedades diferentes. Assim, o conceito de juventude deve ser tratado como uma produção sócio-histórica, posto que cada época e sociedade admitem sua concepção própria e lhe atribui funções específicas (LULIANELLI & FRAGA, 2003).

Todavia, a mesma sociedade pode produzir tipos de jovens bastante diversos, inserindo-se em posições distintas e apropriando-se de hábitos e valores específicos de acordo com as “maneiras de ser” que lhes são impostos - ou que têm possibilidade de constituir, pois não são as mesmas para todos. Na distribuição diferencial que forçosamente ocorre, uns são mais privilegiados do que outros. Desse modo, fica claro que a juventude não é una, e que a diferenciação social e a diversidade econômica têm peso importante na configuração das distintas "maneiras de ser" impostas aos jovens. Portanto, a mobilização dos recursos e das potencialidades que possui depende diretamente das alternativas abertas aos jovens por sua inserção social, pelas posições que ocupam, pelos caminhos oferecidos para sua trajetória de vida.

São nas diferenças e desigualdades sociais que se verificam as diversas formas de socialização e sociabilidade dos jovens, filhos da classe trabalhadora, que são negros e pobres, moradores das favelas do Rio de Janeiro (ARANTES, et al., 2000). Não é por acaso que os jovens estão cada vez mais sem perspectivas e alguns deles - pertencentes a famílias que estão abaixo da linha da indigência e da pobreza, vítimas do abandono e da incapacidade do Estado - acabam se envolvendo nas atividades criminosas (ZAMORA, 1999). Sem dúvida, é um exército fácil para compor as gangues urbanas e organizações criminosas da venda de entorpecentes. Ao longo de trinta anos, o tráfico de drogas vem se tornando uma escolha de vida e trabalho para diversos jovens pobres e disputa, hoje, o ranking das estatísticas de homicídios nos grandes centros urbanos (ZALUAR, 2004).

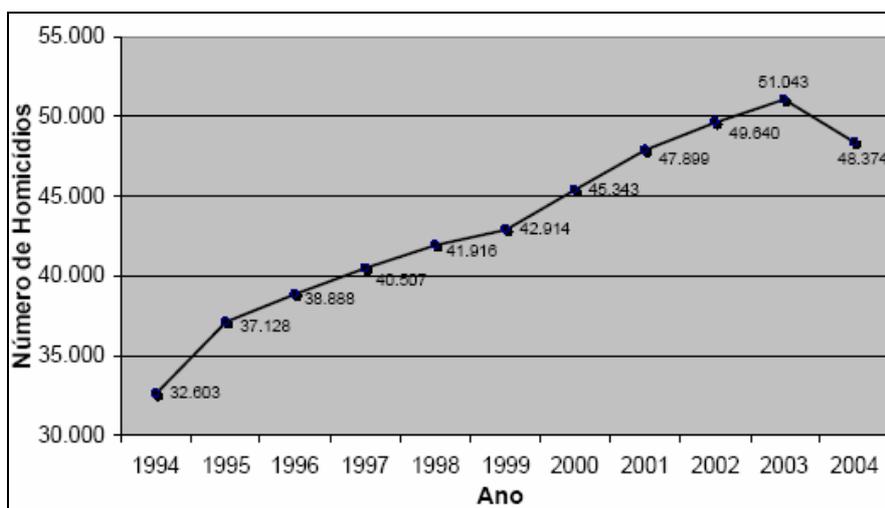
No Brasil, a morte por armas de fogo é a principal causa de mortalidade entre homens jovens, pobres e negros. Segundo pesquisa da UNESCO (2006), sobre os Estados brasileiros, a taxa de homicídios de jovens é de 68,3 mortos por 100 mil habitantes, na

Cidade do Rio de Janeiro, sendo 74% maior do que a média de brancos da mesma idade, sendo o tráfico de drogas o responsável por 90% dos homicídios.

Quanto as mortes violentas de jovens brasileiros, segundo Dados Nacional do Sistema de Informações da Mortalidade (SIM), do DATASUS do Ministério da Saúde. O número total de homicídios registrados pelo SIM, no período de 1994 a 2004, passou de 32.603 para 48.374, representando incremento de 48,4%, bem superior ao crescimento da população, que foi de 16,5% nesse mesmo período. O número de homicídios cresceu assustadoramente até o ano de 2003, com taxas bem elevadas, em torno de 5,1% ao ano. Entretanto, em 2004, o número de homicídios cai 5,2% em relação a 2003, fato atribuído às políticas de desarmamento desenvolvidas nesse ano (GRÁFICO 1).

GRÁFICO 1

HOMICÍDIOS NO BRASIL PERÍODO: 1994-2004



Fonte: SIM/SVS/MS e Mapa da Violência 2006: Jovens do Brasil

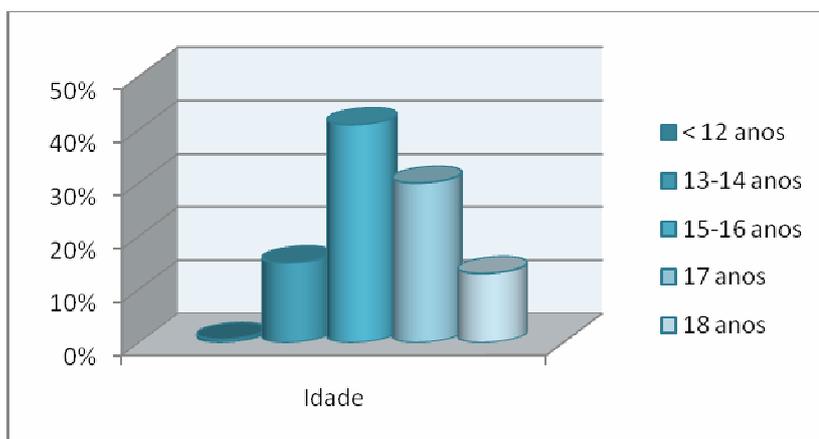
Com referência ao número de homicídios na população jovem, o aumento decenal (64,2%) foi superior ao experimentado pela população total (48,4%). Além

disso, em todas as regiões do país, o aumento decenal das vítimas jovens foi maior do que os registrados na população total. Este quadro social é explicado pela ausência de políticas pública eficazes para este segmento populacional, que acarreta na aproximação dos adolescentes e jovens com o crime organizado.

O relatório da 2ª Vara da Infância e Juventude (VIJ), do município da cidade do Rio de Janeiro, aponta que no período entre 2000 e 2004 foram atendidos 25.404 adolescentes e jovens. Desse total, 2.612 (11,07%) do sexo feminino e 22.876 (88,93%), do sexo masculino. Desse universo, 59,5% adolescentes eram infratores pela primeira vez; 19,11% tinham uma ocorrência anterior; 9,33% tinham duas e, aproximadamente, 10% tinham três ou mais. Nos últimos cinco anos, houve um aumento progressivo de adolescentes e jovens no sistema judiciário. De acordo com a idade, entre os acusados, do total de 25.404 jovens, verificou-se que (0,62% são menores de 12anos); (30,4% têm 17 anos); (15,1% estão entre 12 e 14 anos) e (40,5%, entre 15 e 16 anos) - (GRÁFICO 1).

GRÁFICO 2

POPULAÇÃO ATENDIDA NA 2ª V.I. J

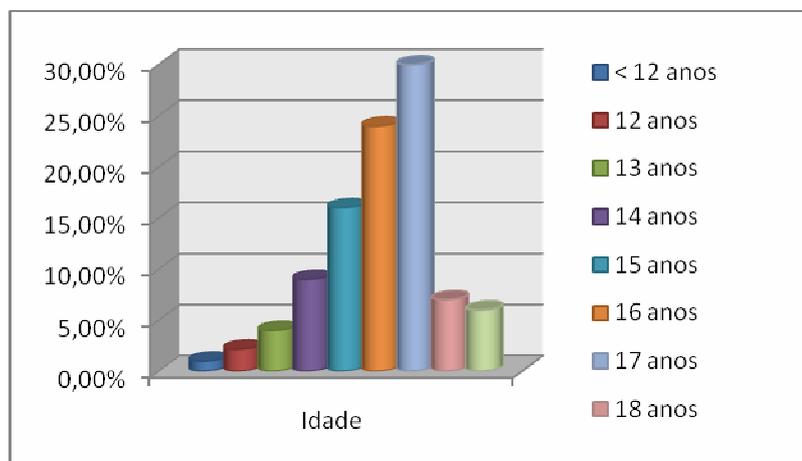


Fonte: 2ª Vara da Infância e Juventude. Ano de 2005.

Verifica-se, portanto, um aumento progressivo na idade entre 13 e 17 anos de adolescentes empregados pelo comércio de drogas. Evidencia-se, que aproximadamente há dez anos passados, os gerentes não permitiam participação de pré-adolescentes no tráfico. Entre as razões para essa postura, havia o receio da desaprovação da comunidade, sua falta de experiência na realização das tarefas, na confrontação com a polícia e grupos rivais, além da responsabilidade profissional (SILVA, 2006). No entanto, esta realidade mudou devido ao aumento crescente da violência urbana, emanada pela disputa de territórios entre as diferentes quadrilhas das facções do crime organizado (GRÁFICO 3).

GRÁFICO 3

IDADE DE INGRESSO NO TRÁFICO DE DROGAS



Fonte: 2º Vara da Infância e Juventude. Ano de 2005.

Lamentavelmente o tráfico de drogas, hoje, se tornou uma expressão de vida e trabalho para diversos jovens pobres e disputa o ranking das estatísticas de homicídios nos grandes centros urbanos. Evidencia-se que seus efeitos e impactos serão apresentados, neste estudo, no capítulo dois.

Podemos, concluir, que como afirma BARRETO et al., (2007), “*o Brasil privilegiado não conhece o Brasil segregado*” (p.12). A sociedade não se importa com os indivíduos que estão excluídos socialmente dos seus direitos de cidadãos, apenas são lembrados quando se sente ameaçada ou quando de forma sensacionalista, a mídia aborda assuntos relacionados a este segmento social. Aparentemente a população brasileira aceitou a idéia de que a violência urbana e o tráfico de drogas são inerentes e irreversíveis à nossa realidade. Dessa forma, reagem às notícias diárias sobre criminalidade como se fossem situações “normais” e inevitáveis.

As situações apontadas, neste capítulo, mostram as conseqüências fatais da combinação entre juventude, pobreza e violência. Constatam-se os efeitos devastadores da pobreza frente às possibilidades de *sucesso ou insucesso* oferecidas a esses jovens pelo crime organizado. Duas questões estão subjacentes: as desigualdades sociais que obriga as famílias a adotar formas diversificadas de comportamento, onde se inclui até a oferta da mão-de-obra de seus filhos para esses fins, e a ausência na estrutura de mercado de opções apropriadas à incorporação desse contingente específico de população juvenil. Fica claro que o mais decisivo desses dois macros fatores refere-se às oportunidades oferecidas pela estrutura econômica capitalista, que está sempre produzindo novos modos de organização do trabalho. Muitas vezes, são ocupações que colocam os sujeitos em condições brutais de exploração e insegurança, que constituem desafios a serem enfrentados como é o caso do tráfico de drogas, que mundialmente já conta com uma rede numerosa de pessoas envolvidas nesse lucrativo ramo de negócios.

Muito ainda se tem para conhecer e compreender sobre as práticas de adolescentes e jovens pobres no contexto urbano carioca. Embora haja um aumento crescente no volume de dados e informações sobre a juventude pobre no tráfico de

drogas, continuam existindo lacunas consideráveis na compreensão deste fenômeno. Uma delas é a ausência de registro sobre o fluxo de saída de jovens do tráfico. Geralmente esta contabilidade é feita informalmente por organizações, em sua maioria, não-governamental que desenvolvem programas e/ou projetos sociais em áreas de atuação do tráfico de drogas (favela).

CAPÍTULO 2.

JUVENTUDE CARIOCA: Traçando caminhos pela cidade

“O caminho é árduo com as intempéries da vida; medo, frio, desânimo, cansaço, frustração... Mas, tudo passa e, isto, também passará... o importante é continuar buscando novos caminhos. Propósito de vida que te levará a tua maior conquista: tua própria liberdade”.

(ZÉLIA GABCAN)⁹

Este capítulo tem a intenção de apresentar os procedimentos metodológicos do estudo e o perfil social do grupo participante da pesquisa. Foi revelado que os jovens egressos delineiam características bastante semelhantes, e ao mesmo tempo, singulares em pontos que personificam seus estilos de vida. Assim, para que haja uma melhor compreensão das características sociais, econômicas e comportamentais dos jovens, procuramos categorizar e numerar algumas questões.

Para a sua efetivação a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz e foi devidamente aprovada com a recomendação de não utilizar o Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento, por conta do risco aos sujeitos da pesquisa.

2.1 CAMINHOS PERCORRIDOS NA REALIZAÇÃO DO ESTUDO QUALITATIVO

⁹ Autora do Livro: Um caminho de muitas vidas. Livre expressão. Rio de Janeiro, 2005.

O estudo teve por base o método qualitativo e, para a finalidade da nossa investigação, adotamos a *história de vida tópica*, que visa focalizar uma etapa ou determinado segmento da história de vida do sujeito (BECKER, 1999; MINAYO, 1998). Identificamos ser esta a técnica mais adequada para captar, registrar e analisar situações vividas pelos jovens no universo do tráfico.

Embora o principal procedimento de trabalho tenha sido a realização de um conjunto de entrevistas, empregamos também um dos referenciais que BECKER (1999) denomina de *mosaico científico*. Esta técnica tem como eixo central a história de vida, e a associação de outros instrumentos para compor um quadro mais fidedigno. O estudo agregou os dados das entrevistas com a *observação participante* e os relatos do *diário de campo*. Ressaltamos o cuidado desta técnica em priorizar a busca de narrativas que valorizassem a interpretação do sujeito da sua própria vida e do mundo que o cerca. Para o autor, leva-se em consideração outros conhecimentos para ampliar o campo de visão sobre o ator (sujeito). Assim, as informações colhidas nas entrevistas foram associadas a outras evidências.

Realizamos *entrevistas semi-estruturadas* com o apoio de um roteiro que serviu de guia para estimular a livre narração do entrevistado. Espontaneamente o jovem desencadeava o seu pensamento e experiências, dentro do eixo principal, que foi distribuído em vários tópicos. Esses tópicos não foram constituídos *a priori*, mas resultado da fundamentação teórica realizada através de uma revisão bibliográfica e de informações sobre o fenômeno social, coletados em contato direto com jovens egressos, seus familiares e lideranças comunitárias (TRIVINOS, 1992).

O roteiro de entrevista abordava quatro momentos distintos e complementares da vida desses jovens: (1) *A pré-entrada no tráfico*, visando identificar os fatores que

potencializaram a inserção no tráfico de drogas; (2) Os *processos de vida e trabalho* durante a permanência no crime organizado; (3) As circunstâncias específicas que induziram e possibilitaram a saída dessa organização; (4) Os *mecanismos de apoio* encontrados para essa transição.

As entrevistas foram gravadas, com duração de 45 a 120 minutos. O tempo da coleta de dados foi de quatro meses. A possibilidade de realizar essa pesquisa em tão curto tempo se deve ao fato da pesquisadora ter tido facilidade de contato e acesso aos pesquisados. Os jovens consentiram, ser fotografados e filmados tanto no ato da entrevista quanto nas suas residências e, para aqueles que estavam trabalhando, no momento da entrevista, nos seus locais de trabalho e/ou em lugares onde realizavam cursos profissionalizantes. O gravador digital foi um recurso útil para auxiliar na reconstituição da entrevista e guardar o máximo possível de fidedignidade dos depoimentos, sendo que para sua utilização, solicitamos a permissão oral aos entrevistados. Em geral, no início do diálogo, os jovens sentiam-se perturbados com o gravador, mas após alguns minutos de conversa esqueciam-se e narravam com desembaraço as principais passagens de sua vida.

Os encontros ocorreram nas dependências de uma organização não governamental, localizada no bairro de Vila Isabel. Este lugar foi escolhido porque a maioria dos jovens já conhecia previamente a instituição e, portanto, se sentiram mais à vontade para fazer os seus relatos. Os rapazes chegavam sempre ao local da entrevista acompanhados por outros egressos, o que permitiu em algumas ocasiões - após as entrevistas - manter uma conversa informal e coletiva com todos. Os jovens se mostravam cordiais e com certa timidez, sendo que os recém-saídos do tráfico (cerca de um ano), continuavam utilizando um vocabulário cheio de expressões e jargões próprios

do *movimento*. Frequentemente, neste estudo, se utiliza o termo *movimento* para designar o mercado varejista informal e ilegal de drogas na cidade do Rio de Janeiro, tendo em vista ser esta a denominação usada pelos próprios participantes.

Para delimitação do número de entrevistas seguiu-se o critério de "exaustão" ou "saturação", segundo o qual o pesquisador efetua entrevistas em número suficiente para permitir certa reincidência das informações, garantindo um máximo de diversificação e abrangência para a reconstituição do objeto no conjunto do material, verificando assim a formação de um todo (MINAYO, 1998).

Outro aspecto considerado foi assegurar a privacidade dos entrevistados jovens e garantir o total sigilo em relação aos dados fornecidos por eles. Para tanto, utilizamos um sistema de codificação para as anotações de campo e gravações, nas quais seu nome verdadeiro foi substituído por outros nomes fictícios.

A utilização do *Diário de Campo* foi fundamental para registrar situações de grande relevância para maior riqueza de análise deste estudo. Construído a partir dos dados da observação participante, resumindo-se numa redação simplesmente descritiva e sobretudo do observado, foi iniciado desde as primeiras aproximações e incursões nas comunidades selecionadas até o período final de convivência com os jovens egressos. Este período foi de 12 meses, sendo dividido entre articulação e seleção dos jovens, entrevistas e convivência após entrevistas.

O registro de alguns fenômenos ocorridos no contexto social desses jovens, por mais irrisório que pareça, tornou-se fonte privilegiada de informação e análise. Permitiu-nos, posteriormente, fazer comparações e obter respostas a muitas dúvidas, revelando aspectos que até aí desconhecíamos e confirmando outros.

Mesmo os apontamentos mais ou menos dispersos que rabiscamos ajudaram a manter a desejável neutralidade e o distanciamento necessário para evitar certas distorções. Com o diário de campo foi possível comparar o fazer (observado) com o dizer (entrevistas e conversação). Demonstrou a sua utilidade como instrumento de verificação da progressão do nosso conhecimento sobre as características e dinâmicas do universo de vida desses jovens, avançando numas ocasiões, sofrendo ajustes em outras. Para além dos registros da observação direta, no diário de campo incluímos também comentários, opiniões e explicações que nos chegaram pela conversação informal, e que se revelaram freqüentemente mais esclarecedoras do que as registradas nas entrevistas, e cuja referência assinalamos, neste estudo, com asterisco.

Foram selecionados jovens de favelas que pertencem à mesma facção do crime organizado (tráfico de drogas) para maior segurança de atuação, na medida em que os comandos das facções são diferentes e se torna complicado transitar em áreas de comandos rivais. No caso, as favelas elegidas foram do *Terceiro Comando* (TC) e *Amigos dos Amigos* (ADA), sendo esta última uma variação do Terceiro Comando. Desta forma, as *favelas e seus respectivos bairros selecionados* foram: Complexo do Morro dos Macacos (favelas do Macaco, Parque de Vila Isabel e Pau da Bandeira); Complexo do Morro de São Carlos (favelas do Querosene e Zinco); Complexo do Acari (favela do Lagartixa); Complexo de Santa Teresa (favela da Coroa).

Procuramos escolher locais de fácil acesso e situados em áreas que permitiam uma fluidez de circulação para identificar os jovens participantes da pesquisa. As favelas selecionadas são locais de intervenção profissional da pesquisadora, já há tempo considerável, o que facilitou a operacionalização da pesquisa num período curto de tempo.

Os *sujeitos envolvidos* na pesquisa foram 30 jovens com idade entre 17 e 24 anos que ingressaram no mercado do tráfico de drogas a partir do ano de 1995. Para a seleção do grupo: (1) optou-se por entrevistar apenas os homens, tendo em vista que eles são em número mais elevados nesse tipo de atividade, do que as mulheres; (2) trabalhou-se com o critério de pelo menos um ano de envolvimento com o tráfico para que se dispusesse de uma experiência mais densa por parte dos entrevistados; (3) de entrevistar jovens que tivessem no mínimo seis meses de afastamento do tráfico, na medida em que muitos saem e, em pouco tempo pedem para regressar para o tráfico, devido a diversas conjunturas.

Certo número de jovens, na época da entrevista, não estava morando mais em sua comunidade de origem, mas optamos por incluí-los porque o mais importante para o estudo é o fato de a favela ter sido o espaço de atuação do jovem no tráfico, e não necessariamente o seu local de moradia.

No início, foram identificados 18 jovens, a maior parte do Complexo do Morro dos Macacos, sendo uma área bem conhecida por nós. Tudo indicava que este seria o primeiro local a ser pesquisado por apresentar maiores possibilidades de articulação com um número expressivo de jovens egressos. No entanto, começamos as entrevistas no Complexo do Morro de São Carlos, a partir de um encontro ocasional com um jovem egresso dessa comunidade. O primeiro foi Charles, um jovem de 21 anos, que traz na sua história de vida uma marca densa de atividades no tráfico de drogas. Entrou e saiu por duas vezes do *movimento*. Sua última retirada foi há dois anos, quando ocupava a posição de gerente e coordenava um grupo expressivo de comandados. O seu jeito de ser, sempre muito comunicativo, permitiu-lhe criar uma imagem de liderança e, mesmo não estando mais no *movimento*, continua sendo uma figura de referência,

principalmente para os de menor idade. Sua entrevista foi a mais demorada e sua história será mais bem narrada no transcorrer deste estudo, por ter sido um ator fundamental no processo desta pesquisa.

Após a entrevista, este jovem se ofereceu para localizar outros jovens. Daí por diante, todas as semanas num período de dois meses vinham dois, três jovens ao mesmo tempo para serem entrevistados. Conforme as semanas passavam os jovens aumentavam e alguns deles tinham saído um ou dois meses antes do movimento. Marcelo atribuiu esse desejo de participar ao fato de que *"no morro tem muito jovem que saiu do movimento e fica sem saber o que fazer e, quando você chama um moleque, esse acaba conhecendo outros que estão na mesma situação (...)*. Ou seja, conforme um jovem participava da pesquisa, ele mesmo buscava outros jovens egressos. No andamento das entrevistas, alguns deram mostras de satisfação em participar do estudo: *"é diferente, é bom a gente conversar sobre as coisas da gente", "tem coisa que fica dentro da gente que é difícil botar pra fora", "eu não sou muito de lero-lero, mas, dessa vez, foi diferente"*.

Ao finalizar as entrevistas do Complexo do São Carlos, partimos para o Complexo do Morro dos Macacos, Vila Isabel. A primeira aproximação ocorreu num dos ensaios da Escola de Samba de Vila Isabel. Lá estava Fabrício, um jovem de 22 anos que atualmente trabalha como *office-boy* numa empresa de engenharia, no centro da cidade. Seu relato também foi de grande contribuição para o estudo, na medida em que é um dos poucos jovens egressos inseridos no mercado formal de trabalho. Os demais foram contatados diretamente na própria comunidade. Foi uma época de difícil circulação na favela, pois havia um clima de guerra constante entre traficantes e policiais, que perdurou dois meses.

A terceira incursão foi o Complexo do Acari, uma área bastante complexa e violenta. Nessa região, os conflitos urbanos são constantes pela coexistência da facção do Comando Vermelho e do Terceiro Comando. É um local de difícil acesso e circulação. Uma ONG que tem um Centro Cultural na região possibilitou fazer contato com cinco jovens. O ponto de partida foi através de um líder juvenil com um bom relacionamento entre os jovens da comunidade e que se prontificou a contribuir com o estudo. Seu interesse em colaborar se deve ao fato dele ter histórias de envolvimento de irmãos no tráfico; um veio a morrer e o outro ainda se mantém no *movimento*.

Ao terminarmos as entrevistas com os jovens do Acari, avaliamos que as narrativas apresentavam já semelhanças em relação aos outros relatos coletados. Foi um momento em que se pensou se daríamos sequência. Como já havíamos entrado em contato com um jovem conhecido no Morro da Coroa, resolvemos, então, continuar com o trabalho de campo, totalizando com isso, em 30 o número de jovens participantes. O nosso informante foi um rapaz que, apesar de não ser líder juvenil, é muito conhecido e respeitado por todos na comunidade. Ele nos possibilitou entrevistar três jovens com idades superiores aos das outras comunidades.

Após a realização das entrevistas, o material foi transcrito cuidadosamente, registrando-se as falas na íntegra. A complexa e multifacetada gama de informações obtidas foi trabalhada na dimensão qualitativa, privilegiando aquelas que narram motivos pessoais, determinantes sociais e demais causas que tenham influenciado o comportamento desses jovens a romperem com o tráfico de drogas e como esses mesmos jovens vêm estabelecendo novas relações de vida.

O trabalho de campo foi um momento estimulante e, ao mesmo tempo, de inquietação. Por um lado, o processo de execução da pesquisa foi bastante expressivo na

interação que se estabeleceu entre o pesquisador e sujeito, onde laços de afetividade e confiança estiveram presentes ao longo do trabalho, pois, desde o início, buscou-se criar um clima de informalidade. O fato de ter sido possível continuar conversando com alguns jovens após o período de entrevista permitiu uma convivência prazerosa e rica de informações e observações onde o diário de campo foi fundamental.

Contudo, ao longo desta convivência, foi-se observando que os jovens egressos que ainda não tinham uma rede consolidada de apoio social tiveram dificuldade em romper conosco e com a instituição que apoiou a pesquisa. Estavam sempre comparecendo na instituição, solicitando algum tipo de ajuda. Para oferecer alguma resposta a este grupo, foi articulada com a organização que sediou a pesquisa uma plataforma de atividades capaz de auxiliá-los na recondução de novas propostas de vida. Assim sendo, este estudo acabou gerando uma agenda de trabalho, de cunho interventivo.

2.2 CENÁRIOS DE VIDA DOS JOVENS EGRESSOS DO TRÁFICO DE DROGAS

O grupo participante da pesquisa apresenta características bastante semelhantes e, ao mesmo tempo, singulares em pontos que personificam seus estilos de vida. Todos os jovens são oriundos do município do Rio de Janeiro, bem como seus pais. No entanto, de modo geral, seus avôs são migrantes, sobretudo do Nordeste. Isso indica que a maioria desses jovens e suas respectivas famílias ainda enfrentam as mesmas dificuldades sócio-econômicas de seus avôs, ou seja, a de não terem maiores oportunidades de melhoria de vida. Como observa DAMATTA (1987), as famílias pobres

encontram grandes dificuldades para romperem com o seu ciclo de pobreza e comumente passam por várias gerações até lograr certa elevação no seu *status* social.

Todos são afrodescendentes, pardos e negros - o que demonstra que "a pobreza tem cor" (GRIFFIN, 2002) e a maioria deles com idades entre 18 e 23 anos. Vinte e um deles se envolveram no tráfico com idades em torno de 10 e 14 anos, que totaliza 21 jovens. Dois se inseriram mais prematuramente nessas atividades, com menos de 10 anos. Como SILVA (2006) vem apontando, observa-se um aumento progressivo da entrada de adolescentes no tráfico nas favelas do Rio de Janeiro, como uma conseqüência do aumento das desigualdades sociais, entre outros fatores que contribuem para a inserção cada vez maior no crime organizado.

Quanto à *idade de afastamento*, 20 jovens o fizeram com idades entre 18 e 20 anos. O período de permanência oscila de 4 e 7 anos. Dependendo do tempo de afastamento, os argumentos de rompimento são diferenciados, devidas às variações sócio-históricas que perpassam no mercado do tráfico na cidade do Rio de Janeiro.

No momento da entrevista, os jovens tinham o *tempo de afastamento* do tráfico entre 6 meses até mais de 5 anos. Tal variação possibilitou obter relatos distintos de experiências, estratégias e mecanismos de sobrevivência que os jovens vêm adotando ou que já adotaram. Ao saírem do tráfico, *dezoito* jovens voltaram a conviver regularmente com suas famílias; *dez* passaram a viver com suas parceiras e *dois* com amigos. Por ser o espaço da favela o mesmo local de atuação do tráfico de drogas, dificilmente os jovens engajados no crime perdem o vínculo familiar, embora muitas vezes sejam impedidos de conviver com a sua família, tanto por razões de proteção quanto por exigências do próprio trabalho, como ter que ficar em "estado de alerta" contra as invasões de outros "bandos" ou confrontos policiais.

Quanto à *paternidade*, vinte cinco deles são pais, sendo que onze tiveram seu primeiro filho com idades entre 14 e 16 anos. Por ser uma faixa etária considerada "incapaz juridicamente", grande parte dessas crianças não apresentam o nome do pai nos registros de nascimento. E, mesmo alguns que foram pais após 21 anos de idade, relatam que não registraram seus filhos por não poderem sair da favela para ir ao cartório. Quanto ao número de filhos, *quatorzes* jovens têm de dois filhos e *três mais de* quatro filhos e nenhum com a mesma parceira.

Com relação ao local de moradia, *oito* jovens não residiam mais na mesma favela de origem, o que ocorreu pela dificuldade de estabelecer novas relações de vida e não por motivo de expulsão e/ou fuga do tráfico de drogas. Como eles afirmam, fica difícil permanecer no mesmo espaço físico, "*tem que ser cabeça forte, se não começa tudo de novo e tu nem sente*", pois "*os próprios amigos ficam sempre em torno de você. Aí, fica, segura isso, guarda pra mim*". A alternativa é: "*colocar uma marmitta em baixo do braço e ralar peito*" ou, do contrário, "*você sai da comunidade*" (CLAUDIO, 23A). Continuar na favela supõe também enfrentar momentos de grande insegurança: "*é muito forte, é muito difícil. A polícia entra e tu fica todo nervoso, tu acha que vão te pegar e, aí, tu não tem mais arma na mão pra se defender de qualquer parada, entendeu? Tu fica muito maluco, se tu não tiver uma pessoa boa do lado, tu faz besteira*" (MARCELO, 19A).

Nos depoimentos, os entrevistados acrescentam *três motivos* para se retirarem da cena onde viveram, até então: (a) os próprios "colegas" do tráfico estão sempre circulando por perto na tentativa de seduzi-los a retornar para o *movimento*. Eles tendem a olhá-lo com certa desconfiança, porque têm informações privilegiadas sobre o tráfico e a geografia do local e pode ser atraído pela facção rival; (b) algumas pessoas da

comunidade não acreditam que o jovem possa “*dar a volta por cima*”; (c) são vistos como suspeitos, se há algum episódio de roubo na comunidade.

Assim, procurar outros espaços constitui uma tentativa de buscar novas relações sociais, outros significados para suas vidas, longe do confinamento imposto pelas leis do tráfico. Apesar da importância de se afastarem dos locais do movimento e de manifestarem desejo ou necessidade de sair da favela, diversos jovens não encontram apoio social para isso, seja por parte da família que poderia acolhê-los ou dos próprios amigos: “*Nem todos conseguem ir embora da comunidade. A família que mora longe fica com medo de te acolher. Não sabe o que você fez. Se vai ter alguma complicação, algum problema. Se vai ter alguém atrás de você, entendeu?*” (MAURÍCIO, 18A). Além disso, esses rapazes têm que encontrar um local controlado pela mesma facção de sua comunidade de origem. Caso optem por uma comunidade de facção rival, podem correr risco de vida.

Todos os entrevistados relataram acreditar em Deus, sendo que *onze* deles, inclusive, passaram a ter fé depois que entraram para o tráfico, por terem vivido situações limites de vida: “*eu devo a minha vida muito a Deus, ele me salvou várias vezes da morte*” (FERNANDO, 18A); “*sempre que rolava tiroteio eu rezava muito pra Deus. Ele sempre me escutou. Tô vivo, né!*” (RODOLFO, 19A).” Esses jovens não associam necessariamente Deus à prática religiosa. Apenas *seis* freqüentam a igreja protestante, *quatro* a católica e *dois* o candomblé.

No que concerne a prática de drogas, 21 deles relatam terem feito uso regular de maconha e cocaína, quando estavam no exercício do tráfico. Desses, sete ainda fazem uso de maconha e quatro consomem esporadicamente cocaína. Segundo relatam, é mais “barato” comprar a maconha do que a cocaína, até porque quando estavam no tráfico o

preço era mais acessível, mas como eles saíram da "firma" [tráfico], têm que pagar o preço de mercado. *Sete* deixaram de consumir drogas e *dois* nunca fizeram uso de drogas lícitas ou ilícitas. Dos jovens que fazem uso regular, seja de maconha ou de cocaína, a tendência é também consumir álcool e/ou tabaco.

Em relação à escolaridade, dois concluíram o ensino fundamental, vinte e seis não o concluíram e dois estão finalizando o ensino médio (um por motivo de ascensão profissional e o outro pelo apoio familiar recebido). São jovens que abandonaram muito cedo a escola por causa do envolvimento no crime e hoje enfrentam grandes dificuldades para encontrarem emprego. Além disso, ao longo dos anos, eles incorporaram vocabulário e hábitos próprios da criminalidade, o que representa mais um obstáculo no processo de socialização e de inserção no mercado legal de trabalho - tanto formal quanto informal.

Quanto à relação trabalhista, dezoito jovens não trabalhavam no momento da entrevista e doze realizavam algum tipo de atividade, sendo *três* no mercado formal e *nove* no mercado informal. O grupo que exerce atividade laboral recebe de um a dois salários mínimos, com a única exceção de um rapaz que trabalha como cabeleireiro. Ele é dono do seu próprio negócio e chega a tirar mensalmente cerca de quatro salários-mínimos (TABELA 2).

TABELA 2: SITUAÇÃO OCUPACIONAL

OCUPAÇÃO	Nº DE JOVENS
Comércio da Favela	03
Segurança de bar	02

Camelô	02
Motoboy	02
Intérprete de Samba	01
Garçom e pedreiro	01
Cabeleireiro	01
TOTAL	12

No que concerne à função exercida na hierarquia do tráfico no momento do seu afastamento: dezesseis eram *olheiros* (vigias situados em pontos estratégicos ao redor da “boca de fumo”, munidos de *walkie-talkies* e fogos de artifícios ou armas de pequeno calibre com pouca munição, para alertar os colegas sobre a chegada da polícia ou de grupos rivais); *oito* exerciam a função de *vapores* (encarregados de distribuir, vender e recolher o dinheiro das drogas); *três* atuavam como *soldados* (armados constantemente para defender a favela, caso houvesse invasão do grupo rival ou entrada da polícia); *dois* eram seguranças do gerente ou do chefe do tráfico na favela, carregando geralmente as armas mais sofisticadas e pesadas; *um* jovem trabalhava como gerente (administrava os pontos de venda de drogas na favela, popularmente conhecida como “boca de fumo”). O gerente exerce uma função de poder e destaque na hierarquia do tráfico, inclusive merecedora de melhor remuneração (TABELA 3).

TABELA 3: OCUPAÇÃO EXERCIDA NO TRÁFICO

OCUPAÇÃO	Nº DE JOVENS
Olheiro	16
Vapores	08
Soldados	03
Segurança	02
Gerente	01
TOTAL	30

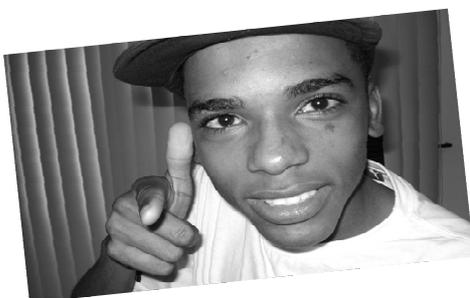
Na prática de demais atos criminais, seis jovens participaram de assalto a “mão-armada”, *dois* deles tendo sido presos e fichados; *quatro* foram presos e fichados em batida policial nas favelas e *um* foi preso por motivo de briga na rua. Os outros não têm

ficha policial. *Cinco* dos rapazes disseram que cometeram homicídio. Os demais não sabem se mataram alguém, apenas mencionaram ter participado de diversos tiroteios, sem nenhum treinamento prévio para a utilização de uma arma: “*os caras colocam a arma na mão da gente e a gente sai atirando. O treino é a partir do dia-a-dia. A gente aprende a atirar na hora da guerra*” (MARCO, 22A).

Este é o grupo que vai nos conduzir a um universo multifacetado de informações!

CAPÍTULO 3.

PRIMEIRA VIRADA: Participação do jovem na rede do tráfico de drogas varejista nas favelas do Rio



"Que armas podem vencer a narcocultura, que está impregnada no estilo de vestir, nas músicas, nas danças, na gíria e nos gestos dos jovens? A "boca de fumo", não é só a droga e as armas; é muito mais do que isso. Ela traz a geração de renda e o charme de mulheres bonitas. É preciso investir em cultura, esporte e educação universitária para que o jovem pobre possa participar do desenvolvimento sustentável".

(Relatório Anual E. C. Dom Pixote)

Figura 1: Acervo E. C. Dom Pixote

Nas abordagens anteriores mencionamos como a pobreza e as desigualdades sociais influenciam a vida das classes populares na cidade do Rio. E, como o crime organizado se apropria das favelas cariocas; do seu espaço, do seu lazer e, principalmente, da juventude carioca.

Neste capítulo, o propósito é descrever e analisar o período que titulamos de *primeira virada*, que marca a entrada do jovem no crime organizado. Quando ele por diversas razões é influenciado a escolher o tráfico de drogas como seu projeto de vida e trabalho, com grande risco de morte. Na análise de suas narrativas efetuamos uma abordagem sobre os dilemas vívidos pelos jovens egressos, partindo do seu contexto familiar e comunitário (favela). Assinalamos os motivos e as circunstâncias que determinaram a sua inserção no crime organizado, seus estilos de vida e trabalho e suas experiências de bandidismo diante das guerras que marcaram vitórias e derrotas. Foi

possível também demarcar algumas mudanças ocorridas no mercado do tráfico, que vem influenciando práticas e condutas de jovens no mundo do crime.

Conseguimos também compreender melhor as relações afetivas desses jovens, que são estabelecidas a partir de uma cultura viril “machista” impregnada de concepções e valores do mundo do crime. São comportamentos que, os vulnerabilizam frente às questões de saúde-doença, associado às doenças sexualmente transmissíveis. É, sem dúvida, um conjunto de informações mirabolantes que revelam um cenário urbano-social, violento e excludente, onde os sonhos e o futuro de milhares de adolescentes e jovens são triturados num ritual de crueldade e morte.

3.1 JOVENS DE FAVELA E AMBIGÜIDADE FAMILIAR

O fato dos jovens desfavorecidos, no meio urbano, estarem trocando a escola, os cursos profissionalizantes e o trabalho formal, pelo mercado informal do tráfico de drogas, pode ser entendido, a princípio, como reflexo da situação de pobreza e do cenário caótico em que se encontram adolescentes e jovens de classes populares das grandes metrópoles brasileira. São populações que já nascem marcadas socialmente pela sua condição de desigualdade social, sob a ótica de uma sociedade preconceituosa que ainda concebe uma visão estigmatizada da infância e da juventude negra e pobre (MISSE, 1999). Tais considerações apontam para um quadro social em que esse segmento populacional tende a confundir esperanças e decepções, acarretando, num processo penoso de baixa estima, a sensação de fracasso e a apreensão de que não terão a oportunidade de exercer a sua cidadania.

Afirmações do tipo: *“são as desilusões da vida que faz a gente ser bandido... é*

difícil ser outra coisa, as pessoas não deixam...” ou “*já fui muito revoltado, pra mim todo mundo era inimigo*”, indicam sentimentos de mágoas e de frustrações que esses jovens tinham diante da vida, possivelmente pelos efeitos das desigualdades sociais. Entretanto, é próprio da juventude esse grito de dor, de angústia, de sentir-se capaz e, ao mesmo tempo, de sentir-se incapaz, de ser tudo e de ser nada (ABERASTURY, 1991).

A juventude como já fez menção, é uma fase na vida permeada por conflitos que freqüentemente deixam o sujeito confuso, com sentimentos opostos, que acabam influenciando suas decisões. Assim, alguns comportamentos de risco, como a violência, a formação de grupos e gangues e o uso de drogas estão relacionados a esses sentimentos. Contudo, vários fatores contribuem para a prática delituosa do jovem, mas alguns parecem exercer uma influência maior, dentre os quais apontamos; o grupo social (amigos e família), a aprovação social, a depressão, os conflitos e problemas familiares e a atração por correr riscos (NOVAES, 2004). Nesse sentido, é fundamental compreender como o contexto familiar e social dos jovens deste estudo influenciou com seus valores, atitudes e comportamentos, contribuindo para a *virada* em direção ao crime organizado e, posteriormente, como esses grupos sociais são capazes de auxiliar esses mesmos jovens a efetivar a sua segunda *virada* na vida, quando eles rompem com o tráfico (ver capítulo quatro).

Os dilemas vividos pela família

A família se fundamenta na idéia de coesão e continuidade, onde seus membros compartilham um mesmo contexto social de pertencimento. É o lugar do reconhecimento da diferença, do aprendizado de unir-se e separar-se, sendo portanto a sede das primeiras trocas afetivo-emocionais, da construção da identidade de uma

pessoa. É um grupo social em constante transformação, por fatores internos à sua história e ao ciclo de vida, em interação com as mudanças sociais (ROUDINESCO, 2003). Logo, é no cenário familiar que o jovem deveria aprender a se definir como diferente e enfrentar os conflitos de crescimento. Para muitos, essa lógica não faz parte da sua formação emocional e social.

É notório que a *família* é uma questão central na existência de qualquer pessoa, principalmente nas fases da infância, adolescência e juventude. Os jovens participantes deste estudo relataram a existência de conflitos e perturbações no convívio com suas famílias, sendo a maior parte desses problemas oriundos dos efeitos das desigualdades sociais. São jovens que pertencem a famílias de baixo poder aquisitivo, onde a pobreza cria novas formas de composição e de organização dos lares, principalmente no que se refere à falta da imagem paterna, enquanto pai e provedor da estrutura familiar.

Os jovens entrevistados comentaram algumas situações que eles consideram perturbadoras para as suas famílias: (a) muitos irmãos e pouco recursos financeiros; (b) violência intrafamiliar; (c) uso abusivo de drogas (bebida alcoólica, cocaína e maconha); (d) falta de dinheiro para gêneros de primeira necessidades, como comida, roupa e cama; (e) casa geralmente pequena e com precária infra-estrutura para acomodar muitas pessoas; (f) dificuldade dos familiares conseguirem emprego devido ao baixo nível de escolaridade; (g) familiares com antecedentes criminais (irmãos, pai, tios, primos) e com envolvimento no tráfico de drogas; (h) ausência da figura paterna.

A ausência seja do pai ou da mãe é um traço marcante na vida. Muitos jovens de classes populares são criados por suas mães que assumem a função de chefe de família. São mulheres, mães, trabalhadoras, com baixo nível de escolaridade que ocupam

posições inferiores no mercado de trabalho e, portanto, com poucos ganhos financeiros para sustentar, de forma satisfatória, seus filhos.

No contexto das relações familiares, 23 jovens descreveram um forte vínculo com as suas mães. Todos relataram como foi sofrido e penoso para eles presenciar o desespero delas quando souberam da entrada deles no tráfico. A maioria verbalizou a importância da proteção e do acolhimento de suas mães no período em que eles estavam no tráfico e o quanto elas representam afetivamente para eles: *“Minha mãe é tudo pra mim, eu não sei o que seria de mim sem ela”*; *“Cara, eu tenho muito remorso, eu fiz a minha mãe sofrer pra caramba [muito]*; *“Olha, a minha mãe nunca desistiu de mim, ela rezava sempre pra mim”*. *“Amor de mãe tem força”*. Para PEREIRA (2005), em muitos casos este é o vínculo emocional mais forte para o jovem em relação à sua rede social. A mãe procura proteger o filho e este também age no mesmo sentido, procurando mostrar a sua admiração, confiança, lealdade e proteção em relação a ela. A pesquisadora SUDBRAK (2004), afirma que *“a atuação da mãe, no contexto infracional, pode trazer grandes contribuições para que haja possíveis mudanças de comportamento e desenvolvimento emocional ao filho”* (P.21).

Por outro lado, a ausência da figura paterna foi considerada pelos 30 jovens como uma perda expressiva na construção de sua identidade: *“Nunca conheci meu pai, mas, quem conheceu diz que ele era um cara legal (JORGE, 24A); “É ruim não ter pai do lado”*. *“Quando eu era mais novo não entendia muito bem isso, era meio revoltado, ficava perambulando pela comunidade, nas biroscas, nas casas dos amigos”* (FRANCISCO, 17A). Atribuem a ausência do pai às seguintes situações: falecimento, desconhecimento, morar longe, ter sido abandonado na infância, não ter muito contato pelo uso abusivo de drogas, principalmente de álcool; violência intra-familiar ou até mesmo ausência de

participação e autoridade em suas vidas. DAMATTA (1987) sustenta que o declínio da paternidade é o grande responsável por muitos problemas da sociedade atual: crime e delinquência, sexualidade prematura, baixos resultados escolares, depressão, dependência de drogas e crescimento do número de mulheres e crianças na pobreza.

A figura paterna pode também aparecer como co-geradora do fenômeno delituoso (KALINA & COLS., 1999). A função paterna fica comprometida, fazendo com que o jovem permaneça no vazio e procure "fora" a autoridade que não encontra "dentro" de casa (OMER, 2002). O ato infracional pode ser também interpretado como a busca deste pai, ou seja, de uma autoridade, de uma lei que seja capaz de colocar limites, que "proíba" o jovem, mas que favoreça, em contrapartida, algum tipo de aproximação pai-filho. Um jovem situou muito bem esta questão, quando narrou um episódio que viveu no tráfico:

*“A intenção era ficar pouco tempo no **movimento** [tráfico], mas, com o tempo fui pegando amizade com o **chefe** [líder do bando do tráfico de drogas], sempre que havia tempo a gente conversava, contei muito dos meus grilos pra ele. Passava muito tempo com ele, porque, eu era o seu segurança. Com o tempo passei a gostar muito dele e acho que ele sentia a mesma onda por mim. Até que um dia mataram ele. Aí, fiquei totalmente perdido, não sabia o que fazer da minha vida, foi um momento muito ruim pra mim, eu quase morri, porque foi uma fase que eu me drogava muito e deixava de ficar ligado nos lances”* (MAURÍCIO, 23A).

Dos jovens entrevistados, vinte e cinco são pais e somente seis jovens moram com seus filhos. Contudo, todos foram unânimes em narrarem suas dificuldades de relacionamento com seus filhos. Para eles, é uma situação nova de sentimento que se faz presente e na maioria das vezes eles não sabem lidar muito bem: *“Pra mim quem tem que cuidar de filho é mãe eu só fico nas beiradas”*. *“Meu filho tem oito anos e já quer fazer o que quer, quando ele não obedece dou logo uma **porrada** [bate] pra ele saber*

quem manda na área”. Alguns jovens recorrem à violência como parte do processo de educação, adotando uma lógica de poder próxima à da época em que participavam do tráfico. O jovem, no relato acima, diz usar a violência para que o seu filho reconheça não o poder de autoridade paterna, mas, o poder de mando do “chefe”, ou seja, do sujeito que manda naquele território, o qual ele chama de área e não de casa, de lar. Verifica-se, assim, uma perpetuação da ausência de relacionamento entre pai e filho.

Outro fator que influenciou na inserção desses jovens no tráfico foi ter familiares com antecedentes criminais. Dos 17 jovens que mencionaram o envolvimento de familiares em atividades delituosas, 12 deles, relataram que alguns serviram de mediadores para a sua entrada no tráfico de drogas. O maior número desses parentes é composto por tios, irmãos e primos: *“Na minha família ser bandido já é rotina. A vida sempre foi difícil pra nós lá em casa”*; *“Quando eu entrei pro grupo, muita coisa eu já sabia por que meu primo contava um monte de lance [várias situações]”*. Isso nos leva a pensar no significado simbólico para o jovem do comprometimento de algum membro da família com atos infracionais.

Observamos algumas contradições nos relatos dos jovens a respeito da dinâmica familiar. Eles vêem as condutas aditivas, delituosas, na rede familiar como uma espécie de modelo, sem críticas, e como uma forma comum de agir nesse contexto familiar. Aprendem com alguém da família a beber, a roubar, a traficar, o que vai ao encontro da cultura do crime organizado. Logo, a falta de coerência na vida familiar torna a relação ambivalente, provocando nestes jovens sentimentos bastante contraditórios: abandono e regresso, aproximação e distanciamento. Se em determinados momentos odeiam, rejeitam, estigmatizam seus familiares, em outros, os amam, são cúmplices e os têm como exemplo. Toda essa situação conflituosa pode deixar o jovem mais vulnerável

para ficar fora de casa, é o que reluz o depoimento de Rodrigo:

"Eu quase não apareço em casa. Fico o dia todo na rua e de noite tô na boca. Minha família é horrível, meu relacionamento é péssimo com todos. Minha mãe é maluca. Aquela mulher é perturbada. Como é que pode uma mãe colocar três filhos pequenos na rua pra pedir dinheiro. Isso aconteceu comigo e com meus irmãos. Na época eu tinha seis anos e os meus dois irmãos com oito e nove anos. A gente ficava o dia todo na rua. Até hoje eu tenho pesadelo por causa disso. Agora, imagina só, quatro horas da manhã três guris na rua sem ninguém para defender eles. Pô, foi muito ruim... Lá em casa tudo pode, lá nada é impossível. Agora, se meu pai não tivesse se mandado na época que a gente era criança, duvido que a minha mãe fosse fazer isso com a gente" (RODRIGO, 21A).

A dificuldade em resolver ou amenizar os conflitos familiares leva esses jovens a se afastarem do espaço familiar, da sua moradia. A família que deveria se constituir como eixo da vida de todos os seus membros, ou seja, dela se parte e para ela se volta em cada intervalo da atividade social, acaba sendo um pólo desaglutinador, onde dela se parte e dificilmente se volta. Com as relações familiares obscurecidas, os jovens buscam outros espaços e relações que lhes garantam uma convivência de acolhimento e de importância social. Muitos acabam construindo essa ponte com as pessoas mais velhas do tráfico, embora não seja o único motivo que justifique a inserção de alguns jovens no tráfico.

SUDBRACK & PEREIRA (2005) apontam que a desestruturação de uma família, seja pela morte de algum membro, seja por razões socioeconômicas ou pela falta de cultura, não são fenômenos que, por si sós, levam à criminalidade. Mas a ausência de afetividade dentro de rede familiar, esta sim, é a grande responsável pelo fenômeno da drogadição, como afirma KALINA & COLS (1999), *"a única coisa impossível de ser substituída é o amor"* (p.182).

3.2 RAZÕES QUE IMPULSIONARAM OS JOVENS PARA O TRÁFICO

Os principais motivos e atrativos que conduziram os jovens egressos a ingressarem no tráfico de drogas foram; o entusiasmo por ganhar “muito dinheiro”, associado às dificuldades financeiras da família, à falta de acesso ao mercado de trabalho, a busca pelo reconhecimento social e o desejo de “vingança”; seja pela morte de alguém de sua família ou de uma pessoa querida, em circunstâncias de violência. Merece, também destaque, as vantagens subjetivas que o tráfico possibilita: de viver momentos de “adrenalina”, “sensação de poder” e “prestígio”, na favela onde nasceram e cresceram. São relatos expressivos que vão ao encontro de alguns estudos (SILVA, 2006; ZALUAR, 2004; PEFFERMANN, 2006).

Uma coisa é certa: nenhum jovem opta pelo crime por um único motivo, mas por um conjunto de causas, que foram acumulando-se diante dos conflitos de sua vida. Na Tabela 4, sintetizamos os motivos principais e secundários alegados pelos jovens para justificar sua entrada no tráfico.

TABELA 4: MOTIVOS DA INSERÇÃO DO JOVEM NO TRÁFICO

MOTIVOS PRINCIPAIS	MOTIVOS SECUNDÁRIOS
Perspectiva de ganhos econômicos	Proteção contra grupos rivais
Desejo de bens de consumo	Ligação com amigos do tráfico
Ajudar a família	Dificuldade em estudar
Dificuldade em conseguir emprego	Sem motivo aparente, entrou de “bobeira”
Vingar a morte de alguém	Ser respeitado pela comunidade
Conflitos familiares	Ser um “cara” de poder
Busca de visibilidade na comunidade	Ter sido esculachado por policiais
<i>Status</i> e poder pelo porte de arma	Influência de amigos e família
Ter muitas mulheres	Sensação de aventura, “adrenalina”
	Procura pela droga

A seguir citamos alguns relatos que ilustram os exemplos do quadro acima:

“Obter proteção contra gangues de jovens do tráfico”

Uma questão que foi apresentada por eles é que algumas favelas têm jovens que são do tráfico e, que informalmente, formam outra *gangue*, com intuito de humilhar e dominar jovens da mesma comunidade, que não fazem parte do tráfico. Essa ocorrência foi identificada em duas favelas, que coincidentemente têm uma área geográfica extensa, o que possivelmente possibilitaria a existência de outras *gangues* formadas por jovens dentro do tráfico. A seguir, descrevemos o relato de um jovem que acabou entrando no tráfico para obter condições de defesa, na medida em que se sentiu acuado frente às ameaças de uma dessas *gangues*. É o que conta Hudson: *“Eu lutei. Eu trabalhava entregando quentinha Eu não tinha necessidade do dinheiro do tráfico. Eu acabei entrando no tráfico por revolta. Revolta pela covardia dos caras em ficar pegando a molecada e dando “porrada”. Naquele momento era a única maneira de me vingar da surra que eu levei daquela turma de garotos. Eu entrei no movimento pra ficar forte e poder ter uma arma pros caras ficarem também com medo de mim. Na ocasião, eu pensei: agora eu estou de igual para igual”* (HUDSON, 18A).

“Vingar a morte de um parente ou alguém querido”

Em cenários de grande violência, como são as favelas do Rio, é de se esperar que conflitos internos sobre vingança existam. Alguns egressos justificaram ter entrado para o tráfico para vingar a morte de alguém querido, seja parente ou amigos, os quais consideravam afetivamente. São mortes ocasionadas por conflito armado, por incursão

policial e/ou traficantes de outra facção. São reações de ódio que vêm crescendo entre os moradores das favelas, que vêem seus entes queridos serem mortos, muitos ocasionalmente, por balas perdidas. Descreve-se a seguir três relatos:

(1) **Vingar a morte de amigo:** *Foi exatamente no dia 21 de maio de 2002, que eu decidi que ia vingar a morte do meu amigo. A polícia matou meu melhor amigo, ele não era traficante... Pô, eu fiquei chateado... Aí, outro amigo entre “aspas”, porque no morro ninguém é amigo de ninguém, falou assim: “Pô, cara, agora você tem que entrar pra vingar a morte dele!”. “Assim, praticamente eu fui induzindo a entrar, mais o ódio, que tava, sentido, eu acabei entrando”* (FABRÍCIO, 21A).

(2) **Vingar a morte do pai:** *“Meu pai era do crime e foi morto pela polícia, que entrou no morro de madrugada atirando. Eu era pequeno e vi o meu pai todo feio, cheio de sangue no chão. Fiquei com essa cena na minha cabeça um tempão na minha vida... Quando, eu cresci tava ligado em vingar a morte do meu pai...entrei pro movimento. A gente cresce com a revolta no coração e não tem jeito a gente acaba vivendo o crime também... É muita coisa, é muito forte...”* (MARCELO, 18A).

(3) **Vingar a morte do irmão:** *“Eu procurei o tráfico pra fortalecer a minha vingança, eu precisava vingar a morte do meu irmão. Ele era inocente, o moleque era tranqüilo. Os bandidos safados (...), pegaram ele achando, que ele era bandido do morro. Depois que eu me vinguei, cresceu tudo; mulher, dinheiro, poder, essas coisas, aí eu fui ficando”* (FABRÍCIO, 21A).

“Falta de perspectiva e valorização pessoal”

A ausência de um projeto de vida acaba levando esses jovens a procurarem

atividades que na maioria das vezes os levam a comportamentos de alto risco. O relato, abaixo, demonstra como o jovem vai se envolvendo com práticas de delitos e posteriormente entrando para o tráfico de sua comunidade. A princípio ele relata que não tinha a intenção de se transformar em marginal, mas as situações foram acontecendo de tal forma que quando ele percebeu: *“já estava pegado [envolvido] não teve outro jeito a não ser ficar junto do bando”*. Renato expõe com mais detalhe o seu processo de entrada: *“Eu comecei, assim, com o **bonde de role** [jovens que se organizam e saem em grupo, geralmente para furtar na rua]. A galera ficava de noite na pista pra faturar alguns lances. Aí de repente colocaram uma arma na minha mão, quando me vi já estava assaltando com a molecada. Na época, eles me elogiaram pro chefão e disseram que eu merecia uma chance no movimento. Pô, eu fiquei, me sentido, nunca ninguém tinha falado bem de mim, de ter reconhecido o meu valor, tá entendendo”*

(RENATO, 22A).

“Status, poder, dinheiro, mulher...”

A justificativa, deste motivo foi a mais usual entre os jovens. O tráfico induz o jovem a acreditar num propósito de poder, *status* e virilidade no seu espaço de circulação social (favela), como bem apontam Roberto e Jorge em seus depoimentos:

(1) *“A gente acaba entrando no tráfico por que, no início, tudo é mais fácil; cheiro, mulher, dinheiro, entendeu? A pobreza é grande, a gente nasce e vive sem nada. Quando o cara vê que pode ter vantagens com alguma coisa, o cara vai, não pensa muito não”* (ROBERTO CARLOS, 19A).

(2) *“Nem todos vão pelo dinheiro, tem uns que vão por interesse, por poder, por vaidade, de poder tudo no morro. Eu conheço garotos, que a família dá de tudo, mas eles não querem só dinheiro, querem poder, mulher a hora que quer, essas coisas, entende? Ficam andando na comunidade, tirando “onda” cheio de “marra” de poder tudo e as pessoas ficam com medo”* (JORGE, 24A).

“Conflitos familiares e violência intrafamiliar”

Os jovens moradores de espaços populares convivem com inúmeros conflitos sociais e familiares. A ausência da presença paterna, com mencionado anteriormente, é um ponto fundamental na formação da identidade deles. Por outro lado, a mãe acaba recebendo toda uma carga de responsabilidade de criar, alimentar, educar etc. Associado a essas questões, incluem-se a prática de violência intra-familiar e o uso abusivo de drogas, especialmente o álcool – sendo ocorrências levantadas pelos jovens egressos como comportamentos que os deixavam perturbados e transtornados. Paralelamente, a escola que se coloca como o segundo espaço de diálogo para eles também acaba não atingindo este objetivo, o que os levam a um processo de evasão. Logo, o tráfico é aparentemente um atrativo de vida. Segue os relatos que ilustram:

(1) *“Ah, sei lá. Sabe que eu não sei direito. Oh, a minha família é uma droga, a escola nunca foi o meu barato, é muito chata. Ficam aquelas professoras gritando na cabeça da gente. O dinheiro é um lance bom, mas não foi só por isso, não. Tanto é que quando recebia eu espalhava a grana pra quem precisava. Eu bebia muito, cheirava muito e, às vezes eu ainda levava pra casa pro meu irmão, mas, ele nunca foi bandido”* (João Carlos, 17a).

(2) *“Desde muito cedo eu ficava largado na comunidade. Minha casa sempre foi complicada de ficar, apanhava muito da minha mãe, ela chegava sempre bêbada e dava pancada em quem tivesse pela frente. Iniciei aos 12 anos fumando maconha... Era o que a molecada com quem eu andava usava. Eu não precisava pagar por ela. Eles me davam. Em troca eu ia com eles roubar. Eu era o menor e era o único que entrava pelo basculante das casas. Depois que a gente pegava as coisas e vendia, eu dava um pouco de dinheiro pro meus irmãos menores comprar comida”* (ADILSON, 19A).

“Convivência com os amigos”

A trama da convivência social entre os jovens é muito intensa. A maior parte nasce e convive no mesmo espaço comunitário. Por outro lado, a falta de auto-estima e de oportunidade faz com que o jovem pouco circule fora desse espaço. Este tipo de comportamento o leva a centralizar o seu foco de interação social basicamente no espaço da favela. Assim, ele acaba respirando praticamente o ar da violência e da bandidagem. Presencia a cada dia mais um amigo se rendendo às práticas do tráfico. A pressão é muito grande e, caso não tenha uma boa formação familiar, acaba escorregando também.

(1) *“No baile funk todo mundo se encontra. Conforme eu ia pro baile eu ia conversando com a rapaziada, aí, ia rolando um cheirinho, uma ervinha, as mulheres. Eu ia ficando perto deles por que eu sabia que as coisas boas ficavam perto deles. Aí, eu fui pegando, amizade com eles. Eles começaram a me fortalecer com negócio de droga, roupa, tênis.* (MARCELO, 18A)

(2) *“Isso começou normalmente do nada. Eu trabalhava de carteira assinada. Eu fui pai cedo, criei responsabilidade com 16 anos. Fui mandado embora do serviço. O que acontece, a minha mãe nunca foi àquela mãe que ficava no pé, a gente foi criado a Deus dará. O que aconteceu, eu tive muitos amigos que entraram no movimento; meu vizinho, meu colega de escola e por aí vai. Até meu melhor amigo. Eu fui começando a me envolver, fazendo conhecimentos através dos amigos da infância, aí fui vendo e participando aos poucos das coisas do tráfico, entendeu?”* (UBIRACI, 22A).

Como foi observada, a entrada no mundo do crime ocorre por diversos motivos e em diferentes circunstâncias. Um caso atípico ocorreu com Mauricio. Foi forçado a entrar no *movimento* para pagar uma dívida de consumo (maconha e cocaína). Com o tempo, esse jovem acabou optando por continuar no tráfico. O jovem narrou uma passagem, que segundo ele mobilizou profundamente muitas pessoas da sua comunidade/favela. Leandro, antes de entrar para o tráfico residia com sua avó, tios e primos. Atualmente mora com a sua namorada e tem um filho. Nunca teve contato com o pai e nem mesmo chegou a conhecê-lo. Bastante angustiado e deprimido falou um pouco sobre a sua trajetória no tráfico: *“Eu não tenho irmãos e por isso sempre gostei de andar com muitos amigos. Teve uma época que os caras que eu andava, fumavam “baseados” [cigarro de maconha] e dava um cheirinho [cocaína]... Com o tempo fui pegando a onda dos caras e cada vez mais só queria cheirar, mas, naquele tempo era difícil eu ter grana pra comprar. Mas, tava, muito louco, só queria cheirar e a grana continuava curta. Passei, então, a pegar “cocaína” fiado, até que um dia o gerente da boca, mandou me chamar para eu acertar as contas. Nesse dia eu achei, que ia morrer porque não tinha “dindim” [dinheiro] pra pagar. Quando cheguei lá em cima o cara me deu maior decisão e fez um acordo comigo já que não tinha grana. Eu teria que*

trabalhar por uns tempos no tráfico. Passei duas semanas, vi e aprendi muita coisa”

(MAURICIO, 25A).

Histórias como essas ficam escondidas e perdidas dentro de cada jovem que um dia atuou no tráfico de drogas. O ritual de iniciação no mundo do crime ocorre exatamente na ocasião em que o jovem se vê fragilizado emocionalmente para enfrentar seus conflitos de ordem familiar e do contexto social. Cada um apresenta uma história marcada por diversos acontecimentos e justificativas que são internalizadas e vividas intensamente.

Portanto, é difícil definir com exatidão parâmetros que justifiquem os reais motivos que levam esses jovens a optarem pelo mundo do crime, justamente pela complexidade de acontecimentos que envolvem cada história de vida. As razões são bem variadas, mas sem dúvida há aspectos particulares que os mobilizam profundamente: a representação do poder, o dinheiro, a arma, as mulheres. São atrativos que carregam uma visibilidade social tanto interna quanto externa ao espaço da favela. Como afirma ATHAYDE (2005), a maneira que esses jovens encontram para serem notados é assumir a conduta de bandido; *“o sujeito que não era visto impõe-se a nós. Exige que o tratemos como sujeito. Recupera a visibilidade, recompõem-se como sujeito, se afirma e reconstrói (P.215)*. Para Soares (2005) a grande luta desses jovens é contra a invisibilidade, como afirma o autor: *“esses meninos estão famintos de existência social, famintos de reconhecimento”*.

Torna-se importante situar alguns pontos, os quais são representativos no universo desses jovens:

Atores que facilitaram o processo de entrada dos jovens no tráfico:

O jovem pode apresentar um conjunto de causas que justifiquem a sua entrada. Contudo, é preciso entender quais os atores que facilitam este caminho, ou seja, quem cria a intermediação entre a procura e oferta de trabalho no tráfico. Os jovens entrevistados, relataram que na maioria das vezes procuram alguém influente do tráfico, conduzidos por amigos, familiares, namoradas (os), ou por conta própria. No entanto, mais comum é o jovem ser seduzido por outro jovem que já faz parte do negócio: *"eu entrei na firma por indicação de um amigo, mas, meu primo também me deu uma força"; "conheci uns caras e aos poucos eu tava fazendo junto com eles os lances, nem senti"*. Esses depoimentos confirmam as opiniões de alguns familiares, para os quais são os maus amigos que acabam levando os jovens para a vida de bandido: *"acredito que ele tenha entrado nisso devidas as más companhias dos bailes funks, no alto do morro"* (Mãe). Em alguns relatos dos jovens também fica expressa essa influência:

"A primeira influência foi do meu cunhado, minha irmã namorou um traficante, que ia sempre à casa da minha mãe, aí começamos a pegar amizade e... Às vezes ele me chamava pra andar junto com ele, pra segurar o rádio transmissor... Eu tinha 12 ou 13 anos de idade... Depois que eu entrei, aí, ele me dava conselho pra eu estudar, e eu falava que "Não...", que não queria, já estava muito envolvido e gostava daquela vida... de segurar armas, de mulher, essas coisas. Eu pensava que ser bandido era uma maneira da gente dominar as pessoas" (CRISTOVAM, 25A).

"Os amigos sempre ficam conversando sobre algumas situações que vivenciam depois eles contam muita vantagem, mulher, dinheiro, roupa isso tudo vai encantando a gente" (AUGUSTO, 17A).

Ter amizades dentro da rede ilícita do tráfico aparece como um elemento que favorece a iniciação da maioria dos jovens. No entanto, o ingresso na rede do tráfico em geral segue um processo gradativo. Muitas vezes, as amizades estabelecidas ou a proximidade com pessoas inseridas em alguma atividade do tráfico são um primeiro passo para o envolvimento propriamente dito, ainda que não sejam necessariamente determinantes. Estas relações propiciam uma naturalização das práticas ligadas à rede ilícita, bem como a apropriação progressiva de seus códigos por parte daqueles que transitam ao redor.

Reação da família diante da entrada do jovem no tráfico:

De acordo com o relato dos jovens, a maioria de suas famílias se recusavam a aceitar seus ganhos financeiros, advindos do tráfico. Alguns depoimentos retratam episódios de angústia familiar pelo impacto da notícia da sua entrada no tráfico. A maioria dos jovens apresentou uma reação de medo ao comunicar a família sua nova opção de vida. Geralmente eles esconderam essa situação durante algum tempo, sendo a notícia deflagrada por outros familiares e/ou vizinhos, o que piorou a reação da família, sobretudo da “mãe”. A forma como a família recebe e lida com a notícia provoca uma reação adversa de intensa indignação e em alguns casos resulta num afastamento temporário do jovem com o núcleo familiar, como conta Leonardo: *“No dia seguinte eu já comecei escondido da família, chegava com dinheiro em casa e falava que tava trabalhando com num sei quem, sempre inventava uma desculpa. Até que um dia meu tio descobriu e falou pra família, foi uma confusão daquelas. Resolvi, dá um tempo e me afastar de casa. Cada dia eu dormia numa laje diferente”* (LEONARDO, 22A).

Outra reação da família é tentar afastá-lo do seu convívio, seja por *vergonha* ou por *prováveis complicações* que este envolvimento pode trazer para a família pela maior aproximação de bandidos e policiais: *“Minha avó me perguntou onde eu tinha conseguido o dinheiro, aí eu falei: tô trabalhando! Mas, minha avó é muito esperta, com tempo ela foi perguntando aqui e ali, ficou sabendo que eu estava na atividade do tráfico... Quando cheguei em casa ela começou a jogar as coisas em cima de mim eu fiquei sem saber o que fazer... “Fiquei um tempão sem ir lá, depois de muito tempo ela me enviou um recado que era pra eu aparecer que ela queria falar comigo”* (PAULO, 21A).

A raiva e a indignação também são fortes reações da família que repercute neste afastamento, como conta João: *“A minha mãe não sabia, minha mãe foi a última pessoa, a saber, e quando ela soube, chorou muito. Meu pai, que não mora mais com a minha mãe também quando soube ficou muito bravo. Ele tem derrame e usa muleta, quando ele me viu na rua da favela, jogou a muleta em cima de mim. Pô, eu não sabia se pegava a muleta ou ia embora”* (JOÃO, 19A).

A profunda decepção da família é verbalizada em expressões implacáveis: *“Fiquei **boladão** [chateado]. Uma vez a minha mãe me disse que preferia me vê morto a me vê com uma arma na mão...”* (ADÍLSON, 19A).

Há famílias que procuram não aceitar, dissimulando a verdade: *“Minha mãe nunca teve certeza do meu envolvimento. Pra dizer a verdade eu acho, que ela sabia, mas não sabia até que ponto eu estava envolvido”* (FABRÍCIO, 21A). Ao contrário de outras, que apesar de demonstrar o seu inconformismo procuram empenhar-se para dissuadi-los a mudar de idéias, porém, a dificuldade em obter êxito é grande: *“Pô, quando eu entrei minha mãe começou a me dá desprezo. Era como se eu tivesse morrido. Às vezes ela falava comigo pra me dá conselho pra eu sair daquela vida. Minha mente tinha*

mudado, meu modo de pensar era outro, meu modo de agir também era outro. Conforme você entra pro crime, seu modo de pensar e de agir muda. Você fica totalmente diferente, você é outra pessoa, é um bagulho sinistro” (MAURÍCIO, 23A).

Algumas mães que não aceitam e o seu excesso de preocupação pode colocá-la também em risco, o que de certa forma acaba afastando mais ainda o filho de si, de um possível regaste familiar: *“Minha mãe chorava todo dia, nem dormia. Não dormia não, ia atrás de mim 24 horas, era um saco, a molecada ficava toda hora me encarnando”* (MAYCON, 19A). É um momento de sofrimento e angústia tanto para família quanto para o jovem. O rapaz inicialmente se vê rejeitado pela sua mãe e por outras pessoas da família. Contudo esse processo de distanciamento é passageiro, principalmente quando ocorre alguma situação de conflito armado. Essas mães são as primeiras a ficarem em pânico com a eminência da morte de seus filhos: *“logo depois do primeiro tiroteio que vivi na comunidade a minha mãe me enviou um recado pra eu aparecer em casa”*.

Muitos jovens relataram que ficaram surpresos, pelo fato de suas mães não aceitarem o dinheiro deles. Contudo, seus irmãos como outros familiares (primos, tios, etc.) costumavam solicitar seu dinheiro quando precisavam resolver alguma situação particular, diz Renato: *“A família começou a virar as costas pra mim. Eu ia pra casa dormir, mas não comia nada. Minha mãe nunca aceitou o meu dinheiro. Ela dizia que não queria dinheiro de gente ruim”*.

Por outro lado, houve relatos que demonstram pouca ou nenhuma reação da família diante da entrada do jovem no tráfico. São jovens, em sua maioria, que pertencem à famílias com graves problemas de relacionamento e interação social e tinham o costume de usufruir dos ganhos financeiros deles. De certa maneira, para estes casos, as vantagens do tráfico são comuns à todos, independente do poder de ganho

desse jovem. Talvez o que diferencie seja o nível de comprometimento e prestígio que alguns podem alcançar dentro do *movimento*.

3.3 VIDAS E TRABALHO DE JOVENS EGRESSOS NO TRÁFICO DE DROGAS

Ao descrever as situações vividas pelos jovens egressos no tráfico de drogas, em suas comunidades, consideramos irrelevante separar os jovens de acordo com sua favela de origem, na medida em que as realidades culturais e sociais desses espaços são bastante semelhantes. O que configura na organização do trabalho do tráfico é o tipo de facção criminosa e, neste caso, todos os jovens atuaram em comunidades que pertenciam o Terceiro Comando (TC).

Invasão do crime organizado nas favelas: população rendida

O tráfico de drogas é, hoje, um problema central nas favelas cariocas. Esta atividade ilegal e perversa consegue se impor e interferir na vida de milhares de pessoas que vivem nas áreas empobrecidas da cidade do Rio. Nas entrevistas realizadas e nas observações registradas no diário de campo, encontramos algumas situações geradas pelo crime organizado que repercutiram fortemente no estilo de vida da população local. Contribuem também para a formação de uma nova geração de *soldados* [jovens traficantes] que provavelmente estarão disputando uma vaga neste mercado ilegal de trabalho.

A favela é um espaço onde se nasce, vive, brinca, cresce, estuda, trabalha, namora, trafica, mata e morre, ou, simplesmente, é um território adverso e heterogêneo. Fruto dos interesses mais variados, o tráfico de drogas protagoniza sua ação de vilão, estabelecendo

novos padrões de convivência social. As favelas, comumente chamada pelos seus moradores de “comunidade” ou “morro”, são lugares apropriados para o recebimento de armamentos e o escoamento da mercadoria (drogas), principalmente por serem ambientes de difícil trânsito, que dificultam tanto as operações policiais como a circulação de outras pessoas do bairro.

Esse mercado se firma através da manutenção da engrenagem da violência urbana. Somam-se à violência da fome, da miséria, do desemprego, enfim da ausência das condições dignas de sobrevivência. Um conjunto de situações desfavoráveis interfere fortemente no cotidiano de seus moradores, levando-os a um processo de submissão e humilhação. É estranho observar como as pessoas acabam se adaptando a viver num lugar onde o amor e o ódio, a ira e a paixão, a vida e a morte são sentimentos tão intensos e próximos. São momentos repletos de alegria, tristeza e medo para quem convive neste cotidiano tão sórdido. Sem dúvida, é um cenário bastante adverso e contraditório. Há ocasiões em que as favelas transparecem como lugares calmos e tranquilos, de intensa vida social, onde seus moradores transitam espaçosamente pelas ruas, as crianças brincam, andam de bicicleta e tudo mais. Não obstante, por trás deste cenário existe um bastidor movimentado e tenso, onde toda a *tramóia* do mercado do tráfico é combinada e revisada por seus integrantes, em sua maioria, composta por adolescentes e jovens, que participam ativamente deste rentável e ao mesmo tempo cruel negócio, em que cada qual exerce uma função importante para manter o funcionamento dessa engrenagem. Uma engrenagem de pavor, medo, tortura e morte. Mas, de forma sábia também gera recompensas para aqueles que obedecem as suas leis e regras sociais, as quais são redefinidas por cada grupo que assume aquele poder local.

As favelas, hoje, são mais violentadas pela internacionalização do tráfico no seu contexto comunitário. Seus mecanismos de controle e funcionamento tornaram mais brutais seu contexto comunitário. As narrativas dos jovens deixam entrever que seus moradores vivem uma realidade bem diferente daquela preconizada pela sociedade "dita" organizada. A *lei do morro* é diferente da *lei do asfalto*. A do asfalto foi feita para a parcela da sociedade que tem condições de exigir que ela seja cumprida para que haja o exercício de sua cidadania. Já a lei do morro foi feita por alguns de seus habitantes com a finalidade de regular a vida de todos, participantes ou não do crime organizado. As figuras e letras de *funk* retratam regras de convivência para a população local, alertam sobre o que não é permitido fazer. Uma imagem bem clássica é os *três macaquinhos* (eles não vêem, não ouvem e, portanto, não falam). É comum avistar este tipo de imagem grafitada nos muros das casas das favelas que são dominadas pela facção do Terceiro Comando (TC). Essa é a principal regra para se viver numa favela. Há outras mensagens que podem mudar conforme a facção e o momento da "cabeça do dono" do morro [pensamento de quem está no comando]. Uma das mais conhecidas é a proibição do uso da cor vermelha em praticamente tudo, que corresponde à cor do grupo rival Comando Vermelho (CV). Assim, a lei é expressa em códigos internos, uma conduta do tráfico [poder local] que dissemina suas normas de comportamentos e estabelece o controle social do território, que deve ser acatado por todos, sem exceção.

Vigiar e punir, este é o lema do tráfico nas favelas. Para FOUCAULT (2002) a *punição* e a *vigilância* são poderes destinados a educar (adestrar) pessoas para que essas cumpram normas, leis e exercícios, de acordo com a vontade de quem detêm o poder. A vigilância é uma maneira de se observar a pessoa, se esta está realmente cumprindo com todos seus deveres. É um poder que atinge os corpos dos indivíduos, seus gestos, seus

discursos, suas atividades, sua aprendizagem, sua vida cotidiana. A vigilância tem como função evitar que algo contrário ao poder aconteça e busca regulamentar a vida das pessoas para que exerçam suas atividades. Já a punição é o meio encontrado pelo poder para tentar corrigir as pessoas que infringem às regras ditadas pelo poder e impedir que essas pessoas cometam condutas puníveis. A relação entre vigiar e punir está no fato de que seria possível “adestrar” as pessoas para que estas exerçam suas tarefas como bons cidadãos e evitar o máximo que as pessoas infringissem as normas estabelecidas pelo poder, no caso, emanadas pelo do tráfico de drogas.

Até meados da década de 1990, os códigos de condutas eram mais visíveis para a comunidade. Com a chegada ao poder de uma geração de bandidos mais jovens, essas regras sobre o que se pode ou não fazer ficaram confusas e perdidas. A fragilidade da aplicação desses códigos, aliada a outros fatores, gerou um aumento descomunal da violência do tráfico para com os moradores das favelas. A pouca idade desses jovens deixam os vulneráveis para a tomada de decisões e para serem respeitados pela população. Agem de forma mais cruel e vingativa, como alguns moradores relatam: *“a gente nunca sabe qual é a lei daquele momento. Toda hora mudam de idéias a gente fica perdido... esses meninos não respeitam mais ninguém e não fazem mais nada por ninguém”*. A população mais velha das favelas se sente ressentida e amedrontada com os rituais de punição desses jovens traficantes. Um morador que viveu as várias fases de poder do crime organizado em sua favela desabafava ao dizer: *“antigamente o bandido respeitava a população. Eles tinham lá as coisas deles e a gente não se metia porque eles respeitavam os moradores... a comunidade era de todos, eles não mexiam com a gente...agora é tudo deles”*. Nesse depoimento reluz um passado de regras mais flexíveis, de uma convivência mais tolerante entre bandidismo e população local.

Em algumas favelas, o tráfico sofisticou o seu ritual de punição. Uma das novidades é a adoção de um “tribunal” para julgar os casos passíveis de punição e na maioria das vezes, o final esperado é a morte. O que muda é a sofisticação do horror e do espetáculo. Na ditadura imposta pelos traficantes, a tortura é empregada como suplício para prolongar o sofrimento da vítima até a morte. Alguns métodos são reproduzidos da época da ditadura militar, como o pau de arara e as sessões de asfixia. Os motivos que justificam uma surra podem ser os mais variados possíveis. Apanha o marido que bate na mulher, aquele que rouba dentro e/ou nas imediações da favela ou quem briga com a família do traficante.

Para o tráfico o sentido de punição é sinônimo de tortura e morte. A tortura não seguida de morte é para ensinar aquele que infringiu a lei. Já a tortura que precede à morte é para dar exemplo ao próprio bando do tráfico, caso a vítima tenha sido um rapaz do *movimento*. Se o acusado é uma pessoa da comunidade, a sua morte é mais do que um exemplo, é uma mensagem para todos os moradores da favela, de quem manda no “pedaço”. Nada é de ninguém, ninguém pode fazer o que quer e a traição não tem clemência.

Apesar disso, há uma questão ambivalente e contraditória. A violência do tráfico se “apresenta” e se “reapresenta” nas histórias de vida dos seus moradores, quando eles buscam a participação do tráfico para compartilhar as soluções de seus problemas ou até mesmo para protegê-los diante de outras situações extremas, como a entrada da polícia nas favelas.

Se considerarmos que o marginal é aquele que está à margem da lei, então, sob o ponto de vista dos habitantes do morro, se verifica que os marginais são os policiais. “A polícia é mais violenta que os bandidos. Eles não respeitam o trabalhador, invade a casa

da gente, leva as nossas coisas". Os seus "policiais" não são esses, mas aqueles que os protegem, que os ajudam nas horas difíceis. É quem acaba assumindo esse papel são justamente os traficantes - considerados pela população local, como os "guardiões do morro", cujo chefe é o "dono do morro". *"Aqui em cima a gente tem proteção"*. Vê-se claramente que a lacuna deixada pelo Estado é preenchida pelo crime organizado, pelos traficantes da favela: *"Eu subo o morro a hora que for, mas, no asfalto eu não ando"*. Assim, a lei do "morro" não está escrita, mas é cumprida por aqueles que estão sob o seu julgo. Todos têm que participar, no território comandado pelo *homem* do tráfico; o líder do bando, o "dono do morro".

Há também uma ambigüidade muito forte, uma vez que o banditismo assume momentos de heroísmo e/ou crueldade perante aos olhos de seus moradores. Esta imagem é determinada pelos eventos específicos vividos pelo bando do tráfico, na favela. Por exemplo, quando a ameaça ao bando é externa, ou seja, invasão de facção inimiga ou incursão policial, é esperada que os jovens do tráfico "ludem com bravura", até porque, é viver ou morrer e muitos de seus filhos e parentes fazem parte do "bando do tráfico". Ao ganhar a batalha, eles desfilam pelas ruas das favelas com suas armas supra-modernas. Quando a guerra se coloca frente a uma possível invasão de uma facção inimiga, a reação de alguns moradores é de também pegar a arma para reforçar a tropa de resistência do bando. *"Dessa vez a coisa foi feia, teve muito pai de família que eu vi de arma na mão pra defender o morro da invasão"* (*)¹⁰. Nesse caso, os moradores se juntam ao banditismo, para defender não só o espaço público (a favela), mas, acima de tudo, para proteger seu espaço privado (a moradia, a família). A fala de um jovem reflete esta questão:

¹⁰ Relato extraído do diário de campo, em 13/05/2007.

"Fico com medo em pensar que o nosso morro pode ser invadido. Quando há invasão, os bandidos do outro morro entram na casa da gente e fazem miséria. No fundo, o que eles querem é humilhar o morador, é tomar conta da situação. Ainda bem, que a turma daqui é brava, é valente, não deixa isso acontecer" (JOÃO CARLOS, 17 ANOS).

O contraponto deste heroísmo é quando o bandido passa a ameaçar a "paz local", gerando conflito social, como: expulsão, punição e morte, ou seja, quando eles próprios deflagram a violência. As falas comunitárias, desta vez, são opostas. Descrevem-se, abaixo, relatos de moradores das comunidades de origem dos jovens egressos (*)¹¹. Seu RODRIGO, morador do complexo do São Carlos, há 35 anos, coloca o caso de uma senhora que foi expulsa da favela, por que não quis abrigar um traficante quando a polícia entrou no morro.

Um caso de expulsão:

"A comunidade [favela] já foi muito boa de morar. Agora está terrível! Aqueles moleques [traficantes] se acham deuses, tudo podem, matam por qualquer coisa. Minha vizinha levou quase uma vida inteira pra fazer a casa dela. Depois que tava toda prontinha, teve que sair com uma mão na frente e a outra atrás, só deu tempo pra sair com a roupa que dava no corpo.

(RODRIGO, 62 ANOS. COMPLEXO DO SÃO CARLOS).

Fernandes morador, há 21 anos, de uma das favelas do Complexo do São Carlos, relata que o morro sempre foi violento, mas de uns anos para cá a violência tem sido *insuportável*. Conta que um primo seu trabalha na Associação e por ter tido um problema que envolvia dinheiro os caras da Associação comunicaram aos traficantes e ele foi terrivelmente surrado, só não morreu porque ou outro morador foi interceder por ele:

¹¹ Relato extraído do diário de campo, no período de abril a junho do ano de 2007.

Um caso de Punição:

“Meu primo apanhou muito, coitado. Na hora que ele foi prestar conta das coisas da Associação de Moradores parece que tava faltando dinheiro, sei lá o quê? Eu sei que o expulsaram de lá e ainda quebrou ele todo, por pouco que ele não morreu”.

(FERNANDES, 44 ANOS. COMPLEXO DOS MACACOS).

Roberto Carlos se emociona, até hoje quando fala de seu irmão que foi brutalmente atingido pelo tráfico por intrigas dos próprios traficantes. Até, hoje, Roberto não tem clareza do que ocorreu exatamente. São histórias que vão ficando perdidas, deixadas para lá... por causa da ditadura do tráfico.

Um caso de morte:

"Foi um horror! Não gosto de lembrar a morte do meu irmão. Vem logo a sua imagem morta na vala, jogado de qualquer jeito. Foram traições que fizeram com ele (...). Dizem que ele estava devendo pros caras do movimento, consumo de droga, mas não acredito nisso. A gente não pode falar nada. Vai dizer o que? Quem pode fazer justiça? Ninguém. Fica morrido mesmo, entendeu?"

(ROBERTO CARLOS, 32ANOS. COMPLEXO DO ACARI).

Os depoimentos giram em torno da violência emanada pelo tráfico, como o principal problema enfrentado pelos moradores da comunidade. Para eles, este tipo de violência é cruel, pois dela deriva um conjunto de situações desagradáveis e assustadoras que podem levá-los à tortura, à morte e ao próprio acirramento social. Sem dúvida, a violência urbana ameaça o cotidiano, agindo como regulador da vida social das pessoas que sofrem o seu impacto direto. É uma ação que contribui fortemente com o processo de exclusão social dos grupos empobrecidos, reduzindo, ainda mais, suas

possibilidades de acesso ao conhecimento e a cultura. Diariamente manchetes “*rasgam a vida pacífica do povo carioca e mancham de sangue a vida brasileira*”¹², com reportagens sobre os efeitos devastadores do tráfico de drogas, na maioria das vezes, associada com torturas e mortes violentas. Essas reportagens contribuem para uma divisão social cheia de estereótipos e preconceitos. De um lado, os favelados, os criminosos, os traficantes, assassinos em potencial e, do outro lado, a população que se julga mais civilizada, mais dócil e harmônica. São idéias que reforçam o processo de exclusão social da população empobrecida das favelas do Rio, visto que a sociedade não apresenta um discurso aberto e receptível às diferenças sociais, o que dificulta a sociabilidade e a interação do jovem com a cidade.

É neste contexto que crianças nascem, crescem e se transformam em adolescentes e jovens com valores focados na banalização da violência e do mundo do crime. Mas, como não se tornar bandido? Porque estudar é importante? O que é ter saúde pra mim? Vale a pena se “matar” trabalhando honestamente? Essas indagações, entre tantas outras, os nossos jovens egressos um dia se perguntaram e sabemos que lá atrás eles responderam do seu jeito, trilhando os caminhos tão árduos e difíceis do crime organizado.

Funções, comandos e hierarquias no tráfico:

O tráfico de drogas no varejo, nas favelas do Rio, apresenta uma lógica organizacional semelhante à estrutura de uma empresa, porém de base informal, com variações de acordo com suas necessidades. Por ser uma atividade ilegal, precisa de um conjunto de códigos de linguagem para se estabelecer. Todavia, esses códigos vão

¹² Título da reportagem do jornal O Globo, de 05/05/2007.

mutando para manter o sigilo de seus significados. É o que diz Vitor: “*algum tempo atrás quando um jovem ia preso, se dizia que ele estava “engaiolado”, agora, se diz que ele está “pegado”*” (Ver anexo I).

As designações referidas aos tipos de funções exercidas pelos jovens no tráfico sofreram poucas alterações, ao longo dos anos. Indica a consolidação destas ocupações no mercado do tráfico de drogas, na medida em que a imprensa se encarregou em decodificá-la e, já são reconhecidas para a população. A formação do quadro funcional do tráfico tem por base as denominações usadas na área da administração. Na realidade, o tráfico se apropria desta nomenclatura e o recria em novos arranjos de organização, comandos e hierarquias. Ao invés de usar, por exemplo, a denominação *vigia*, é usado *olheiro*, *vendedor* é usado *avião e/ou vapor*. Alguns cargos mantêm o mesmo nome compatível com sua função exercida como segurança ou gerente. O termo *presidente* não é referido neste tipo de negócio, talvez para não confundi-lo com a função ocupada por pessoas que atuam na favela/comunidade, como presidente de Associação de Moradores ou presidente de Escolas de Samba. As denominações de *o homem*, *o chefe*, *o padrão*, assumem conotações diversas para denominar aquela pessoa que detém o poder do tráfico, do território [favela], afinal, como é situado pelos moradores ele é o “*dono do morro*”, e da vida dos moradores. Como disse um jovem: “*é o que está por cima da “carne seca”*”. Os “*donos do morro*” é que decidem onde serão as bocas-de-fumo (os responsáveis em vender as drogas) e os gerentes (os responsáveis em supervisionar a venda).

As principais ocupações e funções exercidas pelos jovens no tráfico lhes conferem suas primeiras habilidades e competências profissionais. Para alguns, essas

habilidades serviram de conhecimento prévio para a sua entrada no mercado formal de trabalho, após a sua saída do tráfico de drogas, como veremos *no próximo capítulo*.

No Quadro 1, referimos as definições de cada função exercida pelos jovens no tráfico. Não mencionamos o valor das remunerações porque essa importância sofre pequenas variações em cada favela.

QUADRO (1):

OCUPAÇÕES EXERCIDAS NO MERCADO DO TRÁFICO DE DROGAS NO VAREJO

Dono do morro/Chefe/Patrão: É uma espécie de administrador geral. Administrador Geral toma todas as decisões.

Gerente Geral: Toma conta da boca: ele que reporta os acontecimentos ao patrão. Como esta o movimento, se alguém está vacilando. É o braço direito do chefe.

Gerente da boca-de-fumo: É responsável pela contratação e formação da equipe que atua no movimento; das equipes de soldados, dos endoladores, dos olheiros, fogueteiros e dos vapores. É preciso ter bom conhecimento de contabilidade. É como um subgerente vai prestar contas ao gerente Geral. Ele administra o processo do preparo até embalagem da droga, faz controle de qualidade.

Avião ou bucha: Faz o monitoramento do pessoal que está de plantão para ver se alguém está dormindo. Além de outros mandos; como comprar comida, pilhas, etc.

Segurança: Sua função é a de proteger a área/território do morro. O cargo exige coragem e perícia para atirar.

Soldado: Fazem a proteção da comunidade, são os que vão fazer o enfrentamento com polícia e grupos rivais e atualmente contra a milícia. “São os que vão para guerrilha/guerra”.

Segurança do patrão: Sempre aquele cara com mais disposição na favela e detém a confiança do dono, sua responsabilidade proteção do Patrão e dos gerentes.

Gerente de fogueteiro: É a pessoa encarregada em organizar os jovens que soltam foguetes quando a polícia entra na favela. É exercida geralmente por uma mulher.

Fogueteiro: É o que prepara a mistura da cocaína. Tem a função de soltar foguetes na chegada da droga, entrada de polícia ou invasão.

Vapor: Vender a droga. Sua responsabilidade é a comercialização da droga. Porta arma e rádio transmissor.

Endolador: Prepara a droga para ser consumida e vendida. Sempre sob a supervisão de um gerente.

Da atividade: Sua função é avisar da chegada da polícia e de grupos rivais. Mas é sua obrigação ficar e reter o inimigo para que o vapor consiga fugir com a droga.

Chefe da atividade: Faz o monitoramento, vê se o pessoal dorme no plantão; verifica se as pilhas dos rádios acabaram, etc.

157 Ou Composição Atual: São os membros que vão para pista roubar carros; moto; roupas, diversas cargas tudo que possa ser revertido em dinheiro para o grupo. Possuem este nome em referência ao artigo assalto á mão armada.

Fonte: Este quadro foi construído através da participação de jovens egressos e lideranças comunitárias de diversas favelas - facção do Terceiro Comando. Evidencia-se, que dependendo da favela estas funções e atividades podem sofrer variações.

O *recrutamento* para a vida de bandido, hoje, ocorre já entre 10 e 12 anos. Do grupo de egressos, onze entraram nesta faixa de idade, sendo que dois dos entrevistados entraram mais cedo, com 8 e 9 anos. Idade em que eles começaram a fazer pequenos serviços - "*mandos*" - para os traficantes, o que, segundo eles, serviu para que no futuro pudessem ter crédito em assumir posições mais avantajadas. O tráfico espera que o jovem tenha coragem; seja esperto, rápido; saiba atirar; seja capaz de matar quem for e quantos forem. Um jovem egresso narrou o seguinte episódio:

Não é mole não, tem que provar que tem talento... Tem que ter jeito pra trabalhar nisso. Um moleque que entrou na mesma época que eu teve que matar o seu melhor amigo, porque, ele tinha traído o movimento. Se tu não mata, tu morre, não tem pra onde fugir. "Eu lembro que ele descarregou a revólver e pronto, o cara tava aprovado" (FÁBIO, 22A).

Quando são admitidos, passam por um período de vigilância interno, na comunidade, realizando pequenas tarefas. Aprendem a atirar no momento da "atividade", ou seja, na hora do conflito armado. Usam armas de baixo porte, mas com o tempo vão tomando jeito e se dedicando mais ao ramo, ganhando credibilidade dos "homens" e passam a usar armas mais sofisticadas, de maior potência. Para que sejam eficientes é preciso que tenham *sangue frio* para defender o movimento com *unhas e dentes*, até com a própria vida. Isso implica matar quem quer que seja.

Com tanta miséria, fome, briga em casa e uma grande dose de baixa-estima, não é muito difícil adestrar esses jovens para o ódio, o desamor. Ninguém nasce bandido, criminoso, nem tampouco com vocação para matar. Esses meninos são fabricados pela indústria da violência do tráfico. Seus pensamentos e sentimentos são conduzidos numa ordem inversa à perpetuação humana. São programados para serem os *guardiões do tráfico* [protetores do território do tráfico]. Aprendem a lutar, a matar, a odiar. Porém,

nunca conseguem aprender muito bem a última lição dessa batalha, a de saber morrer. Cada um aprende sozinho, do jeito que pode.

Abaixo do *chefe*, encontramos os *gerentes* que são encarregados de coordenar as operações internas e externas à comunidade. Organizam grupos de quadrilhas para defender o território do comércio. Os gerentes são os únicos que andam sempre armados pela comunidade, para se protegerem de qualquer imprevisto, como invasão de grupos de morros vizinhos ou entrada da polícia. O gerente também tem a função de arrecadar semanalmente o dinheiro do tráfico nas bocas de fumo e prestar contas ao *chefe* (patrão). Cabe ao gerente fazer funcionar o sistema de entrega da droga por consignação aos adolescentes e jovens, que assume a função de *aviões* que transportam a droga até as *bocas-de-fumo*.

Há os *soldados* e *vapores* que são os que revendem a droga aos consumidores, aos clientes, que podem estar no morro, nas avenidas, próximas as favelas e morros. Os *esticas*, que são encarregados de vender as drogas em faculdades, boates, bares, prédios, condomínios. Em algumas favelas, as que ficam localizadas na área sul da cidade, existe os *drive-thru*. Os traficantes ficam em um ponto fixo e os compradores, de carro, passam, pagam e recebem a droga. De forma mais sofisticada tem ainda os *delivery*, em que o cliente liga e em pouco tempo um motoqueiro chega com a “encomenda”, que pode ser entregue em qualquer lugar. Os traficantes da zona sul chegam à sofisticação de “personalizar” as drogas, fazendo embalagens diferentes, em cores, para cada “boca-de-fumo”. Assim, caso haja reclamação do cliente o vendedor é identificado e tem que responder pela queixa. Dentro da categoria de entrega tem as *mulas*, que são pessoas que introjetam a droga em seu organismo para transportá-la em grandes distâncias. E, por último, os *fogueteiros* que ficam em pontos estratégicos, munidos de fogos de

artifícios que são soltos em duas ocasiões: para avisar que as drogas chegaram e estão à disposição, e principalmente para avisar que a polícia está entrando na favela. O trabalho acontece em dois turnos de 12 horas e os “trabalhadores” se revezam.

A maioria dos que entram para o tráfico ocupam inicialmente a posição de *olheiro* [vigia], que é o posto de maior oferta de trabalho, devido a extensão geográfica das favelas e, ao mesmo tempo, não exige conhecimento prévio. É uma função mais vulnerável às situações de traição e às penalidades, quando há perda de mercadoria (drogas) e equipamentos (armas).

O desejo do jovem em ascender na hierarquia do tráfico é muito intenso e latente. É a possibilidade de aumentar o seu ganho financeiro, de ter o poder dentro da hierarquia do tráfico, de se relacionar com as melhores mulheres do *pedaço* (favela) e, conseqüentemente de adquirir um maior prestígio perante a população local.

“Pra tu se dá bem no tráfico, o lance é tu subir logo. Se, não tu fica sendo um “pau mandado” [alguém que é mandado] dos caras” (HUDSON, 18A).

“O dono do morro pode tudo, pode mandar matar quem ele quiser, na hora que ele quiser. O gerente não, o gerente já tem que pedir permissão a ele. Não pode fazer besteira, por exemplo, eu vou matar o fulano, não, tem que perguntar ao dono” (RICARDO, 21A).

Não existe necessariamente uma seqüência lógica de ascensão. Dependendo da destreza e da articulação do jovem com o seu superior, ele pode de *olheiro* passar para o posto de *segurança*.

“Eu comecei primeiro como vapor. Depois de pouco tempo, o dono do morro me chamou pra ficar na segurança dele, aí eu fui segurança do dono do morro. Ai depois o dono do morro falou pra mim olhar uma parte do morro junto com um moleque que tava olhando lá. Foi quando eu fiquei ocupando dois cargos;

chefe de plantão a noite e segurança do dono do morro de manhã” (JAIR, 22A).

O depoimento de JAIR retrata também a carga excessiva de trabalho que o tráfico impõe aos jovens, associada a um conjunto de atividades que implicam risco e tensão. Segundo relatos, é comum os jovens que trabalham à noite serem surpreendidos por policiais e serem mortos, justamente por que não conseguem permanecer o tempo todo acordados.

Há dez anos, o processo de ascensão era mais rígido, porque a frequência de conflitos armados era menor e o tráfico tinha a possibilidade de melhor planejar suas ações. O grupo de jovens participantes também era reduzido, mas hoje há um quantitativo maior de jovens e com uma maior mobilidade de função. Dependendo da necessidade de operação do tráfico naquele exato momento, os jovens vão mudando de função, independente de estarem aptos ou não para exercê-la. No entanto, se falharem poderá pagar com a vida. Para ascender nesta hierarquia, o jovem precisa submeter-se a um processo de seleção rigoroso, que é avaliado pela sua atuação no dia-a-dia de trabalho no *movimento*. A oportunidade que todo jovem almeja é quase sempre mostrada numa situação limite, como num momento de conflito armado, onde ele tem a chance de mostrar toda a sua coragem, habilidade e lealdade.

Outro ponto é que esse jovem tem a possibilidade de ser tratado em condições iguais aos adultos e o “patrão” é mais justo, no plano da remuneração, do que a imensa maioria dos seus pares do mercado formal (SILVA, 2006). O *tráfico*, portanto, envolve um conjunto de rituais, de regras, de relações profundamente abrangentes que impregnam os seus participantes. Não é casual, então, o sentimento de fraternidade, de identidade, das mais variadas formas. A devida compreensão de sua realidade e de sua

dinâmica é um passo necessário para a criação de práticas que permitam a ruptura de sua lógica de reprodução (MISSE, 1999).

Jovens que sobrevivem entre o amor e a guerra:

A cultura do crime organizado, no caso o tráfico de drogas, atua fortemente na construção da identidade de adolescentes e jovens, na medida em que define uma posição social diante da sua comunidade, da sociedade e do mundo. O jovem é parte de um processo essencialmente dinâmico e articulado com o seu contexto social, logo, a engrenagem da criminalidade age como fator intrínseco na sua identidade, que acaba determinando diferentes comportamentos. (ZAMORA, 1999). Nesta dialética do crime, o jovem enfrenta um mundo cheio de conflitos, ódio e morte.

Os entrevistados verbalizaram que na época em que atuavam no “movimento” não conseguiam compreender determinados comandos do tráfico. A norma era para ser cumprida, sem maiores questionamentos. E eles cumpriam sem procurar entender determinados fatos. Consideram que a pouca idade traz muita confusão para compreender tudo que se vive no tráfico: *“A gente entra muito cedo e tudo que a gente vê, a gente fica encantado. A gente não consegue enxergar além dos nossos olhos”* (Fabio, 22a). Foram unânimes em narrar que a idéia que eles conferiam ao tráfico era a representação de se transformarem em bandido-herói: *“Naquela época, achava, que podia tudo, que ninguém podia me vencer”*; *“Ah, eu me sentia o próprio mocinho quando andava pelas vielas da comunidade com a arma na cintura”*. São falas que visualizam o jovem não somente na figura de bandido, mas acima de tudo como um herói. Uma dupla imagem de bandido-herói. Um bandido estilizado dos tempos

modernos, gerado pela indústria do narcotráfico, que fabrica soldados mirins para defender e manter seus interesses.

Criar figuras de heróis dentro do bando é uma forma de persuadir os jovens a cumprir satisfatoriamente as tarefas que lhes são designadas. A lógica do *movimento* é a de obter lucro e não de distribuir, compartilhar com quem precisa na comunidade. A perpetuação da pobreza é necessária para o domínio e a submissão de seus soldados e moradores. Os jovens são treinados para matar e não para defender os mais fracos e oprimidos, torturam sadicamente os que vão contra as normas estabelecidas e não hesitam em matar, seja quem for.

O imaginário desses jovens é repleto de fantasias de heroísmo. Além do mais, o tráfico oferece um lugar social a esses jovens, bem como, concede uma importância a este lugar, pois cada qual tem a sua ocupação na escala do crime e isto lhes confere um grau de *status* diante da sua condição social: *"Eu sempre quis ser uma pessoa importante, me sentir parte de alguma coisa grande.* Nesse caso, o poder paralelo gerado pelo narcotráfico vislumbra para eles a possibilidade de adquirir uma identidade social, mesmo que ela seja a de "marginal", porém com forte expressão de poder onde moram. Assim, trabalhar no movimento representa mais do que um meio rápido e eficaz de se chegar ao enriquecimento, mas também um sentimento de pertencimento extraordinariamente visível para aquele contexto.

Confinamento no território da favela:

Ao optar por uma vida de "bandido", o jovem também acaba optando pelo seu confinamento no território da favela. A redução do espaço de circulação foi narrada por

todos os jovens. A circulação social se restringe somente ao espaço da favela. Dificilmente eles saem deste ambiente por dois motivos:

1) Os jovens que ocupam uma posição destacada na hierarquia do tráfico não saem do território da favela por uma questão de segurança. O que é fichado na delegacia, corre o risco de ser reconhecido e pego pela polícia. O que não a princípio problemas com a justiça pode ser reconhecido por integrantes da facção rival. Diversas favelas, do Rio, estão localizadas em áreas muito próximas umas das outras. Logo, é recorrente sair de uma favela e em poucos metros encontrar outra. Pode assim, surgir situações que fique fora do controle.

“É permitido circular mas é difícil. No morro a gente tem mais liberdade, tem mais proteção. Você fica muito ligado quando desce, é muito perigoso. Geralmente quando a gente precisava de alguma coisa, a gente pedia alguma mulher nossa pra ir ao shopping, esses lugares bacanas... O problema de descer é a bandidagem do outro morro. Se a gente é reconhecido ou denunciado que está fora da comunidade, o bicho pode pegar feio pro teu lado, tu fica desprotegido pra reagir” (LEONARDO, 22A).

2) O jovem se sente inseguro em se relacionar com outros grupos sociais, na medida em que não poderá manter com tranquilidade esse convívio social, Conhecer uma jovem e namorá-la é totalmente fora de cogitação, seus pares afetivos devem fazer parte do seu território de circulação.

“Já soube de moleque que desceu pro ensaio da escola de samba e acabou conhecendo uma garota. Ele ficou totalmente ligado nela. Mas ele sabia que não podia, mas ela ficava na cabeça dele o tempo todo. Ele ficava ligado pra ela. Mas, só que ele não podia sair pra rua encontrar com ela, entendeu? Eu ficava dizendo pra ele tirar aquela mulher da cabeça que ele ainda ia morrer por causa dela. Sabe a rua não foi feita pra bandido ser cidadão, ele tem que tá ligado nisso, se não dança” (MAYCON, 19A).

A periodicidade deste distanciamento vai depender do tempo em que o jovem permanece no tráfego, quando é claro, não morre:

“Logo de início eu fiquei sem descer uns três anos, depois eu cheguei a descer umas duas vezes de carro e outra vez de rolé de moto-taxi, depois eu fiquei de novo um tempão sem descer. Agora, de um tempo pra cá é que eu estou novamente descendo pra pista” (FABRÍCIO, 21 A).

“A gente acaba perdendo o hábito de andar à vontade pela rua. As únicas vezes que eu senti vontade de sair foram quando a Vila Isabel foi campeã do carnaval. Muitos meninos desceram, mas, tive medo, sei lá, nesses momentos rola muita polícia. Fica tudo na porta esperando bandido entrar. E, como eu já fui fichado uma vez fiquei com medo, entendeu” (LEÔNICIO, 18A).

Segundo SILVA & SOUZA (2005), o jovem vive num território restrito sem uma maior inserção na cidade. A favela passa a ser o único lugar de partida e de chegada da sua existência. Essa conduta, distancia o jovem do sentimento de pertença à cidade em que sua favela está inserida. Com isso, ele não se sente responsável por algo que não lhe pertence. Devido a sua desconexão com a vida política e cultural da cidade, há uma progressiva perda do sentido da vida coletiva em cidade, o que reforça a cultura do crime na personalidade desse jovem, que vai se tornando mais “pegado” a um estilo de vida que limita seriamente as suas possibilidades de humanização.

Esta limitação espacial aparece de forma contundente nos relatos dos jovens:

A gente acaba ficando direto no morro e nem sente necessidade de sair dele. O patrão faz muito baile pra gente se divertir e também ganhar dinheiro, é claro. No “meu tempo” [na época em que era do tráfego], a gente ia pro baile, a gente era muito garoto, era tudo garoto novinho. A gente bebia, fumava, cheirava, ficava numa onda esperta. O nosso patrão deixava a gente regada. “Na onda a gente trocava idéia sobre esse negócio de tiroteio, bagulho, arma” (PAULO, 21A).

“Quando a gente esta lá em cima não sente falta não. A gente tem tudo no morro: mulher, dinheiro, cheiro, poder. Lá a gente é respeitado. No asfalto a gente não é ninguém”. “A cabeça do bandido é muito isso” (RODRIGO, 21A).

Manter a territorialização do crime e da violência é necessário para sustentar o controle e a vigília do mercado do tráfico de drogas, nas favelas, de forma segura e eficaz. Faz parte da lógica de dominação do tráfico cultivar o máximo possível esses jovens no *habitat* de sua empresa “favela”. Com isto, o tráfico frequentemente promove bailes *funks* fornecendo muita droga e estimulando a prostituição feminina para que seus “homens” possam nutrir os prazeres de sua virilidade. São práticas que provavelmente esses jovens não teriam como vivê-las fora do espaço de suas favelas.

Barbárie social: *punição e morte no tráfico*

O tráfico de drogas oprime os mais necessitados. Impõe o terror, a barbárie e a violência sem mensuração, justamente para aquelas camadas da população que mais carecem dos bens e serviços socialmente produzidos. Na sua outra face, esse mesmo tráfico se auto-flagela. Tortura e mata cruelmente seus jovens-soldados, levando-os para tribunais desumanos, torturando, esquartejando e queimando para dar exemplo de fidelidade, eficiência e justiça. Há uma polaridade de papéis que os jovens traficantes assumem no cenário do tráfico: a dupla função de matar e morrer. A de serem simultaneamente perpetradores e vítimas de histórias que parece não ter fim.

O aspecto da ilegalidade do mercado do tráfico faz deste negócio o seu ponto vulnerável para o cumprimento de normas e acordos. Não se pode ter provas ou qualquer tipo de documento. É neste sentido que a engrenagem da violência entra em

ação, ou seja, a lei passa a ser cumprida através do uso da força, da tortura e da morte. A lei não é escrita mas é cumprida. Suas citações são curtas e vigorosas para facilitar a assimilação do, tipo; *"se passar a volta no movimento, caí"* ou *"Se vacilar dança"*.

“Dá volta no movimento”:

A traição não tem perdão! É morte na certa. Mas, antes de morrer vem todo um ritual de tortura e sadismo. Os jovens egressos referem que os traficantes mais antigos estimulam este tipo de prática para os traficantes mais novos. *“os mais antigos já tem uma certa vivencia e procuram passar isso pros mais novos... quando eu vi pela primeira vez eu vomitei, não aqueitei, mas tive que ficar em pé pra vê, eles obrigam você a olhar. Aí se tu dá uma mole desse, aí mesmo que eles obrigam você a participar do lance, é uma droga...”* (PERNAMBUCO, 20A).

Segundo relatos, existem diversas formas de um jovem “dá volta no movimento”. Por exemplo, algumas funções, pela sua natureza propiciam ao jovem uma possibilidade de tirar alguma vantagem ou lucro, ou seja, “dá uma de esperto”. As posições de *vapor*, *avião* e *embolador* propiciam esta facilidade. O *endolador* é quem prepara a droga para ser vendida, um erro pode ser fatal. É um posto que traz muitas possibilidades de enganar o traficante.

O *vapor* é aquele que tem a oportunidade de roubar dinheiro, pois ele recebe e vende a droga para os fregueses que vão até o morro. Para ocupar esse cargo, tem que provar lealdade e ser de confiança, já que fica com todo o dinheiro da venda, que deve prestar contas no final do dia.

O *avião* é o garoto que vai até o freguês, que vende a droga fora do morro. Ou, se for o caso, é o que aponta o freguês para o *vapor* e, ao mesmo tempo, vigia a polícia, auxiliando o *bucha*, que fica escondido em pontos estratégicos, na comunidade, acompanhando quem entra e quem sai do morro. Dele depende o *vapor*, para avisá-lo da chegada de um freguês ou da polícia. Um erro, uma traição, pode ser fatal para o *vapor*.

Há outras oportunidades para os que ocupam posições de maior poder e confiança, como vender informações para quadrilhas rivais e para a própria polícia. Geralmente esses jovens não agem sozinhos e os seus mentores sempre procuram se associar a outros jovens, de menores ganhos, para fazer parte de sua *tramóia*. Como comenta Ricardo: *“Uma vez quando eu ainda era do “movimento” rolou um lance de traição sinistro envolvendo nove garotos. Eles que deram várias informações para o bando rival do outro morro invadirem o nosso. O lance era esse morro invadir e depois esses garotos iriam ficar em cargos superiores. Aí, descobriram o lance da traição. Naquele dia pegaram 6 e mataram no mesmo dia, nem saiu em jornal. Os outros fugiram, mas depois de muito tempo os caras lá do morro conseguiram, localizar eles e tombaram com eles”* (JORGE, 23A).

Uma outra história que se soma a esta aconteceu numa favela de alguns dos egressos. Foi um episódio que adolescentes e jovens eram caçados pelos próprios colegas e interrogados. Aqueles que não conseguiam provar a inocência eram sumariamente executados por seus "colegas". Foram quinze mortes em 24 horas e não houve nenhuma notícia veiculada nos meios de comunicação. A voz das famílias teve que se calar e algumas delas foram intimadas a sair da favela (*).¹³ Os moradores contam que quando o *"bicho pega na comunidade"*, às vezes, jovens que não têm nada a

¹³ Relato de observação, diário de campo, em 17/12/2006.

ver com a quadrilha do tráfico acabam entrando na ciranda da morte por serem amigos daquele que traiu o “movimento”. Os traficantes alegam que na dúvida de ter culpa ou não *“é melhor prevenir, a gente mata. Isso serve de exemplo pros outros... Traição não tem perdão”*. Alguns moradores chegam a apoiar esse tipo de conduta: *“quem mandou fazer besteira, agora toma chumbo”*, *“fica tudo iludido, achando, que bandido vizinho é melhor”*, *“quem dança fora leva”*. Essa reação é justificada pelo fato de que tais episódios colocam a vida das famílias em risco, numa possível invasão da *gangue* rival, e isto significa ameaça a “paz local” das favelas.

Conforme relatos, o bandido mata para se vingar de alguma traição ou defender sua honra e seu espaço (favela). Estes atos violentos são julgados sob uma concepção popular de lealdade, honra e respeito pela população local. Ao contrário da polícia que mata covardemente, pelas costas, sem avisar, desarmado, principalmente quando atinge alguém que não faz parte desta guerra. Nesse caso, os moradores consideram essa prática como um ato de perversidade; *“a polícia matou pra chocar a gente”*, *“pô o cara não tinha nada a haver, bicho...”*, *“não gosto de polícia, nunca gostei, são metidos a bacana e não sabem respeitar a gente. Só porque a gente é favelado, pobre e preto...”*

Perder mercadoria (droga) ou equipamento (arma):

Hudson, jovem egresso, relatou que antigamente a violência era diferente. *“Quando o moleque fazia alguma coisa errado, tipo assim, perdia mercadoria ou uma arma, ele levava uma surra dos caras do ”movimento” [tráfico] e tinha a chance de “batalhar” [trabalhar] no movimento pra pagar o que tinha perdido. Agora, não rola papo, perdeu, dançou...”*. Uma narrativa comovente de um jovem-egresso confirma a existência dessas situações:

“A polícia entrou no morro e ninguém esperava. Quando o moleque que dava como olheiro [vigia, 16anos] viu a polícia ele se assustou e deixou cair no chão a mochila que tava com droga, uma pistola e um radinho. Não teve papo. Quando a polícia foi embora, o chefe pediu pra pegar ele e levar pro cruzeiro. Aí, já era a segunda vez que ele dava prejuízo para o movimento. Foi queimado vivo. Foi foda, muito moleque não gostava dele porque ele era cheio de marra” (CHARLES, 21A).

O simbolismo da morte relacionada ao tráfico, vista pela comunidade, é que se morre por três motivos: castigo/punição, vingança ou simplesmente pelo azar de receber uma bala perdida ou ser confundido por uma outra pessoa. É cair não sendo a bola da vez. Para muitos é morrer de bobeira, *“o cara não tinha muita importância no grupo, pouco sabia, mas foi quem a polícia pegou, só pra dá exemplo de merda”*. A morte por castigo ocorre mais quando um adolescente se torna suspeito pelo fato de ser amigo de alguém que traiu o movimento, Dependendo do seu grau de amizade, ele “dança”. Já a punição é quando o jovem “Passar volta no movimento”, significa roubar pó e/ou dinheiro ou trair o seu grupo com outra *gangue*. Neste caso, a morte é certa, não tem conversa. O jovem passa a ser a “bola da vez”, o próximo a morrer. É como um ditado popular que existe nas favelas do Rio: *“O tráfico não perdoa, mata”*.

A pouca idade desses jovens favorece a lógica de organização do tráfico, visto que, de um lado, eles incorporam com maior facilidade e docilidade os valores e regras emanadas deste mercado. Mas, por outro são susceptíveis a variações emocionais e desobedecem facilmente as leis que são impostas, além de fantasiar que podem ser “super espertos” e mais fortes que toda essa engrenagem. Não é por acaso que as estatísticas apontam um elevado índice de mortes violentas, entre eles por execução sumária no

interior das próprias *gangues* ¹⁴. Já o terceiro motivo de morte por *vingança*, geralmente ocorre quando algum problema interpessoal entre os próprios jovens, como brigas em bailes *funks*, disputa por cargos, traição entre eles, mulher, dinheiro e armas.

Guardiões do tráfico: conflitos armados

Os jovens assumem posturas de verdadeiros guerreiros, “guardiões” na proteção de sua comunidade, na defesa da empresa do “patrão”. Além da comercialização da droga eles têm que dominar a “arte da guerra”, da defesa, da sobrevivência. Em momentos de intenso tiroteio e entre as *gangues*, o espaço da favela deixa de ser um espaço comum à todos e passa a pertencer aos *guerreiros* (*traficante x traficante ou traficante x policiais*). O andar solto pelas ruas e vielas das favelas é sempre perigoso para a população local, principalmente para crianças e pessoas idosas, que tendem a ficar mais expostas frente à situação de conflito inesperada. O elemento, surpresa das *gangues* é sempre um risco, pois a iminência de ganhar uma bala perdida é constante:

"Muita gente da comunidade que trabalhava de dia e estudava de noite, teve que parar de estudar, não tinha condições, Chegava na comunidade tardão da noite e não podia entrar por causa de tiroteio. Quando a pessoa tinha algum conhecido que morava perto ia pra lá. Se não tinha, o jeito era dormir no banco da praça, até o dia amanhecer pra entrar na comunidade, mudar de roupa e sair de novo pra trabalhar"

(MAURÍCIO, 23A).

Os eventos de conflito armado na favela dividiram as opiniões dos jovens egressos. A menor parte dos jovens externou que, quando aconteciam as situações de “*guerras*”, eram momentos excitantes de muita ação e emoção, “*era pura adrenalina*”.

¹⁴ Ver mais sobre o assunto no livro "Violência e Política no Rio de Janeiro". Relume Dumará / ISER, 1996. O livro aborda como evitar que as reações à violência aprofundem a segregação social e a estigmatização racial. Como pensar a relação entre violência e pobreza, cor e gênero?

Ou “as guerras na comunidade sempre me deixavam satisfeito. “Eu ficava nervoso, era um nervoso diferente, mistura de emoção e medo, sei lá, não sei explicar direito (João, 19a)”. Já, a maioria dos jovens revela que ficavam muito nervosos, principalmente aqueles que presenciaram a morte de algum amigo: “eu fiquei muito nervoso, o tiro explodiu a cabeça, dele eu não sabia que fazer, pensei que nesse dia eu também ia morrer”

O grupo como um todo disse que eles não receberam nenhum treinamento para manusear as armas. Por conta disso, é comum acontecer acidentes: “O primeiro tiro que eu dei, a arma disparou e, quase pegou o meu pé” (MARCELO, 18A). Mas, quando a guerra acontece, saber atirar e acertar são importantes: “na hora que rola a guerra todo mundo tem que segurar uma arma pra defender o tráfico, não importa, se sabe ou não atirar. Agora, tu tem que procurar acertar, se não tu corre o risco de ser baleado, de morrer” (MAYCON, 19A). Outro depoimento situa que nem sempre eles podem escolher o melhor lugar para trabalhar e de se defender de uma possível invasão: “Eu participei de quase todos os conflitos, porque, eu ficava no pior lugar da comunidade, eu era vigia do posto (um). Era o lugar que quando a polícia entrava no morro ia direto pra ele porque já sabia que ali ficava sempre gente. Por duas vezes eu consegui fugir, mas foi brabo a segunda vez. Depois desse dia eu fui conversar com o gerente pra ele me tirar dali. Só que eu não podia dizer que era por que eu estava com medo. Aí, eu inventei essa estória, entendeu?” (LEONARDO, 22A).

Invasão de gangues de outra facção:

Sabe-se que neste ramo de negócio, o jovem que segue a carreira de *bandido* dificilmente vive por muito tempo. Conforme Zaluar (2004), a média é de 3 a 5 anos. Os

jovens-egressos deste estudo, fazem parte de um grupo seletivo de sobreviventes. Mas, as suas falas sobre essa passagem de sua vida ainda guardam uma imagem bastante forte de expressões e significados. Assim, cada egresso expressa sentido e significados diferentes, em função do seu contexto histórico de vida.

O susto da eminência da morte é presente, mas o que lhe causa maior impacto é quando a morte se materializa diante de seus olhos, ou seja, quando eles presenciam um amigo “tombar” [cair], especialmente em seu lado: *“Passei por muitos sustos, deixei de morrer várias vezes. Uma vez quase que eu fui... Foi quando pegaram dois amigos que estavam comigo, foi do nada. A gente estava em cima de uma laje num churrasco aí, foi um lance muito rápido eu vi os meus dois amigos caírem, eram os traficantes do morro rival, do Comando Vermelho”* (VITOR, 20A).

Outro relato muito contundente foi o de Fábio, que para escapar da morte teve que permanecer horas do lado de dois amigos supostamente mortos: *“Rolou uma invasão do Morro vizinho que pertence a uma outra facção. Eles vieram e nós estávamos dormindo; eu e dois amigos num quarto, num quartinho bem pequeno, daqui pra cá, assim (depoente esquematiza o tamanho do quartinho), aí a gente estava deitado, dormindo. Eu escutei uns tiros e barulho de vozes. Só que eu estava afastado dos meus amigos, aí, eu vi os caras entrando no quartinho, eles pegaram esses dois amigos, eu consegui botar o colchonete em cima de mim... Ainda deu tempo, porque, o quarto estava muito escuro, os caras não me viram. Aí pegaram os dois garotos e arrancaram uma orelha de cada um. No dia seguinte, quando amanheceu, eu pensei que eles estavam mortos, aí eu vi que estavam com a mão na orelha aí eu perguntei; que aconteceu? Aí quando eles tiraram a mão eu vi que eles estavam sem orelha, aí falei: “Caracas!...”* (FÁBIO, 22A).

Incursão Policial:

Chamou-nos a atenção o seguinte depoimento: *“Nunca tive medo de confronto só quando a polícia entrava no morro”*. Para esse jovem, o terror e o medo de confronto com a polícia é maior do que enfrentar um grupo rival, de outra facção. Sua justificativa é de que *“a policia pode fazer de tudo, ela tem a lei na frente dela pra matar a gente”*.

Os jovens situam claramente o pânico que eles têm com grupo adversário, que é a polícia. Este medo recai em duas possibilidades; de ser morto ou de ser preso. Relatam ainda que morrer em confronto policial é pior do que entre os traficantes. Alguns motivos foram apontados; quando se morre pela polícia, na visão deles é uma vergonha, uma humilhação, um fracasso. Mas, quando a morte é provocada por confronto com o grupo rival, é interpretada pelos demais traficantes como azar, fatalidade: *“A polícia é sinistra entra no morro que a gente nem vê. Eu tomei um tiro na perna numa situação de guerra com a polícia. Um cara do morro me socorreu, eu estava em cima da laje dele... A sorte é que os polícias não me viram, foi Deus. Aí, nesse dia eu fiquei com muito medo de morrer... Não gosto nem de lembrar, foi por pouco”* (DIOGO, 18A).

O componente sorte também existe na vida desses jovens. O escapar da morte, é quase sempre entendido por estes jovens como um significando religioso: *“Várias vezes eu escapei da morte. A guarnição (polícia) me pegou. Era só aquela guarnição que não gostava de dinheiro de bandido, e só gostava de matar. Os caras começaram a dizer que já me conhecia. Que o X9 tinha, me apontado, aí de repente começou a rola tiroteio e os caras ficaram confusos e me largaram pra se proteger. Nessa hora eu senti que podia fugir. Eu acho, que eu corri mais do que uma bala. Devo a minha vida a Deus, a meus santos protetores”*. (RODRIGO, 23A).

São nessas incursões, que policiais costumam levar jovens sob suspeita de pertencer ao tráfico para a delegacia, se o jovem não conseguir provar a sua inocência automaticamente fica fichado: *“Eu fui fichado uma vez. Quando o irmão do dono foi morto, então ele confiava muito em mim. Eu pilotava uma moto. Ele queria que eu matasse o rapaz que matou o irmão dele. Então no mesmo dia eu fui a um rapaz que era inimigo. Depois, no outro dia, eu fui e deparei com a viatura da polícia. Tentei fugir, eles me alvejaram na moto, cai e fui preso. Fiquei no artigo 10 e 121, tentativa do 121, tentativa de homicídio”*. (CRISTOVAM, 25)

Alguns jovens chegaram a ser detidos: *“Sai da cadeia com meu advogado recebendo dinheiro. Como eu era querido, o rapaz que tava comigo realmente não tinha nada a ver. Botamos o processo pra cima dele. O pessoal queria ver o mais rápido na rua, pra poder ta prestando serviço pra eles de novo”*. Contudo, a maior parte dos jovens não tiveram ocorrência policial e foram detidos, o que os possibilita terem maiores oportunidades de inserções sociais, após a sua saída do tráfico: *“Nunca fui preso graças a Deus”*.

Os jovens narram histórias e opiniões que contraditoriamente, situam a morte como algo temido, mas também pode apresentar um valor social imensurável. Dependendo do posto ocupado pelo jovem no tráfico e sua conduta com os moradores da favela, a sua morte pode suscitar uma comoção coletiva. Geralmente, essas comoções ocorrem quando algum personagem do tráfico é morto por policiais no morro. É comum, nesses casos, declarar um luto oficial: fechamento do comércio, ônibus são fretados pela população para o enterro, adolescentes passam a vestir blusas com *slogans* de saudosismo e lamentos por aquele que será eternamente lembrado.

Para aqueles que já estiveram perto da morte, como é o caso dos jovens egressos, e que conseguiram, escapar é comum interpretar a sua salvação pelo lado místico: *"quando sinto que a morte esta perto, eu começava a rezar muito forte. Sabe, nessa hora, a gente tem que acreditar em Deus, tem que acreditar em alguma coisa pra te salvar". "Eu oro pro meu irmãozinho que tá lá em cima, peço pra ele me proteger"*. Entretanto, o fato de sair vivo numa circunstância difícil os deixa mais corajosos e otimistas em prosseguir neste caminho, é mais uma história de sucesso para ser contada para os amigos nas vielas ou nos bailes *funks*.

Outras associações entre a morte e o mercado do tráfico podem ser feitas. Dessa vez colocando os jovens numa posição ativa de matar alguém. Em outras palavras, estamos falando não da condição de morrer, mas do ato de matar. Para estar nesse negócio tem que saber matar. Matar pode significar uma condição de sobrevivência, por exemplo, num tiroteio entre *gangue* e polícia ou entre as próprias *gangues*, quando resta uma coisa a fazer: matar ou morrer. Em outras circunstâncias, matar é adquirir fama e respeito. Os fortes símbolos do poder são visíveis, as armas tornam-se *fetiches* na cintura de adolescentes franzinos e os gatilhos são mortíferos nos seus dedos. *"Revólver na cintura impõe respeito, a gente aprende a ser um matador"*. Ter disposição para matar faz um garoto criar fama. A fama é o caminho que todo jovem almeja, quando entra nesse tipo de trabalho. Ter prestígio local e respeito entre os bandidos do tráfico é importante, porque é em torno da droga que tudo gira. Isto significa poder controlar bocas e subir na hierarquia da empresa, que vai do avião ao vapor e, por último, ao posto de traficante (gerente e chefe), ascendendo na escala da divisão do poder e dos lucros. Além disso, ser matador é entrar num outro ramo de mercado, muitas vezes, paralelo ao do tráfico.

Na verdade esses jovens convivem lado-a-lado com a presença da morte. Ela é constante em todo o seu processo de trabalho e de vida. O crime organizado representa para eles uma força selvagem, incontrolável sob rituais de espancamentos e rajadas de tiros, que surgem no cumprimento de uma lei que não preserva a existência humana. Os jovens incorporam a imagem de "exterminador do futuro" de seu destino e de toda uma geração de jovens. Este é um marco que culmina num mundo subjetivo de expressões e significados, que transforma a vida num verdadeiro espetáculo de horror.

Marcas deixadas pelo tráfico:

Procuramos saber dos jovens o que mais os marcou no tempo em que estiveram no tráfico. Como ponto expressivo; as festas, os bailes que sempre eram "regados" [mulher, drogas, etc] e os conflitos armados. Todavia, ao apontarem o que não gostavam foram quase unânimes em dizer: os "esculachos" [humilhações], o pouco ganho financeiro e as traições. Aponta-se aí uma relação direta tanto com os motivos que os impulsionam a sua entrar quanto às circunstâncias que justificam o seu rompimento com este mercado ilícito de trabalho.

No que diz respeito ao momento de sentir *maior medo*, os egressos responderam: (a) prestar conta da grana e do dinheiro para o gerente. É uma situação que pode levá-lo a traição e morte; (b) ser torturado e morto no "micro-ondas" [queimado vivo]; (c) ser castigado [ficar sem dedo, orelha, levar um tiro: são geralmente agressões de mutilações]. Incrivelmente, a morte veio como opção final. Não deixa de ser um mecanismo de proteção. Não pensar na morte é uma forma de sublimar a vida e, como disse um jovem: "*A gente não pode pensar muito não, se não, a gente não faz*". Outra questão recai na falta de um projeto de vida mais promissor que eles não têm e,

que o tráfico substitui essa ausência. Com tanta privação e pobreza, como se projetar para além do próximo dia? Assim, o mundo do tráfico é menos penoso neste sentido, ou seja, não pensar muito alivia as angústias das privações sociais.

3.4 DIVERSIFICAÇÕES E OUTRAS ASSOCIAÇÕES AO COMÉRCIO VAREJISTA

Os jovens relataram situações que apontam mudanças tanto na estrutura do mercado quanto nas relações interativas que compõem a rede ilícita do tráfico de drogas nas favelas do Rio Janeiro. A seguir analisamos alguns aspectos desse novo quadro.

Fragilidade dos laços de pertencimento do jovem a sua comunidade:

Segundo estudo de Silva (2006), até a década de 80, o sentimento de pertencimento, que outrora se dava em relação à comunidade, hoje é ocupado pela facção do crime organizado em que o jovem está inserido. Cada facção apresenta um linguajar próprio como forma de identificação e de proteção frente à facção inimiga. A população moradora da favela que pertence ao Terceiro Comando (TC), se identifica pela expressão “*é nós*”, já o Comando Vermelho (CV) usa como forma de saudação “*é a gente*”. Uma fala errada num bairro supostamente inimigo pode expor a risco de morte qualquer pessoa, seja ela do tráfico ou não.

Esse autor refere que antigamente o termo “*cria da favela*” era comumente utilizado para denominar o indivíduo que nasceu na comunidade. Ser *cria da favela* foi, durante muito tempo, um importante pré-requisito para ser aceito na rede do tráfico e respeitado na comunidade. Atualmente, a aceitabilidade do jovem no tráfico não é ser necessariamente da mesma comunidade, mas, sim da mesma facção. Grande número de

jovens empregados no tráfico de drogas afirma não serem *crias* das comunidades. São jovens advindos de outras comunidades, em decorrência do próprio processo migratório dos que atuam no tráfico. Essa migração normalmente ocorre para reforçar a tropa de soldados do tráfico de uma determinada comunidade que está sendo invadida por uma facção inimiga, ou quando são procurados pela polícia e se abrigam em outras favelas da mesma facção.

Outros delitos do jovem no tráfico:

A queda dos lucros auferidos ao tráfico nas favelas tem levado alguns jovens a largarem suas funções de “vapor” ou “soldado” para praticarem pequenos furtos e roubos (Silva, 2006). Conforme alguns relataram, a prática desses delitos permite maior liberdade, pois não implica necessariamente na submissão a um “patrão”.

Não é raro, porém, encontrar aqueles que praticam ambos os atos ilícitos. Como afirmam dois entrevistados *“é uma alternativa quando o movimento está fraco”*, referindo-se à busca por ganhos em assaltos quando o que estão ganhando na boca de fumo não é suficiente. Acabam se formando dois grupos: o dos que são exclusivamente traficantes e o dos que, além de atuar no tráfico, formam “bonde” para assaltos nas ruas. A relação entre o grupo do “bonde”¹⁵ e os “caras da boca” nem sempre é tranqüila. Segundo alguns jovens existe certos conflitos. Os jovens da “boca de fumo” acusam os do outro grupo de serem esnobes, já que costumam possuir mais dinheiro e bens de consumo. Os do “bonde” reclamam que às vezes são obrigados a vender as mercadorias roubadas pelo preço que os traficantes determinam.

¹⁵ A expressão “bonde” se refere ao grupo que se dedica aos assaltos a mão armada. Em diversos casos parece funcionar apenas como uma atividade ilícita isolada e autônoma, ou que no máximo mobiliza um pequeno grupo.

Novas funções na hierarquia do tráfico:

Outro exemplo de modificações que vêm ocorrendo no cenário atual é o surgimento, em várias comunidades, de uma nova função denominada “gerente de fogueteiros”¹⁶. A esta função cabe a responsabilidade de organizar os pontos de posicionamento das crianças e dos adolescentes incumbidos de alertar os colegas da presença de policiais na comunidade; comprar e distribuir os fogos de artifícios aos mesmos e realizar os seus pagamentos.

O gerente de fogueteiros, muitas vezes, é a pessoa que intermédia a negociação e o pagamento de propina aos policiais. Frequentemente essa função é ocupada por mulheres. Os embaladores, que até algum tempo atrás tinham um vínculo claro com a rede do tráfico e eram remunerados mensalmente, hoje podem ser trabalhadores formais ou desempregados que prestam tal serviço de forma esporádica ou pontual.

Geração de *jovens traficantes* com menos idade no tráfico:

Os jovens de mais idade argumentam que a engrenagem do tráfico está mais violenta devido a chegada no poder de uma geração mais nova que não tem, muita das vezes, discernimento para tomar decisões: *“Antigamente, há uns 15 anos atrás, um dono de morro tinha 38, 40 anos. Não se via o pessoal segurando arma na frente de moradores, de crianças. Era difícil ver crianças naquela época junto com os traficantes, era só homem maduro de 25 anos pra cima. Hoje, tá aquela bagunça, tu tá*

¹⁶ A utilização de fogos de artifício se consolidou como o principal instrumento de aviso da chegada de policiais na comunidade. Geralmente praticada por crianças e adolescentes iniciantes no tráfico, é uma função com remuneração muito baixa. Aparelhos de rádio transmissor também são bastante utilizados para tal fim, dentre outras coisas.

fumando maconha na frente da mãe, do teu pai, do irmão. Então, as crianças, vão vendo aquele negócio, vão vendo aquela situação e acaba virando isso, entendeu?

“Tem muito bandido dono de morro que não tem iniciativa própria, é muita criança, tira a vida dos outros a troco de nada. Às vezes o cara perdeu um negócio, porque ele não fala assim: - você tem um mês, uma semana para entregar. Não, mas se você perde aquele negócio eles vão lá e matam, e não querem saber. Dependendo do negócio eles tomam teu corpo todo. Algumas vezes até te pegam, te esculacham, te dão um pau e botam pra ralar. Isso não adianta nada, seria melhor um cara de cabeça. Eu nunca esculachei ninguém, entendeu? Nunca criei cobra pra me morder... que hoje em dia a violência ta do jeito que ta não é só por causa de criança, é por causa da nossa política, que nós temos hoje também” (MAURÍCIO, 24A).

Esses mesmos jovens consideram que o aumento da violência na favela acaba servindo como exemplo de educação para as crianças, que passam a achar normal a ação realizada pelos rapazes do tráfico: *“As crianças ficam rondando os jovens do tráfico, eles ficam atraídos com aquela coisa toda, arma, cigarro, etc. Ao, os traficantes mais malandros vão moldando umas crianças pra servir de apoio pra eles. No futuro a criança vai deixar de ser criança e vai ter uma relação emocional com você... Nisso essas crianças vão crescendo escutando um monte de bagulho de música que diz que vai matar vai morrer... aí daqui a pouco as crianças estão cantando isso pela comunidade. Coisa que não tem nada a ver. Ai, você vê as crianças se comportando como adulto: - Ah mata ele, espanca ele, começa a rir da desgraça dos outros. É assim que começa no tráfico e quando ficam mais velhos fica tudo bandido mal”* (Cristovam, 25a).

Diversificação do mercado do tráfico de drogas no varejo:

Dentre as modificações, também merece destaque a inclusão, nas vendas, de novas drogas, que pelo menos há dez anos atrás não figuravam no mercado de drogas ilícitas do Rio de Janeiro. Atualmente, há uma crescente comercialização de outros estilos de drogas como o *crack*, *ecstasy*, etc. Segundo alguns relatos, há ocasiões em que a procura por essas drogas é maior do que a oferta.

Outros delitos associados ao tráfico na favela:

Sabe-se que a venda da droga é a principal fonte de renda do tráfico. Contudo, há outras ações como assaltos e roubos de carros. Também vêm crescendo na maioria das comunidades, formas de taxar o botijão de gás. O tráfico tem também certa influência no transporte alternativo. Muitos motoristas são colocados como se fosse um imposto “*pro cara ter uma segurança*”. O grupo do caças-níquel na comunidade também. “*Dá dinheiro pro tráfico para fazer a segurança do serviço deles*”.

Com essa diversificação de atividades, não procede continuar denominando a ação desses grupos como “tráfico de drogas” pura e simplesmente, embora pese o fato de as drogas ainda ocuparem um papel fundamental. Talvez a denominação mais adequada seria “Grupos criminosos armados com domínio de território”, algo que, no nosso entender, não se restringe apenas aos grupos de traficantes, mas inclui também os que se organizam a partir da articulação entre uso de armas, negócios ilícitos ou irregulares e o controle de áreas geográficas. Fazem uso da força física e da coação, especialmente pelo uso de armas de fogo como principais meios de manutenção e reprodução de suas práticas criminais (SILVA, 2004).

Há dez anos, o quantitativo de jovens no tráfico era menor. Não havia tantos conflitos armados entre facções inimigas ou incursões policiais na favela. O tráfico os recrutava e empregava para agirem em diversas atividades como mensageiros, entregadores das drogas, vigias, soldados, etc. Atualmente o conflito armado é constante e a possibilidade de perder a mercadoria é grande, o que desequilibra o mercado consumidor. Nesses casos, roubo e seqüestro podem ser opções para repor as perdas.

3. 5 CRIME, MASCULINIDADE, RELAÇÕES DE GÊNERO E RISCO DE DST/AIDS

As histórias do tráfico são predominantemente protagonizadas pela figura masculina, cabendo à mulher um papel ainda secundário nesse mercado. É provável que as mulheres estejam sendo sub-identificadas, já que o corte de gênero ainda é pouco explorado nesta discussão. No entanto, a participação indireta de mulheres adquire destaque por manterem relacionamentos afetivos com jovens do tráfico ou por prestarem determinados serviços ou favores.

O homem geralmente inicia a sua vida sexual muito cedo. E, para aqueles que moram em áreas de conflito armado, esse começo pode representar um paralelo com a entrada no crime organizado. Aos 12 e 13 anos, o jovem está em pleno processo de crescimento e desenvolvimento, ou seja, de maturação sexual (KNOBEL, 1999). A formação sexual, que envolve corpo, sexo e afeto, é também, para este jovem, um forte sentido de virilidade, associada aos valores do crime no qual a violência é a engrenagem das relações que sustentam esse rentável negócio e, conseqüentemente, suas relações de gênero serão permeadas por esses significados.

Já foi apontado que o tráfico é percebido pelos entrevistados como um espaço de virilidade e *status*, o que implica em práticas sexuais variadas, desprotegidas e, ainda, o uso de diferentes tipos de drogas. O jovem se encanta com a facilidade de se relacionar com várias mulheres ao mesmo tempo: *"a gente tem mulher na hora que quer"*. Esta é uma expressão comum entre os garotos do "movimento". O trabalho do tráfico confere ao jovem um conjunto de vantagens no seu comportamento sexual, onde é concedido ter mais de uma namorada e/ou esposa, mas somente uma será a sua "companheira de fé", ou seja, a primeira-dama do seu harém.

Eles não precisam ser bonitos nem simpáticos. Basta ter uma arma: *"Elas não podem ver uma arma"*, *"Elas ficam doídas. Eu não sei o que dá nelas"*, *"Pode ser o homem mais velho e nojento do mundo, se tiver uma arma ele fica com a mulher que quiser"*; *"Elas ficam cercando a gente"*; *"É tudo mulher que vive de dinheiro de bandido"*. A arma é colocada como extensão da sua virilidade, do seu *ethos* de masculinidade (ZALUAR, 1994).

A masculinidade desses jovens está diretamente vinculada a sua posição na hierarquia do tráfico, ou seja, a função que ele ocupa vai determinar as suas possibilidades de ganhos financeiros, armamento e o tipo de mulher. O jovem que exerce a função de "olheiro", por exemplo, geralmente ganha pouco e segura armas de menor potência. Já o que atua como "segurança" tem melhor remuneração e fica com armas mais sofisticadas, o permite uma melhor conquista: *"Quanto maior a arma, mais elas ficam interessadas. Pô é até difícil explicar"*. *"Quando você começa na atividade de "olheiro" [vigia], você pega as mulheres mais furrequinhas [sem graça]. Quando você sobe de cargo, ganha uma responsabilidade maior e ganha mais. Ai, você começa a ter as mulheres mais gostosas. O dono [chefe] só tem modelo"* (RODRIGO, 19 A).

O jovem cria em seu entorno um circuito feminino, com algumas distinções. Existem mulheres que eles “pegam” do tipo “rapidinho” (mantém somente relacionamento sexual), além das “botequeiras” (os satisfazem sexualmente durante o turno de trabalho). No entanto, as mulheres que escolhem para fazer parte do seu “grupo afetivo”, não são aquelas que consideram como “safadas”, “vagabundas”, ou seja, “que dão pra qualquer um”. As garotas escolhidas, na maioria das vezes, pertencem a uma família bem estruturada, e que a princípio pode até ser contrária ao namoro. Neste caso, o jovem faz de tudo para ser aceito pela família: *“com o tempo. a mãe dela foi sacando que as minhas intenções eram boas”*.

Existem outras famílias que se aproveitam da situação da filha namorar um “bandido” para conseguir ajuda para o sustento da casa. A família passa a ser vista pela comunidade como algo que pertence àquele “bandido”. Se a situação no tráfico é favorável para ele, a família tem regalias e respeito na comunidade. Porém, se algo acontecer ao “bandido” a família fica numa posição desfavorável, inclusive sob ameaça de ser expulsa da favela. Mas, há famílias que não se rendem perante esse benefício.

Do grupo das mulheres selecionadas, por estes jovens, existe ainda a mulher que é considerada a de “fé”. Esta é apreciada pelos jovens como “diferente das outras”. Para a maioria, é a esta mulher que eles demonstram maior afeto, respeito e confiança. *“Nenhuma delas é comparada à da “fé”. A “mina de fé”, a oficial [como eles chamam a garota que eles respeitam e amam] fica com a gente por amor, pro que der e vier”*. *“Pra ser mulher de fé, tem que fazer por onde, tem que defender seu homem, ficar do lado dele, ser fiel”*. Quase sempre há conflitos entre “as suas mulheres”. *“Elas brigam pelo primeiro lugar no coração do seu homem”*. É uma disputa bastante acirrada que tem suas compensações, tanto financeiras quanto de *status* na favela. *“Elas disputam a*

gente, eu me amarro nisso... quando uma fica grávida as outras também querem ficar, só pra disputar". Tal questão se reflete nos discursos dos jovens: *"Eu tratava esse problema com equilíbrio, eu fazia assim; o que eu dava a uma, eu dava a todas, pra ninguém ficar chateada". "Quando uma engravidou as outras também quiseram um filho meu. Pô achei isso legal!"*. São comportamentos que consolidam a imagem machista do homem, em virtude de seu papel sexual, de se sentir disputados pelas "fêmeas" e ao mesmo tempo de ser capaz de dar-lhes filhos. É o poder da "procriação", mas, não da "criação". Para DUQUE-ARRAZOLA (1997), isto serve de pretexto para a evasão do homem frente à sua responsabilidade paterna e para o abandono familiar, agravando uma já precária situação de sobrevivência, refletido no fenômeno da feminização da pobreza.

Os depoimentos dos jovens exemplificam a estrutura dominante nas relações de gênero. A mulher frequentemente está numa posição de menor domínio que o homem e é vista como objeto de satisfação de seus desejos. Em geral, é submissa na relação sexual e tem dificuldade de negociação quanto ao uso do preservativo devido às disparidades culturais existentes nas relações de gênero. Estas desigualdades dificultam o exercício seguro da sexualidade, tanto para o homem como para a mulher. Não obstante, para o homem, ela representa uma intensa intimidade com o prazer sexual e a liberdade de seu exercício. Sua sexualidade é percebida como algo incontrolável. Arriscar-se sexualmente e conquistar um número maior de parceiras faz parte do discurso da masculinidade (GRIFFIN, 2002).

Neste particular, as mulheres se encontram em desvantagem na negociação do uso da camisinha, O uso do preservativo masculino pode significar para o homem um sinal de traição da mulher (TAQUETTE, 2004). Para eles, o verdadeiro macho possui uma

sexualidade impulsiva, irrefreável, capaz de dispensar qualquer tipo de proteção. No caso, o jovem do tráfico tem também o entendimento que sua temporalidade de vida pode ser curta, e isto consolida a prática de sexo não seguro.

As regras de relacionamento são bastante rígidas. O domínio que o jovem do tráfico exerce na relação afetiva é bastante vigoroso. Quando uma mulher namora um jovem do “movimento”, provavelmente ficará presa nessa relação durante muito tempo. Ela dificilmente sairá desse relacionamento, a não ser, que ele morra. Mesmo assim, vai depender de quem estiver no poder do tráfico na comunidade. O depoimento seguinte é bem ilustrativo dessa situação: *“Pô, teve um cara que morreu e ele era muito querido pela molecada da “atividade” [tráfico]...a mina de fé dele ficou proibida de namorar durante dois anos... Só teve outro homem quando chefe liberou... foi uma maneira de homenagear a memória dele, entendeu?”*. Existem garotas que decidem desafiar a norma instituída pelo tráfico. Algumas têm êxito relativo, outras infelizmente têm um final trágico. Um jovem contou que teve uma *“mulher dele”* que quis deixá-lo. Depois de muito insistir, ele a deixou de lado, porém a proibiu de namorar. Dois anos depois, quando ele saiu do “movimento”, ele a liberou: *“sabe como é a gente tem que manter a moral pros colegas”*. Outro caso relatado diz respeito a uma garota que namorava um dos chefões do tráfico e, quando ele descobriu que o estava traindo, matou os dois e ainda disse: *“os dois não queriam ficar juntos, então, eu ajudei a subir com eles pro céu.”*

Os castigos são terríveis e bastante cruéis. A mulher pode ficar um ou dois anos de castigo sem sair da comunidade, ou se tiver permissão para sair tem que ser acompanhada somente com a mãe. Há outras situações mais violentas, como dar um tiro na perna para que a mulher fique um bom tempo sem sair de casa. Isso, quando ela não

fica com seqüelas físicas. A imagem masculina assume um peso maior nas decisões do casal. Significa, em muitos aspectos, um retrocesso da condição da mulher em decidir sobre seu próprio destino e, principalmente, na liberdade de fazer e romper relações de afeto. São formas extremas de invisibilidade, silenciamento, exclusão e inferiorização da mulher jovem (LAVINAS, 1997).

Enfim, é um ritual de atrocidades, exibição de poder e dominação. Alguns autores apontam que as barbáries de relacionamento de gênero podem ser historicamente determinadas pelo contexto ou se manifestar de forma circunstancial, dependendo do momento sociopolítico que aquela sociedade esteja vivendo como, no caso, de uma guerra (GRIFFIN, 2004; LAVINAS, 1997). As favelas, no Rio de Janeiro, foram ao longo das décadas, sendo constituídas à margem da sociedade. Não é por acaso, que sempre foi um espaço privilegiado dos “fora da lei”. Logo se explica que a relação de gênero se caracterizasse enquanto sexualidade masculina, que domina, controla e violenta. Com a consolidação do tráfico de drogas, a partir dos anos 1980, houve uma exacerbação dessa “masculinidade”, como bem define ZALUAR (1994).

Por outro lado, as mulheres jovens acabam se submetendo a um processo penoso de relação de gênero que pode levar à tortura e à morte. Entretanto, algumas delas ao se relacionarem afetivamente com o “bandido”, também vão em busca de uma possível ascensão social na comunidade, tanto quanto os próprios homens jovens que entram para o tráfico (ZAMORA, 1999). É um jogo de seduções e interesses entre os que vivem intensamente neste circuito de relacionamentos sexuais. Para alguns, com muito afeto e, para outros, com pouca afetividade.

A construção da relação de gênero na cultura do crime vem mediada pelos modos como o “homem bandido” e a “mulher de bandido” se relacionam. Está marcada

por valores e significados desiguais, ocupações, tarefas e responsabilidades sexuadas que, por sua vez, materializam as relações de poder, apoiadas em assimetrias. Nessa perspectiva de gênero, o modo de se relacionar afetivamente implica num processo de socialização, cujo *locus* privilegiado de referência são as “leis” do tráfico de drogas. Em síntese, a vivência afetiva se encontra impregnada por essas diferenças de gênero e pelo lugar que o homem ocupa na hierarquia do crime organizado.

Relação de gênero e o risco de DST/AIDS:

No diz respeito aos possíveis riscos de contrair uma doença sexualmente transmissível, principalmente AIDS, eles narram que o jovem traficante não tem medo de morrer, mas tem medo de sofrer, tem medo de ficar doente: *“Quando um bandido fica doente é um sufoco, porque, ele não pode ir ao hospital. Aí o jeito é ver se tem alguém, na comunidade que pode dá um jeito. Se não resolver, o jeito é pagar um médico pra subir o morro e ver qual é. Mas, pra isso, tem que ter dinheiro”* (FERNANDO, 22A).

Quanto ao uso do preservativo, eles declararam que a maior parte dos jovens do *movimento* sabem da importância do uso da camisinha, mas que geralmente não a usam, principalmente quando rolam os bailes na comunidade: *“No baile a gente costuma transar com mais de uma menina, ao mesmo tempo, como é que a gente vai ficar pensando em camisinha”*. *“A gente usa muita droga”*.

A questão da contaminação por doenças sexualmente transmissíveis é colocada pelos jovens como de responsabilidade exclusiva da mulher. Comentaram que se uma garota contaminar um “bandido” com alguma DST, dependendo de quem ela seja pode

inclusive pagar com a vida: *“O cara quando sacou que ele estava com alguma “M” [doença], mandou chamar a garota e deu muita “porrada” nela e ainda cortou o cabelo dela... teve até sorte, porque, podia ter matado ela”*. Contudo, a mesma preocupação não existe do lado dos homens. *“O chefe conseguiu esconder um tempão que estava com AIDS. Mas com tempo não dava mais para esconder. Aí, quando as mulheres dele ficaram sabendo foi um corre-corre danado. Nem sei como ficou a parada, quem dava quem não dava. Ele já morreu há dois anos”* (MAURÍCIO, 23A).

Para os entrevistados, a AIDS tem uma representação diferente das demais doenças sexualmente transmissíveis, ou seja, contrair uma gonorréia, uma sífilis é pegar uma doença que incomoda e afeta a sua imagem viril, pois pode aparecer através de algumas lesões em seu corpo. Já a Aids é uma doença que custa a se manifestar e não traz a princípio um vestígio, uma marca no corpo. Além disso, o tempo da incubação pode significar o seu tempo de vida como “bandido”. Logo, o medo de contrair DST é maior. *“Pra quê usar camisinha? Todo mundo tem que morrer um dia! Se pegar Aids, sei lá... eu penso na hora que isso acontecer”* (FELIPE, 19A).

Esta análise aponta barbáries que caracterizam as relações de gênero de jovens do tráfico e seus pares afetivos. Apesar de serem histórias narradas por homens jovens que viveram a cultura do crime organizado, fica evidente a sua vulnerabilidade frente a violência afetiva e ao contágio das DST/Aids. Os riscos de adoecimento, principalmente no que diz respeito à Aids, ainda não são suficientemente conhecidos neste grupo populacional, uma vez que não se tem como aferir o número de jovens envolvidos no tráfico e que são acometidos das DST/Aids. Porém, já há estudos quanto à incidência desta doença em mulheres jovens, negras e pobres. Além de estarem sujeitas à infecção,

elas também alijadas do acesso ao atendimento integral nos equipamentos de saúde pública (GUIMARÃES, 1997).

A epidemia brasileira se fixou majoritariamente nos grupos desfavorecidos da população: o que a literatura descreve como "pauperização" (CORRÊA, 1996). Encontra-se bem documentado que a epidemia se disseminou entre moradores de comunidades mais pobres, especialmente entre as mulheres. Nos últimos anos, a epidemia da Aids no sexo feminino tem sido associada à pobreza e à violência. Estudos revelam que o avanço dessa epidemia na população feminina vem acompanhado da violência de gênero (CORREA, 1999; GRIFFIN, 2002; HEILBORN).

A violência contra a mulher configura um contexto de vulnerabilidade às DST/Aids que contribui com a feminização da epidemia. Segundo relatório da OPAS, a educação machista predominante em nosso continente cria a submissão feminina e estimula os homens a serem agressivos e violentos (HEILBORN, 1996). A atividade sexual, e o risco a ela associado, estão relacionados a uma questão de gênero que atribui ao homem maior poder. Além disso, o uso abusivo de álcool e drogas, bem como o "machismo" que confere maior prestígio e poder ao homem, desvaloriza a mulher e dificulta a negociação quanto à utilização do preservativo nas relações sexuais (OPAS, 1995).

Vale mencionar que a violência afetiva é um fator determinante de uma barreira mais ou menos intransponível em relação ao acesso aos meios para prevenção, tratamento e controle da infecção. Tanto no nível individual como coletivo, para toda a população de jovens, principalmente afrodescendente e que mantém relacionamentos afetivos com jovens que vivem a cultura do crime, a violência de gênero tem múltiplas causas e seus valores são socialmente compartilhados e construídos no mundo do crime.

Concluí-se, portanto, que apesar de os jovens saírem do crime organizado eles ainda mantêm um forte domínio sobre suas relações afetivas, mesmo perdendo as regalias machistas que são instituídas pelo sistema do tráfico. Na verdade a cultura machista não se constrói na cultura do crime, ela predomina em nossa sociedade e tende a ser mais visível em áreas empobrecidas, onde o uso da violência contra a mulher é legitimado pela cultura local. Neste sentido, entende-se que o crime organizado não cria as relações de violência, porém as recria em dimensões barbaras contra a mulher jovem.

CAPÍTULO 4.

SEGUNDA VIRADA: Rompimento do jovem com o mercado de trabalho do tráfico de drogas em favelas



“Desceram o morro olhando pra cima... Muitos saíram pela rua a fora sem saber pra onde estavam indo, simplesmente queriam mudar, como se mudar o caminho de uma vida só bastasse virar uma esquina”.

(TRECHO DO RELATO DE RENATO, 22A.)

Figura 2: Fundação Telefônica
Ilustração: Carlos Eduardo Gonçalves

No capítulo anterior, fizemos referência as situações que caracterizaram a fase da *primeira virada*, que é a *imersão* do jovem no tráfico de drogas varejista nas favelas do Rio. Através das narrativas, expusemos as expectativas de *encanto e poder* que foram intensamente vividas na fase de traficante. Assinalamos as situações de barbárie, nas quais eles viveram duplamente os papéis de perpetradores e vítimas, de uma engrenagem violenta e sangrenta.

Passando por essa etapa, o capítulo que se segue tem a intenção de elucidar os motivos e as circunstâncias que originaram o *desencanto* pelo mercado do tráfico, o que nomeamos *segunda virada*, que retrata a *emersão* do jovem no crime. Centralizam-se os motivos que levaram esses jovens a se afastarem do tráfico e suas novas interpretações sobre o mundo do crime. Como material de análise, abordamos um conjunto assimétrico de histórias de traição, punição e morte. É revelado que o processo

de saída se efetiva quando o jovem começa a questionar suas perdas e danos na trajetória do crime, e passa a visualizar outras possibilidades de vida que sejam mais condizentes com as suas aspirações juvenis.

4.1 DESENCANTO, MEDO E CORAGEM PARA MUDAR

É importante salientar que o rompimento do jovem com o mundo do crime está diretamente relacionado ao seu processo de entrada, e principalmente de permanência no *movimento* [tráfico]. Logo, se torna impossível situar os percalços da saída, sem mencionar alguns pontos que foram expostos no capítulo anterior, para melhor compreensão e análise. Traçamos um paralelo sobre questões cruciais, tais como: (a) encanto x desencanto pelo tráfico; (b) atores que facilitaram a entrada dos jovens no tráfico x atores que auxiliaram o rompimento dos jovens com o tráfico; (c) perdas e ganhos de viver no tráfico x perdas e ganhos de viver fora do tráfico; (d) dilemas de saída x dilemas após saída do tráfico.

Os egressos com mais idade, abordaram de forma descritiva e analítica, questões comparativas sobre mudanças que ocorreram na atuação do tráfico de drogas, num período aproximado de 15 anos. Para eles o tráfico se perdeu, por uma violência sem limites: “*Hoje, a violência é maior protagonista do que a venda da própria droga*”. CLÁUDIO de 25 anos, o jovem, mais velho que foi entrevistado, comenta que quando era criança, dificilmente manifestava o desejo de se afastar do tráfico, pois “*fazer parte do movimento era um grande negócio*”. Conta, que os traficantes tinham mais idade e eram mais respeitados pelos moradores. O tráfico tinha uma política assistencial para os moradores, e isto, facilitava o trânsito do tráfico na favela, o que não mais existe. Havia,

portanto, menos violência e mais “curtição” pelas ruas e vielas da favela: “*o bandido tinha uma vida mais calma... pra ele, o importante, era vender o bagulho e tirar onda com a grana* [dinheiro] ”. Na época, não era qualquer jovem traficante que segurava uma arma: “*antigamente não era qualquer garoto que colocava a mão numa arma. Hoje, todo garoto tem uma arma. Eles ficam tudo se sentido* [importante] ”. Para o CLÁUDIO, isto induz uma violência maior na relação do tráfico com os moradores da comunidade [favela].

Outro argumento é o aumento crescente de episódios de conflitos armados nas comunidades. Isto, repercute em modificações tanto na dinâmica do convívio comunitário quanto no próprio funcionamento do mercado do tráfico: “*agora não é só vender bagulho* [drogas] *é também estar na guerra*”. Em decorrência dessa situação, houve um incremento no tráfico de armas, nas favelas, para melhor reposicionar e fortalecer as quadrilhas do tráfico de drogas, o que intensificou a violência em níveis insuportáveis, nas favelas e ruas do Rio. (MISSE, 1999). Tais mudanças, também afetaram o modo de agir do jovem traficante, que passou a desempenhar um duplo papel: o de perpetrador e vítima. São protagonizadas cenas brutais de violência, e em alguns casos, um completo genocídio. Assim, o jovem vai acumulando de forma intensa, experiências de ódio e extermínio, onde a vida humana não tem importância; *tudo é consumido pela lógica da violência que reina nos guetos do narcotráfico onde a vida não tem o menor valor* (MEIRELLES, 1998, p.17).

Motivos e circunstâncias de rompimento:

Um jovem, em sua entrevista, expôs de forma resumida as fases vividas por alguns jovens no tráfico:

*“Primeiro a gente acha, que o tráfico é tudo de bom, aí a gente vai vivendo, aquela situação toda e vai vendo que tem muita coisa de ilusão... a gente vai juntando o pensamento sobre aquilo que vai vivendo, até que percebe que tu não quer mais aquilo, porque, é muito **esculacho** [humilhação] pra muito pouco que tu ganha, aí tu começa a ficar revoltado e querer **cair fora** [sair] ”* (PERNAMBUCO, 20A).

Esse relato leva a compreender por que determinados jovens manifestam o desejo de “cair fora” do mercado do tráfico de drogas. É, sem dúvida uma decisão de reparos e de coragem. Como disse uma liderança comunitária: *“o caminho de volta é sempre mais difícil... mas sair do tráfico é uma necessidade pra vida deles”*¹⁷.

No que diz respeito aos motivos e circunstâncias de afastamento dos jovens no tráfico, percebemos nos relatos, diferenças argumentativas entre os egressos de menor tempo para aqueles de maior tempo de afastamento. Os mais antigos – com tempo variado entre 5 e 7 anos, também os que tem mais idade, apresentam questões interessantes. Entre os principais motivos que levaram à saída desse grupo, encontramos: (a) o apoio de grupos religiosos; (b) a incapacidade física provocada por tiro; (c) perturbações mentais por terem sido torturados.

os jovens que se desligaram mais recentemente do tráfico, apontaram os seguintes motivos: (a) o medo de morrer “feito animal”; (b) as tensões físicas e emocionais causadas pelos constantes conflitos armados; (c) os castigos e torturas; (d) a frustração por não obter “grandes” ganhos econômicos (TABELA 4).

¹⁷ Relato de Aparecida, 56 anos, líder comunitária do Complexo do São Carlos. Diário de Campo.

TABELA 4
MOTIVOS DE ENTRADA E SAÍDA DE JOVENS NO TRÁFICO

Motivos de Entrada (encanto)	f	Motivos de Saída (desencanto)	f
Perspectiva de ganhos econômicos	16	Medo de morrer (traição ou conflito armado)	20
Desejo de bens e consumo	12	Foi traído pelo seu grupo do tráfico	17
Possibilidade de conquistar mulheres	12	Tortura por traição ou <i>vacilo</i>	9
<i>Status</i> e poder pelo porte de arma	8	Frustração de expectativas econômicas	9
Vingança por morte de alguém	6	Perspectiva de constituir família	4
Proteção contra grupo rival	6	Iniciação religiosa (protestante)	4
Sem um motivo aparente	3	Incapacidade física e mental (levou tiro)	2
Sem esperança na vida	2	Não se adaptou ao mundo do crime	2
Revolta no seu âmbito familiar	2	Desejo em ter seu próprio negócio	1

A saída da quadrilha, em grande medida, guarda uma relação com as aspirações de entrada nessa “rede”. É o descompasso entre os sonhos alimentados e as possibilidades objetivas de realizá-los. Em geral, todos os entrevistados revelaram que não existe um único motivo, mas uma variedade de situações que vão empurrando o jovem a *entrar* e posteriormente a *sair* do tráfico de drogas: “*são as decepções da vida que leva a gente pra isso*”, repetem vários. A inserção no tráfico não ocorre apenas para alcançar ganhos econômicos, como freqüentemente se propaga, mas, particularmente, para alcançar ganhos simbólicos: “*a gente não pensa muito não. Pra quê? Tem dinheiro, mulher, prestígio, metal [arma], bagulho [droga] a toda hora*”. Os jovens buscam acima de tudo, auto-estima, respeito e visibilidade social. São fascinados por uma “subcultura viril” propiciada pelo poder de portar uma arma que aparentemente compensa a vulnerabilidade por eles vivida (ZAMORA, 1999).

Esta mesma lógica multicausal também procede quando o jovem se dispõe a *sair* dessa rede ilícita, fundado em razões que vão sendo construídas ao longo do seu percurso no *movimento*. Ele vai vivendo situações limites, *frustrações*, *punições*, *traições*, que despertam nele gradualmente o desejo de romper com o caminho que

escolheu: “*you vai sacando que não é nada daquilo. É muita ralação pra muito pouco. Nem todo mundo tem a sorte de se dar bem*” (CAIO, 19A.). A seqüência de decepções aparece claramente na experiência vivida por GUSTAVO: “*meu amigo morreu do meu lado, num tiroteio com a polícia. O sangue dele espirrou em mim. Depois fui traído por um amigo, quase virei churrasquinho de pneu. Quando o dono do morro morreu, eu fiquei desprotegido. Sabe como é, vem outro chefe e ele forma outro **bonde** [grupo]. Fiquei fora e perdi meu posto de segurança, me colocaram pra ser **olheiro** [vigia], aí fiquei **bolado** [revoltado] e resolvi cair fora*” (GUSTAVO 23A.).

O sentimento de **frustração** por não conseguir destacar-se no mundo do crime é um ponto crucial. Quando ingressam têm expectativas de levar uma vida farta de aventura, dinheiro e mulheres. Com o tempo, eles percebem que estar no tráfico “*é dureza. Tem que ficar ligado o tempo todo, se não dança*”. Os membros das quadrilhas estão sempre submetidos a rotinas rígidas e severas: “*os caras mandam em você o tempo todo*”. O dinheiro, para a maioria, é pouco e as mulheres mais bonitas são para os traficantes que ocupam posições privilegiadas no movimento: “*as mulheres boas são para os manda-chuvas [gerentes e chefes] que podem pagar mais. Dão mais vantagens a elas*”. Como foi relatado, 16 entrevistados ocupavam a função de *olheiro* [vigia da boca e/ou das entradas da favela], ou seja, estavam numa posição de “*pouco ganho*” e de grande tensão, podendo pagar com a vida, se falhar: “*se tu não fica ligado, na entrada da comunidade, tu pode até morrer como foi o caso do P. que dormiu e não viu a polícia entrar. Por causa disso, o morro perdeu muito bagulho [droga] e metal [arma]*” (Caio, 19A.).

O processo de **desencanto** decorre de acordo com os episódios acumulados de frustração das expectativas específicas de cada jovem. Porém, os entrevistados relatam

que a decepção por ganhar pouco dinheiro é um traço comum entre os rapazes do movimento, o que alimenta a vontade de subir de posto. Por isso, a probabilidade de ascender na hierarquia do tráfico acarreta, muitas vezes, eventos de traição entre os membros do grupo. Como muitos não conseguem se elevar na escala do *movimento*, começam a ficar com sua auto-estima comprometida. O baixo *status* significa muito empenho, pouco dinheiro e pouco poder de se relacionar socialmente na comunidade: “*a galera só te respeita, porque, tu tem dinheiro e uma arma na mão*”. Uma vez frustrados, alguns jovens já não se sentem com tanta disposição para enfrentar os momentos de grande tensão, de conflito armado na comunidade. O seu sentimento de pertencimento ao mundo do tráfico fica enfraquecido: “*pô, sempre chegava junto nas situações e nunca tive oportunidade. Nunca fui puxa-saco [bajulador] pra subir na parada*” (GUILHERME, 19A).

Enquanto os jovens fazem parte da quadrilha eles não podem sentir medo e nem recuar. É uma questão de matar ou morrer. O clima de guerra exige concentração, resistência física e equilíbrio emocional. É freqüente que os traficantes fiquem dias sem comer e dormir, escondidos nas vielas da favela. Neste momento, circunstancialmente, a comunidade deixa de ser um lugar privado e passa a ser um local público (MISSE, 2002). Eles vivem como fugitivos, dentro do seu espaço comunitário, quando “*o bicho tá pegando*”, expressão utilizada tanto pelos rapazes do tráfico quanto pelos moradores para designar que o clima está tenso na comunidade.

Os momentos de confronto produz nos jovens um grande desgaste físico e emocional, especialmente para os que entram com pouca idade e manifestam pouca capacidade de resistência: “*É muita adrenalina! eu já escapei de morrer várias vezes. Eu acho, que nem a morte gosta de mim*”. Ao escapar da morte, o jovem tem uma falsa

percepção de poder sobre a vida, capaz de levá-lo a acreditar que pode ousar no próximo conflito. Esses sentimentos de onipotência repousam sobre a condição do *ser adolescente*, em que viver momentos de afirmação provoca muitos desarranjos e inadequações, impulsionando-o atitudes de heroísmo e de uma coragem, de certa forma, imaginária, sem a consciência exata dos perigos que o cercam (ZALUAR, 2004).

Esse embaralho de sentimentos de poder e de vulnerabilidade potencializa os desgastes físicos e emocionais. O jovem sabe que não pode errar, e que caso *vacile* [errar] pagará com a vida, o que geralmente ocorre precedido de torturas aterrorizantes. O medo de ser torturado e morto é um ponto que coloca os jovens em estado permanente de *tensão*. Três situações no processo de trabalho do tráfico configuram maiores chances dessas crueldades acontecerem: (1) perder a mercadoria (droga) ou o metal (arma), principalmente quando a polícia entra na favela; (2) dormir durante o seu turno de “olheiro” e não antever possíveis ameaças; (3) errar na prestação de contas do dinheiro da venda droga. Algumas vezes os jovens sofrem sabotagem dos próprios colegas, por motivos de concorrência interna, deixando-os em circunstâncias difíceis perante o chefe do tráfico local.

A *traição* é um aspecto marcante nos relatos dos entrevistados. Os episódios constantes de violência são por eles explicados pela falta de confiança entre colegas do grupo, por sentimentos de inveja pela ascensão de alguém no *movimento* ou por ciúmes pelo modo de alguém (alvo de traição) relacionar-se com o chefe ou outra pessoa de poder no tráfico. Dependendo do tipo de denúncia, o jovem pode ser castigado com agressão física ou com arma de fogo e, até mesmo, assassinado: “*a gente vai vendo muitas coisas, muita covardia. Do nada você está conversando com um amigo, aí amanhã ele tá traindo você, porque ele quer aparecer pro dono do morro. Ele quer te*

derrubar pra ficar no teu lugar (PAULO, 22A). “Já vi muito moleque morrer por traição. Fizeram isso comigo várias vezes. Sou malandro e sempre saquei esses lances. Só que eu fui começando a ficar com medo, porque, teve uma vez que eu quase fui parar no “*microonda*” [buraco que é cavado para jogar a pessoa e atear fogo]. “Isso pra mim foi um susto, um despertar” (SANDRO, 18A).

A consciência da *morte* passa a ser uma experiência existencial muito forte para esses jovens. Eles tomam consciência que são seres finitos e têm limites. Seus olhos se abrem para um novo entendimento da vida: “*ai foi muito forte, pensei que ia morrer. Fiquei muito tempo bolado. Não conseguia dormir mais direito e não conseguia me concentrar. Ficava com medo de morrer*”.

Em suma, é uma gama de circunstâncias que conspiram positivamente para a ruptura de um jovem com a quadrilha do tráfico. O que antes representava *encanto*, com o tempo, passa a representar *desencanto* e, assim, nasce à vontade de “*pular fora*”. Contudo, todos ressaltam que, uma vez dentro, não é fácil sair. Quando um jovem se obstina a romper, geralmente sente-se sozinho e frágil para enfrentar esta decisão. “*Dependendo do que tu seja, sozinho, tu não sai. Alguém tem que ajudar e tem que ser uma pessoa de muito respeito na comunidade, pro chefe ouvir. Tive muita sorte, agradeço a Deus*” (VITOR, 20A). Neste sentido, alguns começam a procurar ao seu redor, pessoas que possam intermediar esse difícil caminho. Geralmente, os mediadores são indivíduos da própria comunidade que sempre estiveram próximos aos jovens de uma maneira ou de outra, fazendo parte do seu contexto familiar e social, e que compuseram no passado a sua “rede proteção”, o que abordaremos no próximo capítulo.

Dificuldades e dilemas para a ruptura:

A possibilidade de sair ou não do *movimento* também depende do tipo de facção a que o jovem pertence. O Comando Vermelho (CV) tende a ter leis mais rígidas e severas. Dificilmente um jovem consegue deixar o grupo. Salvo algumas exceções, como por exemplo, ser parente ou protegido de algum chefe do próprio CV, mesmo não sendo da mesma comunidade: “*na comunidade do **Barranco** [nome fictício] quando era Comando Vermelho, o garoto que me traiu não foi morto por causa de que era afilhado do chefe do morro*”. Os entrevistados atribuem essa rigidez ao fato das favelas serem comandadas por chefes sem representatividade na comunidade, porque não nasceram ali e, portanto, não são *crias* do lugar.

No Terceiro Comando (TC), as regras são mais flexíveis, pois geralmente as favelas são chefiadas por pessoas nascidas e criadas na própria comunidade e mantêm um sentimento maior de lealdade, tanto pelas pessoas quanto pelo local. Por exemplo, CHARLES, que ocupava o cargo de gerente na facção TC, teve permissão para sair porque é um exímio intérprete do samba e a cultura do carnaval faz parte da identidade da favela.

Os enredos que são contadas pelos jovens ou por aqueles que vão até o *chefe* para intermediar a sua saída, são as mais diversas. Todavia, apresentam quase sempre um motivo familiar: “*a família está sofrendo muito*”; “*ele está querendo voltar a estudar pra melhor ajudar o filho dele*”; “*ele quer casar e sair dessa vida*”. As decisões, no entanto, seguem critérios bastante subjetivos do *chefe*. A rigor, não há nenhum critério pré-estabelecido quando o jovem tem “ficha limpa” [não deve nada ao tráfico, nem nunca vacilou]. Os entrevistados narram que o laço de afetividade do chefe

com o jovem conta bastante na hora da decisão: “*se tu cair na graça do chefe, pô tu tá feito*”

Ao obter o *salvo-conduto* [permissão para sair], o rapaz vive um período transitório de insegurança e medo, pois sua saída não é imediata. É obrigado a passar por um tempo ainda em atividade sob vigilância. Esse tempo será maior ou menor dependendo do seu histórico no movimento. Ele não pode ser visto como “*vacilão*”, como alguém capaz de se transformar num “*X-9*” (traidor). Não pode dever dinheiro por consumo de droga, por perda de mercadoria (droga e arma) ou por outra razão similar. Em suma, não pode ter nenhum tipo de dívida, nem monetária e nem moral, com a “*boca-de-fumo*”. O único caso em que o jovem é convidado a sair é quando, após um período de atuação no tráfico, ele não consegue acompanhar com destreza, valentia e destemor as atividades requeridas pelo *movimento*.

Na realidade, cada jovem tem o seu próprio ritmo de saída, de rompimento com tráfico. Não basta ter o *salvo-conduto* para mudar a vida. Esse processo é lento, complexo e sofrido. Vai depender de como esse jovem vai ser amparado, a partir do instante em que larga a arma, seja por pessoas ou por redes de apoio. O caso é mais complicado quando o jovem faz uso de drogas, pois pressupõe que ele tenha condições financeiras para manter o vício. Como, geralmente, o rapaz não dispõe de recursos, pode acabar aproximando-se do seu antigo grupo para conseguir a droga e, assim, corre o risco de retornar. Conseqüentemente, o caminho da reinserção social é mais difícil e penoso.

Atores que auxiliaram o processo de ruptura:

Quando o jovem se determina a sair ele começa a pensar nas pessoas que ele conhece, na favela, que podem interceder por ele junto ao “*chefe*” [líder] do tráfico.

Contudo, tem que ser uma pessoa que tenha credibilidade junto à comunidade para que possa ser respeitada por este “chefe”. Esta pessoa pode ser alguém da família, um amigo, uma liderança comunitária, etc. O importante é que seja alguém da própria comunidade. Esta é a condição essencial. É fundamental que este interlocutor seja uma pessoa hábil para influenciar o pensamento do “chefe”. Além disso, para quem vai intermediar a negociação é importante conhecer a personalidade do “chefe”, para criar estratégias efetivas de convencimento. Os jovens ilustraram alguns casos: *“Eu conheço um moleque que o “dono” [chefe do tráfico] permitiu que ele saísse por que tá pegando [namorando] a sobrinha dele e a garota estava grávida. Isso foi malandragem dele”* (FERNANDO, 19A). *“Quando meu tio foi falar com o chefe, ele disse assim: é engraçado quando eles entram ninguém vem aqui, agora pra sair vem todo mundo. A sorte é que meu tio conseguiu falar também bacana com ele”* (HUGO, 23A).

De modo geral, os relatos foram unânimes em apontar que ninguém consegue sair sozinho, sem ajuda de outra pessoa da comunidade. É como se o jovem precisasse de um avalista ou seja de alguém responsável para a sua saída. Afinal, o chefe tem que ter uma certeza relativa que este jovem não fará nada de errado para prejudicar o seu negócio. Esta é a razão do porque muitas pessoas da comunidade não querem se envolver nestas intermediações, porque, isto implica num envolvimento direto com o tráfico, e como algumas pessoas afirmam *“não dá pra confiar nestes meninos”*. Um dos jovens posicionou a seguinte questão: *Chega nessa hora, dependendo da tua imagem pra comunidade, ninguém quer se envolver, ninguém quer se meter no lance pra te ajudar, pra dar força. Principalmente se você já matou alguém da comunidade ou do tráfico. Aí mesmo você saindo do movimento, a comunidade não te perdoa. As pessoas nunca vão te olhar pra tu de uma maneira legal. Você vai sempre ter aquela imagem de*

bandido, matador. Eu tive um amigo que saiu e não agüentou a indiferença da comunidade, mas, também ele era mauzão. “Esse moleque até morreu...” (CRISTOVAM, 25A).

Porém, se o jovem que deseja sair apresenta uma imagem significativa para as pessoas da comunidade, ou seja, ele é bandido, mas, é carismático, então, tem a oportunidade de alguém se interessar por ele para atender o seu apelo. É o que contaram alguns jovens: *“Duas pessoas me ajudaram, um senhor da Igreja Universal e um primo meu que foi desenrolar [conversar], Sem essas pessoas, acho, que seria impossível me ter de volta”* (FABRÍCIO, 21A).

O papel da família também é imprescindível, mas, às vezes precisa ser reforçado por mais alguém da comunidade: *“Minha mãe foi tudo pra mim, nunca vi a minha mãe subi o morro com tanta vontade, naquele dia, pra falar com o homem lá em cima... Mas, quem desenrolou mesmo a parada foi o cara da Associação de Moradores, que gosta muito de mim, me viu nascer e crescer”* (LEONARDO, 22A).

Quando o jovem ocupa uma função de menos envolvimento com o tráfico, como é o caso do Bucha/Olheiro [vigia], e ao mesmo tempo, nunca se meteu em confusão, portanto, não apresenta situações que podem dificultar a sua saída, o jovem se inspira de coragem e ele mesmo fala com o patrão. *“Naquele dia eu falei pra mim mesmo, é hoje, é hoje, eu tenho que falar com o homem... cheguei perto dele e desenrolei o lance da minha saída, fui colocando logo a arma no chão, onde tinham as outras... elas ficou meio cabreiro [desconfiado], mas disse que ia vê com os outros bandidos pra me liberar... Só que quando passou um mês, ele esqueceu. Pô, fiquei todo medroso pra tocar no assunto de novo. Foi quando eu pedi pra um amigo, também bandido, pra falar com ele. Deu tudo certo, não devia nada”*. (JOÃO, 19A)

Cada egresso tem a sua história para contar, uns com maiores obstáculos, outros com menos impedimentos para o rompimento. Contudo uma simboliza um ato de coragem e determinação.

4.2. JOVENS QUE SUBMERGEM PARA O TRÁFICO

A vida dos jovens que romperam com o tráfico é marcada por conjunturas de grande vulnerabilidade. Para se ter uma compreensão dessa fragilidade, no decorrer do trabalho de campo, três jovens que estavam afastados há mais ou menos um ano, retornaram para o tráfico. Um deles declarou: *“eu tentei, tentei muito, mas não deu. É melhor eu ficar nessa vida que eu já conheço como ela é”*. Os medos do desconhecido, do que vai encontrar fora da comunidade, aliado à falta de preparo, de apoio e de uma mediação consistente de proteção constituem-se grandes empecilhos para a ruptura de vez com essa carreira tão dura e cruel.

Os jovens, que por desventura não conseguiram, ficar à margem do tráfico de drogas, são rapazes que apresentam uma “rede de apoio” comunitária bem frouxa ou quase inexistente. Eles vivem conflitos familiares complexos, e que apresentam baixa capacidade de superação. Por mais que suas famílias, em especial suas mães, queiram ajudá-los, seu capital social¹⁸ é reduzido, não encontrando sustentação de ajuda em outras pessoas. Assim, tanto os jovens quanto suas famílias se vêem sozinhos, angustiados e inseguros, ficam à deriva como um pêndulo, sem saberem o que vai acontecer.

¹⁸ Entendendo capital social como rede de relacionamento social.

Quando comparamos as histórias de jovens que romperam com a criminalidade e outros que apesar de se afastarem não romperem de fato com o tráfico, isto, implica em variáveis individuais e coletivas, no nível da sociedade. Não passa somente por uma questão de **querer** ou de uma mera questão de **sorte**. Conseguir estar “**fora**” do *movimento*, pressupõe uma confluência de situações favoráveis na vida desse jovem. Fatos concretos que possam ampliar a capacidade de se lançar para além do espaço comunitário. Transitar no meio de pessoas desconhecidas, tentar se comunicar, manter um certo ritmo de interação social para que a sua vida possa brotar de forma diferente, em outros espaços de circulação e de vida. É necessário que seja capaz de criar estratégias de negociação e manobras de sobrevivência fora do alcance do mundo do crime.

Porém, alguns não conseguem suportar as adversidades, que são vistas por eles como dificuldades intransponíveis, que encontram nas relações com sua família, comunidade e sociedade, enfim, com a sua própria vida. Isto comprova a importância desses jovens terem apoio de grupos e/ou rede que sejam capazes de atenderem às suas necessidades interdisciplinares. Infelizmente para aqueles que não conseguem ultrapassar tais dificuldades, na maioria das vezes, acabam se *entregando* ao tráfico, e possivelmente a sua próxima saída, seja a própria morte.

Há uma diferença de pensamento nesta segunda estadia do jovem. Na primeira vez ele entra para o tráfico com um suposto “encantamento”, posteriormente ele saiu porque se desencantou. O seu retorno, ao tráfico, não é mais uma opção, mas, uma entrega. Ele sabe que provavelmente não haverá mais saída. Ele passa a agir de forma mais violenta: agora é tudo ou nada.

4.3 JOVENS QUE EMERGEM DEFINITIVAMENTE DO TRÁFICO

O processo de saída do tráfico é lento. Requer muita determinação para que ele de fato possa refazer caminhos e para que, isto ocorra, é necessário que o seu olhar sobre a vida, tenha uma nova perspectiva, como afirma um entrevistado: *“tudo fica diferente. As pessoas te olham diferente, sei lá. Tem horas que eu acho, que é bom e, tem horas que eu fico com medo, é confuso”*. Durante anos o jovem cristaliza um estilo de relacionamento violento e coercitivo com as pessoas da comunidade, ou seja, basta ter uma arma e, tudo se resolve. Quando ele deixa este estilo de vida, ele tem que aprender, a saber fazer amizade e a conquistar garotas que ele deseja, sem o uso da arma e do dinheiro. Esta nova maneira de ser requer tempo, habilidade e principalmente a existência de pessoas que sejam da sua rede de relacionamento, para que possam estar conversando sobre as dificuldades do seu cotidiano. Como afirma um entrevistado: *“Tudo fica diferente. As pessoas te olham diferente, sei lá. Tem horas que eu acho que bom, tem horas que eu fico com medo, é confuso”* (GUSTAVO, 23A).

Uma questão que se impõe: como levar a vida sem depender do tráfico? Não se trata apenas da dependência econômica, é também de identidade. Como transitar na comunidade sem o *status* e o *poder*, conferidos normalmente pelo tráfico? É necessário que o jovem tenha a oportunidade de vivenciar novas maneiras de se colocar no mundo e de se relacionar com outras pessoas fora do ambiente da marginalidade, da ilegalidade e do *poder de fogo da violência* – onde quase tudo se resolve com uma arma na mão. Porém, romper com os grilhões do crime organizado requer a existência de uma rede de proteção social em torno de si e uma enorme vontade de *dar uma virada na vida*, requer sentir e pensar o mundo com outros valores, conceitos e amabilidade.

O jovem egresso demanda de apoio interdisciplinar, necessita reelaborar pensamentos, condutas, sentimentos e valores (SILVA, 2006). Cabe ilustrar situações que fizeram parte da vida desses jovens, após o seu rompimento com o crime. O que foi possível mudar, quais foram seus ganhos e perdas, como eles atualmente interpretam a vida do tráfico e olham o futuro dos jovens na favela do Rio.

O que mudou na vida: *perdas e ganhos*

O que perdem: *prestígio, dinheiro, poder e mulheres...* Sair da vida de bandido pressupõe perdas, mas ganhos também. O jovem ao obter o *salvo-conduto* deixa de ser bandido. Aos poucos, vai percebendo que tem que abrir mão para trilhar um outro caminho. A perda imediata é, seu ganho financeiro, que apesar de ser pouco para alguns é pelo menos alguma coisa. Esse dinheiro, dentre outras funções, lhe reveste uma identidade social. O dinheiro do tráfico lhe permitia sustentar suas vaidades de jovem, como: roupa, tênis e consumo de drogas, etc. Assim como também lhe permitia ajudar pessoas de sua família (quando havia aceitabilidade por parte da família).

Sua falta de prestígio de bandido e a escassez de dinheiro acabam repercutindo no seu “harém”, ou seja, não consegue mais sustentar tantas mulheres ao seu redor. E, isto, para ele se torna um agravante para sua masculinidade. Pois antes as mulheres ficam ao seu redor, agora, não mais o fazem. Para que o jovem possa de certa forma suportar este conjunto de perdas, é extremamente considerável que ele visualize outras tantas vantagens no mundo fora do crime. Pois, ele passa por um período de sofrimento por esses detrimientos, e necessita, portanto, elaborar essas perdas frente a um novo olhar sobre a vida. Neste período, o jovem deve ser amparado por pessoas (rede de

apoio), que possam proporcionar espaços para a troca de idéias e fazer com que ele visualize que o seu maior ganho foi ter a sua vida e a sua liberdade de volta.

O que ganham: *a reconquista do espaço público, a vida, a liberdade...* A primeira conquista do jovem é o seu reencontro com o espaço público. Durante a sua permanência no tráfico, como já foi exposto no capítulo anterior, o jovem dificilmente circula pelas ruas da cidade. Ele praticamente fica confinado no espaço da favela como forma de proteção. Quando a sua liberdade é restabelecida ele almeja voltar a circular pelas ruas da sua cidade. Todavia, chamou-nos a atenção o fato de que os egressos do Complexo do Acari, não apresentam este mesmo desejo de circulação, visto que moram em áreas de extrema carência social, e mesmo antes de serem bandidos não tinham o hábito de circular pela cidade. Inclusive, todos os quatro egressos afirmaram nunca terem ido a praia e conhecem a sua geografia somente por revista e televisão. Já os que residem nas favelas, na região metropolitana do Rio, entre as expectativas são maiores de reencontro com a cidade. Pensam na possibilidade de *andar de ônibus, ir às ruas do Saara e entrar numa igreja, ou simplesmente andar sem rumo certo*. Alguns demonstraram o desejo de rever a *praia e as mulheres de biquíni*. A descida do morro para as ruas foi feita pela companhia sempre de um amigo, pois, como ficam anos sem “circular”, eles perdem a referência. FÁBIO relata: *“Puxa, paguei maior micão [enganou-se]. Não sabia que a porta de entrada do ônibus tinha mudado... meu amigo riu à beça, eu fiquei todo cheio de vergonha.*

Durante anos, esses jovens são direcionados a não pensarem por si só. São amaciados pela violência para cumprirem ordens, mandos de tortura e morte. A princípio, os egressos ficam bastante perdidos sem saber o que fazer de suas vidas. Suas referências sociais desde muito cedo são formadas pela cultura do crime. Logo, é

necessário desconstruir esses valores para que possam reconstruir um novo pensar, e conseqüentemente uma maneira diferente de agir. Dependendo da formação familiar que eles tenham recebido e da sua idade de entrada no tráfico, este processo poderá ser mais rápido ou mais lento. Somente com o tempo eles vão percebendo o valor imensurável de conquistar a sua liberdade de expressão.

Uma das práticas de difícil mudança tem a ver com suas relações afetivas. Praticamente esses jovens iniciam a sua vida sexual durante o período de permanência no tráfico, pois muitos entram precocemente para o crime. Nesse ambiente incorporam uma cultura viril embasada na violência de gênero.

Ao questioná-los sobre seus atuais relacionamentos afetivos, colocaram que é difícil se manterem fiéis a um único relacionamento. Continuam tendo aquela “garota de fé”, seja namorada ou companheira, e concomitante têm outros casos afetivos e/ou sexuais. A violência também diminui, na medida em que não são mais respaldados pela “lei do tráfico” Contudo, a maioria continua recorrendo à violência física como forma de “resolver problemas” ou para impor suas vontades e opiniões. É o modelo que aprende desde cedo no tráfico.

O que chamou a atenção foi a mudança de postura da mulher jovem. Ela passa a ter mais coragem para impor algumas regras no relacionamento com o seu parceiro (ex-jovem do tráfico). Em alguns casos, dependendo do grau afetivo que possa existir entre o casal, a mulher pode despertar no seu parceiro uma forma menos violenta de convivência. *“A gente quando sai do tráfico perde um pouco a força. Aí, nessa hora, se a mina gosta da gente é ela que vai levantar a nossa moral. A família dela gosta muito de mim e tá mudando um pouco a minha cabeça”*. Esta mudança requer também o envolvimento de outras pessoas, famílias, amigos ou profissionais, no sentido de

compor uma rede de apoio para auxiliar estes jovens a adotarem novos estilos de comportamento.

No entanto, o não uso de preservativos continua sendo um comportamento freqüente. Na realidade, o auto cuidado está diretamente relacionado à preservação da vida. Para o sujeito se manter vivo e com qualidade de vida, será necessário um conjunto de medidas que elevem sua auto-estima. Em geral, estes jovens estão abandonados pelo setor público, tentando sobreviver do jeito que podem. É preciso mais do que prevenção, é preciso despertá-los para a vida.

Contudo, apesar de os jovens saírem do crime organizado, eles ainda mantêm um forte domínio sobre suas relações afetivas, mesmo perdendo as regalias machistas que são instituídas pelo crime organizado. Na verdade, a cultura machista não se constrói na cultura do crime, ela predomina em nossa sociedade e tende a ser mais visível em áreas empobrecidas onde o uso da violência contra a mulher é legitimado pela cultura local. Nesse sentido, o crime organizado não cria as relações de violência, porém as recria em dimensões bárbaras contra a mulher jovem.

4.4 PROJEÇÕES ATUAIS E O QUE ESPERAM DO FUTURO

Os egressos mais velhos já estão com as questões de vida mais estabelecidas; moram com suas companheiras e filhos. Desenvolvem alguma atividade laborativa, apesar de pouco *status* devido a pouca escolaridade. Mas, continuam caminhando pela vida em busca de dias melhores: *“Trabalho, tenho a minha família, mas não foi mole não! Pô, foi difícil sair do movimento, mas quando a gente se sente fora dele é bom demais... Hoje, eu fico com mais medo do tráfico de quando eu estava nele. Penso que*

se eu consegui vencer o tráfico, sem um tiro, é porque eu vou também conseguir melhorar a minha vida trabalhando e acreditando em Deus". (Jorge, 24a. trabalha no comércio interno na comunidade).

Para alguns jovens, o sonho é continuar perseguindo a idéia de ganhar dinheiro, para isso, pensam em montar o seu próprio negócio, ser o *patrão*: *" Tô aqui nessa barraca trabalhando pra um cara, o que pode acontecer... é o cara dividir o negócio da barraca comigo. Aí, eu posso ser o meu próprio patrão e ganhar muito dinheiro... preciso juntar um dinheiro maneiro pra dar uma assistência melhor aos meus filhos". "Eu tive uma infância dura, apanhei muito da minha mãe, quero que meus filhos tenham uma infância diferente"* (Leonardo, 22a. trabalha como camelô na rua do bairro).

Outros egressos pensam em voltar a estudar e têm o sonho de trabalhar com carteira assinada. Entendem que a sua experiência no tráfico lhes serviu para melhor pensar sobre a vida: *"Eu quero voltar a estudar, a trabalhar. Hoje, eu ganho o que me pode sustentar, eu corri atrás. Pra mim, eu não vou falar que eu me arrependi de um dia ter sido bandido. Pra mim foi uma lição de vida... Já vivi uma vida bastante diferente da que eu levo, hoje. O meu maior sonho é poder trabalhar de carteira assinada pra ser respeitado e poder comprar uma casa fora do morro"* (ROBERTO, 23a.

Trabalha como freelancer na função de segurança).

Alguns jovens demonstram o interesse de constituir uma família e atribuem que a melhoria da vida, será quando saírem do espaço comunitário (favela): *"Eu quero casar, ter mais filhos, ter um emprego de verdade, porque o que faço não é uma coisa de ganhar dinheiro certo. Sou garçom, as vezes têm festa e às vezes não têm. O que acontece, eu não tenho uma grana certa todo mês... Quero sair do morro, não quero*

ficar aqui, não. Acho, que quem fica aqui nunca consegue boa coisa na vida. Não sei dizer porque, mas sinto que não” (Ricardo, 21a. Faz biscate como garçom).

Para aqueles jovens que ainda não conseguiram se firmar no mercado de trabalho, a angústia é grande. Contudo, ainda demonstram esperança de mudar a sua vida: *“Desde que eu saí mesmo, eu procuro ser um cidadão honesto. Quero arrumar um emprego, mas tá difícil. Quero o melhor pra mim, prá eu poder ajudar a minha mãe e meus irmãos. Reformar minha casa... Meu pensamento agora é diferente, meu pensamento é só de futuro. Agora eu coloquei na minha mente, assim, que esse negócio de crime, não quero mais não. Mas, emprego é difícil de encontrar”* (Fábio, 22a. Atualmente desempregado. Faz pequenos biscates na comunidade).

Os egressos que estão recentemente fora do tráfico (cerca de um ano) apresentam dificuldades para entrar no mercado de trabalho. Isto é explicado pelo comprometimento do vocabulário e das expressões corporais que demonstram marcas de uma rotina de jovem que um dia atuou no crime: *“Tô batalhando, tô procurando, mais tá difícil. Eu me sinto um zero a esquerda, um peixinho fora d'água. Prá tu ter uma idéia a minha mãe diz que prá eu arrumar um emprego eu tenho que ir pra escola para aprender a falar de novo. Sempre que pode ela conserta as minhas palavras, é um saco, tá ligado”* (Augusto, 17a. Atualmente desempregado. Faz curso de informática no Centro Comunitário de sua comunidade).

Outros ainda apresentam bastante insegurança, mas acham, que conseguirão: *“Dá medo sabia, mas, ao mesmo tempo eu tenho tanta esperança em Deus, que a minha vida pode ser legal”* (João Carlos, 17a. Tira uns trocados trabalhando numa oficina de silkscreen na comunidade).

4.5 A JUVENTUDE CARIOCA VISTA PELOS EGRESSOS

O depoimento dos egressos sobre como eles vêem a juventude carioca é bastante significativo. Os jovens apontam que a juventude carioca apresenta heterogeneidades e desigualdades: *“As pessoas dizem que a oportunidade é igual pro jovem, é mentira. A gente vai ao shopping e, vê um monte de moleques com grana, gastando tudo em besteira. Pra mim, o jovem tinha que ser igual ao outro”*. (JOÃO, 19A)

A dificuldade de ser jovem negro e favelado, na visão deles, é marcante. A diferença começa entre os que nascem no morro e os que nascem no asfalto [fora da favela]: *“A sociedade tem que aprender a não ter medo da gente. A gente é pobre, mas a gente não é bicho selvagem. As pessoas não olham a gente como igual. A diferença já começa onde a gente nasce no morro”*. (UBIRACI, 22A). Acrescenta MARCELO, *“O jovem da favela é sempre visto como bandido é por isso que a gente nem percebe quando entra pro mundo do crime. Porque, a sociedade já vê a gente como bandido, sem ser. Aí, a gente acaba entrando só pra eles respeitarem a gente. E, hoje, eu vejo que isso me custou muito tempo da minha vida. Eu não sou a mesma pessoa e sinto que nunca mais serei... É por isso que digo; é a sociedade que tem que mudar e não o jovem”*. (FABIO, 22A).

Os preconceitos que enfrentam pela sociedade e das poucas oportunidades que tem na vida, principalmente em ter um emprego: *“Ninguém dá oportunidade pra quem é preto, pobre e favelado. As pessoas não são iguais. Acho, que pra mudar a situação dos jovens da favela, a sociedade tinha que entender mais o jovem pobre”* (ROBERTO, 23A).

Expressam que os jovens da favela precisam de mais oportunidades para ser mais felizes: *“Se ele tivesse mais oportunidades, mais emprego, seria muito bom pra eles, podiam ser mais felizes”*. Corrobora PAULO: *“Os jovens precisam de mais oportunidades, de mais emprego e de mais espaço na vida”*. A falta de compreensão é

entendida pelos egressos como uma necessidade para a vida da juventude: “*ser mais entendido pela família, pela escola e pelo governo*”. No caso, FELIPE, associa a rebeldia da juventude como resposta à ausência de amor: “*As pessoas tinham que amar mais os jovens, eles são muito revoltado por causa da falta de amor. Eu era assim*” (ROBERTO, 23A).

Para Augusto, o governo precisam suprir as necessidades básicas dos jovens, isto os tornaria mais felizes e realizados: “*Ah! Penso que a vida podia ser mais legal para os jovens; podia ter mais comida, roupa, uma casa quentinha é só o que o jovem precisa pra ser feliz*”.

Este capítulo procurou desvendar algumas questões que são vividas pelos jovens fora do contexto do crime organizado. Os percursos dessas vidas são marcados por atos contínuos de **coragem**. Apesar da pouca idade, esses jovens já acumulam experiências imensuráveis. A ousadia sempre foi à maior expressão de suas vidas; foram corajosos, porque, um dia tiveram o ímpeto de pegar uma arma, de fugir da polícia, de driblar pelas vielas da favela a sua própria morte. Se revestiram de coragem para passar pelas intempéries do período de saída do tráfico e de posse do seu “salvo-conduto”, estão tendo a maior coragem que uma pessoa pode ter: a de sobreviver com as lembranças herdadas da barbárie. Mantém uma luta interna constante, apesar dos momentos de medo e insegurança. Mas, procuram com bravura ampliar a sua capacidade de pedir perdão a si mesmo e a àqueles que foram perpetrados. É preciso ter coragem para recomeçar, do que restou de uma aventura desmedida de violência. Para cada jovem o sentido da liberdade se reflete diferente. Mas, não importa qual seja, o importante é que ele seja sentido e perseguido, e que cada um possa conquistá-lo no seu tempo.

4.6 DOIS CAMINHOS PARALELOS DE VIDAS EGRESSAS: JOVEM EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE E JOVEM EM LIBERDADE NAS FAVELAS DO RIO

É sem dúvida um fato paradoxal: o jovem que se envolve no tráfico de drogas e acaba sendo detido e aquele que por ventura nunca foi fichado, nem tampouco detido, mesmo que tenha perpetrado contra a vida de alguém [homicídio]. Apresentamos distintos percursos que são traçados pelos jovens egressos, privados de liberdade [detidos] e aqueles que romperam com o tráfico permanecendo na sua favela. Usaremos como fonte de análise duas narrativas de jovens egressos deste estudo, que foram detidos com idade menor de 18 anos. Tiveram as suas penas cumpridas e retornaram para o tráfico de drogas de suas comunidades. Somente, anos mais tarde é que esses mesmos jovens romperam com o tráfico, por suas próprias razões. Para fins, ilustrativos associamos as experiências vividas e narradas pelos três jovens, citados no sub item anterior.

As reflexões que propomos são desafiante e ao mesmo tempo instigante. Ao comparar o itinerário de ressocialização desses dois grupos de jovens, que apresentam a mesma trajetória de vida no tráfico de drogas nas favelas do Rio. Observamos que as diferenças se iniciam a partir do modo de como ocorre o seu: (a) afastamento do tráfico; (b) as circunstâncias que se realiza o processo de ressocialização; (c) os atores que tentam essa “virada de vida”.

A priori identificamos o seguinte:

- a) A primeira diz respeito às ***circunstâncias que ocorrem o rompimento*** do jovem com o crime. Ele cumpre medida sócio-educativa e não rompe espontaneamente com o crime, ou seja, ele é induzido a sair na medida em que é detido. Ele é

retirado de forma inesperada de um cenário que ainda se sente parte. Algo ficou para trás, e portanto, para alguns, o seu pensamento é de retornar para o grupo. Um exemplo é o caso de RODRIGO (22 anos) que foi preso aos 15 anos, e na época conta que ficou preocupado e ansioso, porque, com a incursão policial na favela ele rapidamente escondeu a sua mochila que continha diversos papélotes de drogas e uma pistola. O que ele não contava é que seria preso, neste mesmo episódio. Seu nervosismo foi grande. O seu medo se respaldava na possibilidade de ser punido pelo seu próprio grupo [tráfico] quando saísse da detenção. Este rapaz ficou terrivelmente angustiado, pois não poderia contar este segredo a qualquer pessoa da família, até mesmo à sua mãe e tia. Como ele não foi pego em flagrante, em seis meses saiu e foi direto para o seu “bando” [grupo do tráfico] prestar as contas [entregar a mochila com a mercadoria e a pistola]. Isto, indica que o confinamento por castigo para alguns casos não surte o efeito esperado. No caso o jovem que busca romper com o tráfico drogas, parte dele essa decisão de afastamento. Ele apresenta um conjunto de motivos e razões para querer sair do esquema do crime organizado. O seu maior dilema não é tanto sair, mas é o que fazer depois que sair, por onde caminhar...

- b) No que se refere ao *processo de ressocialização*, esta fase também se apresenta de forma distinta para ambos os grupos. O jovem que sai espontaneamente do crime, na maioria das vezes é cercado por uma rede informal de apoio (família, amigos, lideranças comunitárias, etc.), no qual são sugeridas para ele algumas possibilidades de caminhos. Todavia, o jovem tem maior liberdade de optar por elas ou não. No regime privado, ele tem que se moldar aos programas que são

oferecidos pelo sistema. Às vezes, ele realiza diversas atividades as quais não se identifica, não desperta a dimensão da mudança tão desejada por todos; a de incorporar novos valores, esquecendo dos comportamentos e hábitos que foram adquiridos durante anos no mundo do crime. Um exemplo é o CHARLES, o seu dom de ser puxador, intérprete de samba, dificilmente seria identificado num regime sócio-educativo. Esses jovens são por si só sobreviventes de suas próprias vidas, são bastante audazes e têm energia suficiente para ir testando os seus próprios caminhos.

Por outro lado, os jovens que ficam na favela estão inseridos no mesmo *habitat* onde tudo “rola” [acontece], tráfico, guerra, amigos, etc. Logo, por mais que eles tenham o desejo de saírem do crime, o ambiente permanece o mesmo (a favela). E, isto é um fator agravante para que haja a mudança pretendida. Já os jovens que estão afastados, mesmo em liberdade assistida, ficam distantes das manobras do crime organizado e são submetidos a uma disciplina que os induz a mudar alguns hábitos, ainda que seja temporário. Contudo, este afastamento “relativo” favorece o seu percurso de ressocialização.

- c) O terceiro ponto diz respeito aos *atores* que participam do processo de ressocialização. O jovem que vive no regime fechado tem como maior ator a própria estrutura organizacional que o confina, a qual ele está inserido. Ela é representada pelas suas normas e técnicos. O segundo ator é a família. Os demais atores, se existirem, tendem a acompanhar de longe os percursos de mudanças de cada um. De qualquer forma, o que é interessante frisar, é que esta

rede não é impulsionada pelo jovem. Ela é determinada, instituída pela organização na qual o jovem se encontra. Ao contrário daquele que está “solto” [livre] na comunidade. Na maioria das vezes ele escolhe os seus atores e apresenta uma forte interação de confiança, respeito e afeto. Quando esta rede se torna eficaz, inspira resultado bastante satisfatório.

- d) Incluímos, por último, mas não menos importante, o que significa socialmente e psicologicamente para o jovem ter uma passagem no sistema sócio-educativo. Ele passa a ter mais uma marca de situações que pretende esquecer ao longo da vida. Reforça a sua imagem de bandido, traficante, matador. É mais difícil trilhar o caminho da ressocialização com tantas marcas. Já o jovem que foi do tráfico, mas que nunca foi fichado o caminho da “virada da vida” se torna mais acessível.

Apesar das grandes conquistas na área de promoção dos Direitos Humanos no Brasil, ainda tem-se como desafio a materialização desses direitos para o segmento infante-juvenil, que ainda vivem privados de condições de acesso a patamares mínimos de desenvolvimento, bem-estar, cidadania e políticas públicas que possam fomentar seus direitos. Tais situações os tornam um segmento de elevada vulnerabilidade social.

O reordenamento das políticas sociais e programas de atendimento aos preceitos contidos no Estatuto da Criança e do Adolescente constituem-se em um imperativo para toda sociedade brasileira. Como a modificação da lei não garante a imediata transformação da realidade, esta serve, num primeiro momento, para a gradual mudança de paradigma do modo de pensar a infância e a adolescência, com vistas à superação da histórica cultura assistencial-repressiva, presente durante séculos no Brasil.

Os benefícios das medidas sócio-educativas em regime aberto, quando comparadas à medida de privação de liberdade, ainda persistem dificuldades para sua aplicação, como: (a) o preconceito social que estigmatiza os adolescentes em conflito com a lei, em suas favelas/ou que passaram pela privação de liberdade; (b) a rejeição de alguns municípios, comunidades, órgãos públicos e equipamentos de serviço em atender o adolescente autor de ato infracional; (c) a ausência de retaguarda de serviços e instituições públicas e privadas no atendimento ao adolescente que comete delito; (d) a escassez de estudos e pesquisas antropológicas, psicológicas sobre o adolescente autor de ato infracional; (e) o desconhecimento e/ou a compreensão equivocada do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) por parte do poder público, judiciário e setores da opinião pública; (f) a falta de uma rede de atendimento que garanta a promoção e proteção desses jovens.

Portanto, para a concretização dos direitos do jovem em conflito com a lei, seja ele confinado ou não, é relevante, entre outras ações: (a) a substituição da medida de privação de liberdade por medidas sócio-educativas em regime aberto, seguindo um modelo de atendimento descentralizado e municipalizado; (b) a integração dos programas a uma rede de atendimento; (c) a elaboração de políticas que integrem serviços de diferentes áreas de atendimento buscando o envolvimento, articulação e mobilização ampla de organizações governamentais e não governamentais; (d) incorporar o protagonismo juvenil para a implementação de políticas públicas voltadas para a infância e juventude e de uma ampla mobilização dos segmentos sociais para a garantia de direitos da juventude que busca novos caminhos de vida, fora da rede do tráfico de drogas, em favelas, cidade do Rio de Janeiro.

CAPÍTULO 5.

REFAZENDO CAMINHOS PELA Cidade do Rio de Janeiro



*Eu só quero é ser feliz,
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci,
E poder me orgulhar,
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar.
[Fé em Deus, DJ]*

(EU SÓ QUERO É SER FELIZ. FURACÃO 2000)

Figura 3: Acervo E. C. Dom Pixote

Este último capítulo tem, por finalidade, revelar as diferentes fases das redes comunitárias que se formam espontaneamente em torno do jovem no seu percurso com o tráfico. Como ilustração, descreve-se cinco histórias de “sucesso”, ou melhor, de “superação” do grupo de egressos. Achamos oportuno destacar essas histórias, devido aos relatos dos percalços e dos dilemas vividos por esses rapazes. Foram momentos tensos, intercalados por acontecimentos que explicitam medo e coragem sobre fatos vivenciados durante a sua permanência e transição para um novo caminho. Faz-se, também, uma retrospectiva das possibilidades e dificuldades que tais jovens tiveram de enfrentar, bem como, dos desafios que eles ainda têm de vencer em seus percursos de vida. Como diz FELIPE: *“A vida não é pra qualquer um... tu tem que ser muito forte pra ela não te derrubar”*.

5.1 REDES ESPONTÂNEAS DE PROTEÇÃO E APOIO AO JOVEM EGRESSO

Tendo em vista as implicações decorrentes do envolvimento dos jovens com o crime organizado, e as possíveis condutas adotadas pelas famílias e moradores de suas favelas para protegê-los desta rede ilícita, inserimos o tema sobre Rede. O nosso foco é compreender como são formados e estabelecidos os circuitos de proteção e apoios aos que entram, permanecem e saem do tráfico de drogas.

Num contexto geral, as redes são relações inerentes às atividades humanas. Para PEREIRA (2007), o foco das relações se sustenta na sociabilidade humana, e delas emergem um conjunto de *redes espontâneas* que fazem parte do nosso cotidiano, algumas vezes não são percebidas. A definição de Rede vem se transformando, ao longo das últimas décadas, numa alternativa prática e de eficiente organização. Apresenta uma dinâmica de flexibilidade, conectividade e descentralização de decisões. Para SILVA (2008), a palavra rede é deveras antiga e vem do latim *retis*, que significa o entrelaçamento de fios que formam uma espécie de tecido. A partir da noção de entrelaçamento, malha e estrutura reticulada, a palavra rede foi ganhando novos significados ao longo dos tempos, passando a ser empregada em diferentes situações.

A idéia de “Rede Social” é relativamente recente. Seu significado define um padrão organizacional capaz de expressar, no seu arranjo de relações, idéias políticas, culturais e econômicas, do qual emerge o desejo de solucionar problemas. Representam um grau de complexidade política de uma determinada comunidade ou grupo. Manifestam o desejo coletivo de inovar e revelam a existência de problemas que não seriam resolvidos com as antigas estruturas e forma de gestão (CASTELLS, 1999). O que diferencia as *redes sociais* das *redes espontâneas* é a intencionalidade dos

relacionamentos, os objetivos comuns conscientes, explicitados e compartilhados.

Para o nosso estudo, o interesse é entender, especificamente, como as *redes espontâneas*, de natureza comunitária, se formam e reagem frente ao envolvimento do jovem no tráfico de drogas. São redes que apresentam uma estrutura histórico-social, constituídas a partir das dinâmicas coletivas, onde a cultura do crime organizado age fortemente. Logo, a identidade de uma favela (comunidade) está intrinsecamente articulada com as suas histórias e cultura local. Esse reconhecimento é fundamental para o sentido de pertencimento dos seus cidadãos e desenvolvimento comunitário. Para TURCK (2001), a convivência entre os integrantes de uma comunidade e os laços de afinidade são definidos a partir de pactos sociais ou padrões de relacionamentos. Essas redes podem ter um grande poder de mobilização ou não, dependendo, unicamente, de sua força de articulação para que seus propósitos sejam alcançados.

É neste âmbito que recai a nossa argumentação. A princípio, sabemos que os jovens que vivem nas favelas do Rio, se vêem diante de um cenário hostil e violento de grande impacto social. Alguns, por um conjunto de razões, se aventuram em fazer parte da rede ilícita do tráfico de drogas. Devido à condição de crescimento e desenvolvimento de crianças e adolescentes, que adentram para o tráfico de drogas, forma-se espontaneamente uma *rede de proteção* que comumente é impulsionada pela família. Esta rede, num primeiro momento, tem por objetivo impedir que eles entrem e/ou permaneçam no crime organizado. Não deixa de ser uma conduta de “resistência” de um pequeno grupo, que se impõe frente ao crime, ou seja, tenta impedir que novos sujeitos façam parte desta rede ilícita. Esta rede é formada por atores comunitários, em sua maioria representada por membros da família do jovem, amigos e/ou lideranças comunitárias. Sua estrutura é informal e geralmente apresenta baixa capacidade de

resolução. O seu pouco impacto se fundamenta em duas vertentes: a *primeira*, recai na questão de que o tráfico de drogas, nas favelas, domina as relações comunitárias. Logo, a sua dimensão deve ser restrita, destinada somente aos atores que são próximos ao jovem, de preferência a própria família. Esta rede não poderá ameaçar a funcionalidade do mercado do tráfico. Porém, ela é permitida, pelo mesmo, para manutenção das relações de poder do próprio, com os moradores. Afinal, não se pode esquecer que o “Patrão” [sujeito que domina o tráfico na favela] é, também, uma pessoa nascida e criada na *comunidade* (favela)¹⁹ e que, portanto, além de comandar a rede do tráfico, também faz parte das relações sociais da favela.

Alguns jovens com mais idade, narram que antigamente (cerca de 10 anos atrás), bastava alguém da família subir o morro e pedir ao “patrão” que não deixasse seu filho ficar no tráfico: *“Vi muita família subi o morro e falar com o patrão pra ele não aceitar seu filho. O patrão, quase sempre aliviava, só não podia dever nada à boca [tráfico]. Se devesse, ou a família pagava, ou o moleque tinha que ficar por lá mesmo, prestando serviços pra pagar... Aí quando esse moleque vinha pra “boca” os outros meninos já estavam avisados pra não deixar de fazer nada... Sendo que algumas as vezes era difícil, o moleque era bom e o patrão acabava deixando ele ficar, que era interessante dele”* (MAURICIO, 23A). Os jovens com menos idade, já colocam esta questão de forma oposta: *“É difícil tu vê família pedindo pro moleque não entrar... Tu vê pedindo pro moleque não morrer e pra sair... Entrar, é geral”* (JOÃO CARLOS, 17A). Esta narrativa corrobora com a fala de uma prima de um jovem egresso, que na ocasião foi até o “Chefe” do movimento, interceder por ele: *“É sinistro! Você nunca sabe como o cara*

¹⁹ O Terceiro Comando (TC) é formado por pessoas, que nasceram e cresceram na própria favela, o que os moradores vulgarmente chamam de *cria do morro*. No Comando Vermelho (CV), geralmente o líder do tráfico é uma pessoa que nasceu e cresceu em outra favela. São pessoas que não apresentam sentimentos de pertencimento pelo local, o que implica numa relação maior de violência para manter o poder do tráfico. Ver estudos de Alba Zaluar, Marcos Alvito e Michel Misse.

vai reagir... Depende do momento e do dia... Quando pedi pra liberar Pedrinho, ele disse: não sei se vou liberar não, quem mandou entrar? Fica atrás da gente o tempo todo pra entrar, agora quer sair? (VERÔNICA, 36A)²⁰. Há uma hipótese a ser considerada, em relação a esta questão. O fato de ter havido jovens, com pouca idade, ascendendo na escala do crime, assumindo a função de “patrão”, fez com que essa mobilidade passasse a ser um agravante para a comunidade, principalmente porque as leis de convivência se tornaram mais rígidas. Essas mudanças provocaram um afastamento da população comunitária com os traficantes, para fins de negociação. Esta aproximação só acontece em momentos extremos^{(*)21}. É facultativo, ao jovem, um poder, que, às vezes, o mesmo não está ainda preparado para exercer. Sua capacidade de argumentação e negociação é baixa e, por conta disso, o uso da violência é basicamente a linguagem da sua Lei. Em síntese, a identificação do jovem com a imagem do “Chefão” mais novo e o temor das famílias ao se aproximar dos traficantes para negociar, em prol de seus filhos, são algumas das razões que contribuem para compreender a entrada prematura de adolescentes no tráfico de drogas.

A *segunda* explicação sobre o pouco impacto da “rede de proteção” está relacionada ao fato de que esta rede é quase sempre formada num momento posterior ao envolvimento do jovem no tráfico, e não de forma preventiva. É premente situar que na maioria das vezes, quando a família passa a ter informação sobre o comportamento de seu filho, ele está de certa forma, envolvido com alguma atividade no tráfico: “*A minha mãe ficou sabendo, bem mais tarde*”; “*Minha mãe quando soube do meu envolvimento, pelo meu vizinho ficou super triste e mais ainda que a família era a última a saber*”. A razão deste fato se justifica na medida em que as famílias ficam a maior parte do tempo

²⁰ Relato descritivo do Diário de Campo.

²¹ Observação Participante do Diário de Campo.

fora da favela. Elas precisam trabalhar, enquanto seus filhos ficam a maior parte do tempo, inseridos no espaço comunitário, como alguns depoimentos ilustram: “*A escola era dentro da comunidade. Saía da escola, dava preguiça de ir pra casa. Não tinha comida mesmo, não tinha ninguém, ficava andando de bobeira pela comunidade, encontrava o outro e, assim as minhas amigas com a rapaziada do tráfico foi crescendo*”. A impossibilidade de famílias acompanharem o cotidiano de vida de seus filhos implica, de antemão, no não conhecimento da aproximação dele com o tráfico. Logo, há um retardamento na ação de agir, visto que a ação preventiva se perde, e quando a família decide reagir, sua eficácia é pequena. Neste caso, fica praticamente impossível remover esta idéia da “cabeça” do jovem que, diante dos acontecimentos, não é mais uma simples intenção, mas, uma decisão já tomada.

O fascínio é, inicialmente, sentido pelo jovem diante dos supostos ganhos sociais e financeiros, conferido pelo tráfico. A sua determinação e vibração em viver este mundo “fascinante” é mais forte do que qualquer tipo de dialogo sugerido pelos atores da Rede. Ele vai em busca de mudanças, visando materializar suas ações de vida, mesmo que elas sejam obscuras e marginais, o que contrapõe as idéias da “rede de proteção” que, concretamente, no entender do jovem, pouco tem a lhe oferecer.

O tráfico constitui uma rede que oferece algumas possibilidades bastante sofisticadas de *pertencimento* e não é uma forma comum de exploração do trabalho infantil pois, há “*glamour*”. O jovem entra no tráfico, em geral, porque busca prestígio, virilidade, poder de consumo e visibilidade social. Ele não entra no tráfico por acúmulos monetários, mas para ter direito ao consumo. Nesse sentido, paradoxalmente, os jovens empregados nessa atividade são os mais sensíveis ao sonho de *inclusão social*, vista, no caso, como *inclusão no mercado* (JOILSON, 2002).

A *rede de proteção comunitária* que se forma em torno do jovem para impedir o seu envolvimento com o tráfico, frequentemente não tem oferecido alternativas que equivalham ao mesmo valor social conferido pelo tráfico, assim suas ações vão se desfazendo naturalmente, diante do seu insucesso. As narrativas dos egressos revelam especificidades bastante interessantes a este respeito. Contudo, nem todos que se determina a fazer parte do tráfico tem, em torno de si, este tipo de rede. A função desta rede é agir de forma adversa a inserção do jovem no tráfico. Os jovens egressos que relatam ter histórias de banditismo na família, em geral, não tiveram nenhuma reação social contra. Uma líder comunitário chegou a afirmar: *“Tem menino que não tem jeito, ser bandido tá no sangue”*²². Esses jovens ficam ainda mais vulneráveis socialmente e apresentam uma imagem carregada de estereótipos tanto pra si quanto para os moradores daquela favela. Neste caso, a “rede de proteção” praticamente inexistente como relatou Marcelo: *“Pra minha família não houve muita diferença, eu já tive um tio e um primo envolvidos. Apesar de que a minha mãe não queria que eu me envolvesse”*.

Contudo, a maioria afirma que houve pessoas que procuraram, aconselhá-los, como apontam alguns depoimentos: *“Minha mãe, quando soube que estava na atividade, chorou muito, pediu muito pra eu abandonar aquela vida”* (LEONARDO, 22A); *“Meu tio tentou me aconselhar, mais já tava muito dentro”* (VITOR, 20A); *“Eu lembro que o meu amigo tentou me levar pro centro comunitário pra fazer um curso, mas a minha cabeça já tava dominada”* (LEÔNICIO, 18A).

Durante a permanência do jovem no tráfico, esta rede tende a ficar enfraquecida, quase que inexistente, pelo fato dele já ter feito a sua escolha. Ele incorpora as práticas de vida do tráfico e não admite ser chamado a atenção, a não ser por determinadas

²² Relato descritivo do Diário de Campo.

pessoas da sua família. Por conta disso, outras pessoas da comunidade acabam se afastando. No entanto, a mãe se torna o ator incansável que procura não perder seu filho de vista, seja em momentos de paz ou de conflito armado na favela. Ela reza, faz promessa, se culpa, mas, dificilmente desiste de tentar salvá-lo. Diversos depoimentos comprovam o quanto essas mães foram importantes, emocionalmente, na vida dos jovens no curso do tráfico. Alguns, inclusive, verbalizaram que padeceram ao presenciar o sofrimento delas. Cabe salientar que nesta fase, a família, especificamente a figura da mãe, fica praticamente sozinha na relação com este filho.

Quando o jovem vive o estágio de intermediação (saída) do tráfico, ele, quase sempre, procura apoio de uma pessoa que tenha credibilidade com os “homens do tráfico” [traficantes] para articular sua possível saída (conforme mencionamos no capítulo anterior). Ao se desvencilhar de seu compromisso com o crime, ou seja, com a obtenção do “salvo-conduto”, o jovem procura por pessoas que são de fácil acesso e maior aceitabilidade. A família, mais uma vez, “entra em cena”, enquanto grupo social imprescindível para a sua vida. É este grupo que irá novamente buscar reforço, ajuda, sendo que, desta vez, estará articulando tanto com pessoas da comunidade quanto com pessoas e serviços fora da comunidade. A rede renasce! Não mais com a função de “proteger”, mas com a missão de “apoiar” a decisão tomada pelo jovem, como é explicitado: *“Foi assim, a minha mãe foi a primeira a me dá força. Depois a D. Marília, minha vizinha, ficou sabendo que eu tinha saído do tráfico, mas ela ficou meio assim, não acreditando que eu fosse pular fora mesmo. Depois o patrão da minha mãe pediu que eu encaminhasse o meu currículo, eu nem sabia o que era isso. A minha prima me ajudou a fazer isso, disse que era bom fazer uns cursos pra encher esse tal de*

currículo. Aí, ela me deu uns toques... comecei a estudar de novo, fora do morro, fiz amizades diferentes, curti várias coisas que não curtia no morro” (FABRÍCIO, 21A).

A família tem pressa em tirar o jovem da convivência do espaço comunitário (favela), porque tem medo que ele se renda mais uma vez as credices do tráfico pela convivência com os amigos, a participação nos bailes, etc. A família almeja que ele crie um circuito totalmente novo e distante das relações do crime. Sabiamente, a família entende que, se o jovem perambular pelas vielas da favela, dificilmente conseguirá romper com o tráfico, e os amigos serão os primeiros a tentar seduzi-lo. Como um jovem disse: *“No baile rola de tudo; zoação [farra], mulher, pó... aí a gente não resiste à gente pensa só mais dessa vez (...) e acaba ficando”* (ROBERTO, 23A).

Outra preocupação para a família é de conseguir para o seu filho, o quanto antes, para uma ocupação remunerada. Assim, ele estará fazendo algo e, ao mesmo tempo terá dinheiro para gastar com as suas necessidades e desejos. Até, porque, ele está acostumado a ter dinheiro, e na falta, a família teme que ele tenha uma recaída e retorne para o tráfico. A dificuldade de emprego é grande, devido, às dificuldades existentes da própria conjuntura econômica do país, que acaba sendo reforçada pelos agravantes de quem vive por muito tempo no universo do crime, por exemplo: baixa escolaridade, qualificação profissional reduzida, vocabulário comprometido com gírias do crime, escrita comprometida, etc.).

Por estas razões, algumas famílias ficam preocupadas em aumentar a sua renda mensal para atender as necessidades e expectativas financeiras do filho. Para elas é uma forma de mantê-los afastados da “boca”. É um resgate sofrido e por vezes perdido. Determinadas famílias não obtêm sucesso, e devido alguns motivos: (a) Relacionamento intra-familiar conflituoso, que dificulta a organização de condutas para este “resgate”;

(b) Relacionamento possessivo e/ou autoritário diante das decisões de escolhas do jovem. A família busca alternativa, sem levar em consideração os anseios do filho; (c) A família não consegue formar uma rede que seja capaz de gerar oportunidades de apoio; (d) O jovem apresenta dificuldades emocionais e comportamentais para estabelecer novas condutas.

Podemos concluir que a família é um grupo central em todas as fases que são vividas pelo jovem, no crime organizado (entrada, permanência e saída). A rede espontânea, a qual foi denominada em primeira instância, de “proteção”, e posteriormente de “apoio”, são tentativas que a família, a comunidade e a sociedade, procuram aplicar frente aos diferentes momentos do jovem com o tráfico. Estas redes são eficazes, conforme a soma dos esforços de seus atores e o grau de permissividade do tráfico. Esta rede sofre variações entre os egressos e implica na dimensão do capital social, que tanto eles quanto suas famílias possam dispor. O importante é frisar que, quando o jovem rompe com o tráfico, ele tem um papel fundamental na formação e no comando da rede de apoio. A família assume um papel de co-parceira, ao contrário do que acontece quando ele entra para o tráfico. O jovem *a priori* tem uma experiência de vida que lhe atribui certo entendimento sobre suas possibilidades e desejos. É importante que este jovem caminhe “passo-a-passo” com os atores de sua rede, para que o mesmo, seja escutado e amparado para a superação de seus desafios.

5.2 – EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS: HISTÓRIAS DE SUPERAÇÃO

As histórias que apresentamos são de cinco jovens que pertencem a diferentes favelas. É a história de CHARLES que, hoje, é intérprete de uma Escola de Samba de

renome na cidade do Rio; segue com a narrativa de HUDSON que, através do teatro, descobriu seus outros “eus”, proporcionando-lhe um lado mais humano e interpretativo da vida. MAYCON conta que a descoberta de seu dom para ser professor mudou o seu entendimento sobre o mundo. Atualmente ele ensina o ofício da “internet” para vários jovens de sua comunidade. JORGE, fruto de uma promessa, como ele mesmo se denomina, é um dos “camelôs” mais conhecidos no bairro de sua comunidade. Ele vende e conserta relógios, e está sempre fazendo analogias de episódios de sua vida com esta máquina do tempo. Diz que *“o tempo é o seu melhor amigo de todas as horas”*. E, por último, LEONARDO, que traz uma história sofrida, de morte e vida. Suas lembranças são, atualmente, as suas maiores torturas. Mas, mesmo assim, tem a obstinação de refazer seu caminho pela vida. É um empreendedor nato e há dois anos é dono de um salão de beleza na comunidade. Diz que uma forma de se redimir do seu passado é proporcionando beleza para as pessoas.

5.2.1 – RELATO 1: O CANTO QUE ENCANTA MULTIDÕES

Quem conta a sua história é CHARLES, de 21 anos. Esse rapaz começou a se “encostar” no tráfico quando tinha apenas oito anos de idade. Segundo seu relato, tudo o fascinava como se vivesse num desenho animado ou um filme de “mocinho e bandido” na televisão. Aos 12 anos, já tinha um conhecimento relativo para, enfim, fazer parte daquele grupo que tanto o fascinava, desde criança. Nesta época, subiu rapidamente na hierarquia do tráfico, iniciou como *vigia* e, em três meses passou a ser *vapor*. Quando tinha 15 anos, sofreu a primeira traição entre seus colegas, sendo obrigado a deixar o tráfico para não morrer. Ao ser forçado a deixar o *“movimento”*, ficou perdido, sem

saber o que fazer e para onde ir. Sentia-se muito angustiado e deprimido. Afinal a sua saída não foi espontânea e sim, induzida, e isto, o incomodava. Neste ínterim, conseguiu, juntamente com o pessoal da Associação de Moradores, seu primeiro emprego fora do tráfico, foi trabalhar como “Gari Comunitário”, na própria favela. Este tipo de emprego dava-lhe a liberdade de andar por boa parte da favela, e isso ficou complicado, pois estava sempre “esbarrando” [encontrando] com os seus supostos traidores do tráfico. Não suportou trabalhar como gari por muito tempo e acabou ficando novamente no “vácuo” [sem o que fazer]. Algum tempo depois, surgiu uma oportunidade de trabalhar no transporte comunitário da favela, a Kombi [meio de transporte o qual os moradores usam para se locomover no interior da favela. As motocicletas também são usadas para este fim]. Ficou nesta atividade há quase um ano. Foi o tempo suficiente para que houvesse uma mudança radical no “bando” [grupo] do tráfico. As mudanças ocorreram devido à morte de uns “moleques” [garotos] e a expulsão de outros, da favela. Com esta “mexida”, Charles percebeu que poderia se aproximar novamente do tráfico para retornar com suas atividades. De volta para o “*movimento*”, ele ficou mais atento as suas amizades no tráfico. E, mais uma vez, com sua destreza e lealdade, rapidamente ocupou dois postos de destaque: o de gerente da “boca” [ponto de venda da droga] e depois, o de segurança do “Patrão”. Como segurança do “Patrão”, ele viveu algumas experiências fascinantes; *“foi uma época muito louca... vivi muita coisa, era tudo “regado” [muito], mulher, pó, dinheiro... o Patrão confiava muito em mim, ele me colocava junto das coisas boas dele”*. Dois anos se passaram, e com a tomada do “Morro” [espaço de atuação do tráfico varejista] pela facção inimiga e a conseqüente morte do “Patrão”, Charles ficou sem proteção para continuar trabalhando no tráfico, e mais uma vez se viu traído pelos colegas do

movimento: “foi muito sinistro, os moleque inventaram maior história sobre mim... o patrão novo mandou me chamar, senti que tinha alguma coisa no ar, quando eu cheguei lá... vi que tinha um buraco de micro-ondas no chão [buraco cavado pelos traficantes, o qual eles costumam atear fogo nas pessoas]. Aí, eu tremi todo... naquele instante eu prometi a Deus que se eu saísse daquela com vida eu ia deixar essa vida de bandido pra sempre. Quando os caras iam me jogar apareceu um cara mais velho, contando o outro lado da história, foi o que me ajudou a sair daquela situação... Depois que tudo ficou esclarecido, o garoto que tentou me trair foi pro buraco”.

“Um suspiro no ar...”

Após esta experiência traumatizante, Charles conta que naquela noite *“olhou pro céu e suspirou”*. Ficou uma semana deprimido, *“encolhido na cama”*, com medo de tudo e todos: *“Não conseguia dormir. Achava, que a qualquer momento outros moleques iriam me pegar, em casa, e me matar. Nessa hora, minha namorada ficou comigo o tempo todo. Minha mãe ficou muito preocupada e foi falar com o presidente da Escola de Samba, que gosta muito de mim... Eu só recuperei a minha força, quando o presidente da escola de samba, foi na minha casa e me chamou para eu voltar a puxar o samba, no ensaio da escola. Aquilo pra mim foi tudo, ele estava me chamando de volta! Depois de tanto tempo! Eu fiquei afastado por causa do tráfico. Pra mim foi um renascer. No sábado eu estava lá no palco cantando, feliz da vida”*.

Depois desse dia, as pessoas que o conheciam o paravam, nas vielas da favela, para parabenizá-lo pelo show que tinha realizado no ensaio da escola. Charles, afirma que essa visibilidade foi importante: *“é como se a gente se encaixasse novamente na*

vida, entendeu?” Para a população local, Charles é um jovem que apresenta uma personalidade bastante cativante e criativa, desde criança; sempre teve o dom de cantar e, por esta razão, quando entrou para a escola de samba mirim, seu potencial foi logo identificado pelas antigas pessoas que ali se encontravam. Porém, o tráfico foi mais rápido, e aos 12 anos o levou para o seu mundo e sua voz passou a ser o som da sua arma. Participou de vários conflitos armados, e diz não saber se chegou a matar alguém. Segundo o próprio jovem, ele nunca “esculachou” [humilhou, torturou] nenhum morador e nunca matou nenhum colega do tráfico.

“Já fui bandido, agora eu sou artista...”

Numa de suas, tantas voltas (entradas e saídas) do tráfico de drogas, finalmente Charles conseguiu, encontrar uma nova perspectiva de vida. Um recomeço, uma nova alternativa. Não voltou a ser gari, não retornou para o trabalho da lotada da Kombi e nem para as suas façanhas de traficante. Mas, como disse o presidente da Escola de Samba Mirim do Estácio: *“Charles joga na sua voz toda a energia que ele quer ser na vida... a sua presença de palco é maravilhosa”*. A música permitiu a Charles, se olhar, se sentir e se reposicionar de forma diferente na vida. *“Hoje trabalho como ritmista dentro da minha escola, fazendo parte do grupo de show e também trabalho no espetáculo: “Cidadão Samba”, na Cidade do Samba do Rio... Minha vida mudou demais, conheço vários artistas e muitos, de tanto me encontrar nos eventos, se tornaram meus amigos. Foi muito bom, ter me, afastado, devo muito a minha mãe, que nunca desistiu de mim e ao meu presidente da escola que sempre acreditou em mim... ele viu em mim alguma coisa que podia ser aproveitada... Hoje, quando entro na Sapucaí parece um sonho! Eu sinto uma força maior do que, eu... É tudo muito mágico.*

Eu mesmo falo por aí: já fui bandido e não desejo essa vida pra ninguém, mas, agora eu sou artista!

5.2.2 – **RELATO 2: O TEATRO COMO EXPRESSÃO DE VIDA**

HUDSON é um jovem de 21 anos. Entrou para o tráfico de drogas aos 11 anos, permanecendo até os 18 anos. Sua primeira experiência de trabalho foi no próprio tráfico. Hudson conta que nunca teve uma função definida no tráfico: *“Eu tinha sempre comigo uma arma e estava sempre no meio da rapaziada do “movimento”, presenciava e assistia às conversas. Ficava sempre junto. Pegava arma quando o morro era invadido ou trocava tiros com a polícia. Eu era aquele cara que era sempre chamado pra dá um suporte...”*.

Para Hudson, o que mais o cativava no tráfico era justamente a participação dos confrontos armados na favela, independente de quem fosse o inimigo: facção inimiga ou polícia. Mas, também gostava dos períodos de descontração patrocinados pelo tráfico: *“Eu gostava das guerras, era muita adrenalina... os bailes também eram bem legais, porque, quem é bandido tem regalia nesses bailes, era **bagulho** [droga] à vontade, “mulé” [mulher], então, nem se fala...”*. Mas, a possibilidade de ser traído por algum colega e as mortes de amigos eram o que mais o incomodava: *“Não gostava quando morria algum amigo, que era **responso** [legal] ou quando rolava muita falsidade [referencia as traições entre os membros do tráfico] ”... Sabe no mundo que só tem bandido, rola muita traição por ciúme ou por inveja... a galera te trai pra pegar o teu lugar”*.

Com o tempo, Hudson foi ficando *“meio cabreiro”* [desconfiado], com algumas

situações que estavam acontecendo no “movimento”, foi uma fase, segundo ele, em que o tráfico estava matando muitos garotos: “qualquer **vacilo** [erro, engano] *eles, passavam o cerol* [matavam]. Até que um dia, ele foi chamado por um grupo de rapazes mais velhos para matar um gerente, que segundo eles, estava supostamente traindo o grupo: “*Eu fiquei bastante nervoso, porque, eu gostava de participar dos tiroteios, mas matar alguém à queima-roupa, era diferente. Eu não sabia o que “fazer”*. Hudson não poderia recuar desta tarefa. No dia proposto da execução, o morro foi invadido por policiais e houve três mortes de traficantes. Uma delas foi justamente a deste gerente, que seria executado por Hudson: “*Quando eu soube que a policia tinha matado o cara, eu não acreditei... Pra mim são duas coisas diferentes; uma coisa é está na guerra pra se defender, outra coisa é matar alguém olhando pra você, sem motivo... Pra mim toda morte pra acontecer tem que ter um motivo. E, eu sabia que esses moleques tinham inventado toda aquela história de traição só pra ter um motivo dele ser morto*”. Hudson, então, aproveitou este episódio para afastar-se do “movimento”, pois ficou com receio de que outros pedidos desse tipo acontecessem novamente.

“A minha ficha sempre foi limpa...”

A minha saída foi bem tranqüila, minha ficha sempre foi limpa, nunca tive nenhum “vacilo na área” [significa, não ter dívida na “boca”. Não ter perdido droga nem arma, e não ter se metido em nenhuma confusão que prejudicasse o tráfico]. Mesmo assim, Hudson pensou em inventar uma desculpa, referente a doença, de “tuberculose” de sua irmã, para reforçar o motivo de sua saída perante o Patrão: “Cheguei pro Patrão e disse que eu tinha pegado, da minha irmã, tuberculose, e que eu precisava me afastar pra me cuidar... Tu sabe que o patrão ficou com pena de

mim? Depois, eu me senti mal por eu ter mentido. E, se ele descobrisse? Mas, graças a Deus que ele nunca soube. Ele já morreu.

“Tropecei muito até eu me achar...”

Depois de um tempo, Hudson conseguiu um emprego de carteira assinada numa drogaria de grande circulação na cidade do Rio. Inicialmente, sua função era arrumar as mercadorias nas prateleiras da farmácia, porém, nunca conseguia desempenhar tal função sem derrubar as que já se encontravam no lugar. Mudou de função: foi organizar o almoxarifado, e que como ele conta: *“quando estava na escada arrumando as caixas na prateleira, me desequilibrei, caindo da escada e as caixas caíram tudo em cima de mim.* Diante do ocorrido, o gerente da farmácia possibilitou mais uma chance: a de ser entregador de remédio a domicílio. *“Foi complicado pra mim porque eu não conhecia as ruas, aí eu me atrapalhava todo em procurar a rua e ao mesmo tempo eu tinha que ficar ligado com o trânsito, pô mais uma vez não deu certo”.* No segundo dia de entrega, quase foi atropelado e se machucou seriamente: *“fiquei com tanta vergonha de aparecer daquele jeito pro gerente da farmácia que, de fininho, deixei a bicicleta do lado de fora e me mandei pra casa da minha tia pra ela cuidar de mim.* *“No dia seguinte, ele me perguntou o que tinha acontecido com a bicicleta; não teve jeito eu tive que contar a verdade”.* A história de Hudson demonstra que, muitas vezes, o jovem ao sair do tráfico se encontra despreparado para desempenhar determinadas funções, e cada experiência negativa o torna mais resistente em acreditar que é capaz de fazer outras coisas. A pressa de retirar o jovem do contexto comunitário, acaba empurrando-o para atividades que ainda não está apto a desempenhar. É interessante que, na medida do possível, haja um tempo para que ele possa se perceber fora da rotina delirante do

tráfico. Um tempo para pensar e repensar sobre coisas que gostaria de fazer. Daí a importância de haver uma ajuda interdisciplinar. Porém, sabemos que este caminho, apesar de ser o ideal, é inexistente. Com quem o jovem acaba contando mesmo, são os poucos atores de sua “rede de apoio”. Para que ele, “passo-a-passo”, vá descobrindo suas habilidades e capacidades. Como Hudson, que contava com uma rede de apoio considerável, ao sair do emprego da farmácia e foi logo em seguida conduzido para um curso de teatro que uma Organização Não-governamental, próxima a sua comunidade, estava realizando.

“No palco, eu sou livre para vivenciar várias situações...”

Mais tarde, Hudson conseguiu fazer um curso de teatro. Ele diz nunca ter pensado que gostaria disso. Para ele, ser ator é coisa de “bacana” e isso, “*nunca tinha passado pela sua cabeça*”. Diz ter vivido algumas dificuldades e facilidades. Cita o exemplo de ter se destacado no grupo por sua capacidade de improvisar as falas do texto. Relata que devido à dificuldade de memorizar alguns trechos do roteiro, ele procura sempre improvisar, e comenta: “*o importante é não ficar sem saber o que dizer*”, e ainda completa: “*No palco eu sou livre para vivenciar várias situações*”. Para ele, ser ator é uma chance de esquecer a vida que teve no tráfico: “*Eu me sinto solto, me sinto valorizado pelos meus amigos e estou sempre ajudando os meus colegas a ensaiar... Caracas, isso é muito maneiro!*”.

5.2.3 – RELATO 3: ENSINANDO A QUEM PRECISA

“Um rapaz tranqüilo e observador”, estas são as palavras de um líder comunitário ao fazer referência sobre MAYCON. Este jovem, atualmente, tem 20 anos de idade. Entrou para o tráfico quando tinha 13 anos e saiu aos 17 anos. Maycon relata que sua entrada no tráfico ocorreu de “forma natural”: *“Sempre fui amigo de alguns traficantes, antes de serem bandidos. Estudamos na mesma escola da comunidade, nos tornamos amigos e andávamos sempre juntos. Frequentávamos as mesmas festas, nossas famílias se davam”.*

Na época em que entrou para o “movimento”, Maycon morava com sua mãe e cinco irmãos, com menos idade que ele. Relata que costumava ficar de “bobeira” [a toa], pelas ruas da favela, quando saía da escola. Acabava encontrando alguns rapazes do tráfico, principalmente todos seus amigos. Além disso, conta que muitos colegas da escola *“eram filhos, irmãos ou primos de bandidos... por isso eu acabei me acostumando com eles... Pra gente, bandido e amigo é a mesma coisa; a gente nasce no mesmo lugar, fica junto desde pequeno, aí, de repente um vira bandido, o morro é um só, a gente se esbarra o tempo todo”.* Diz que, quando encontrava esses amigos, era sempre interessante, pois contavam sempre muitas histórias de “lances” de guerra, mulheres, etc. *“Os bandidos sempre gostavam muito de mim e diziam que eu era muito esperto. Aí fui ficando mais tempo com eles, com isso, eu comecei a faltar a escola... porque, eles começaram a me chamar pra dá uma força na contagem da grana... sabiam que eu era bom em matemática... depois sempre rolava uma graninha, pra mim, no final”.* Como Maycon era bom em matemática, ele foi convidado para ficar na gerência da prestação de contas, ou seja, contava o dinheiro que era recolhido pelas “bocas”, pois era um dos poucos que sabia ler e escrever.

“A gente entra, tira onda, mas sempre quer sair...”

Para Maycon, tem jovens que manifestam o desejo de sair do tráfico: “muitos jovens querem **ralar peito** [sair], principalmente, quando eles passam por uma situação ruim de tiroteio com a polícia”. Mas, ele diz que muitos vivem o dilema do que farão caso saiam do crime. Ele foi um, de tantos jovens, que foi humilhado pela ditadura do tráfico. “Eu conhecia o tráfico de fora. Só via os caras nas coisas boas. Quando tive dentro, vi que era só sofrimento; comia mal, dormia mal, vivia machucado, com doença de pele e ficava toda hora resfriado, porque, eu trabalhava também de madrugada”. Para ele foi sofrido não poder participar de festas de família, pois, geralmente, estava trabalhando no “movimento” e, além disso, relata que tinha vergonha de se aproximar dos familiares, apesar deles sempre insistirem para ele aparecer em casa. Foram frustrações, humilhações e sofrimento que empurraram Maycon para fora do tráfico; o seu primeiro pensamento foi tentar se aproximar da sua família, como forma de ficar mais presente para que esta pudesse aceitá-lo de volta: “Eu comecei a me reaproximar da minha família, participar dos eventos e ficar mais perto deles... Só ficava na “boca” quando estava de plantão, o restante do tempo tentava ficava longe”. Infelizmente a estratégia de Maycon não teve muito sucesso: “Parece que sempre tem alguma coisa que puxa agente de volta”. Neste período, ele foi convidado para um baile em outra comunidade, mas, era apenas um pretexto para invadir o morro vizinho. A polícia foi notificada e chegou antes do grupo dele, quando entrou nesta comunidade foi recebido a tiros. sendo baleado. Uma das meninas, que estava com ele para disfarçar a invasão, o socorreu, colocando-o numa Kombi e levando-o direto para o hospital. Ele conta que foi operado e que sua internação foi angustiante, porque, havia, também, um rapaz da facção rival baleado na mesma sala de emergência. Este episódio fortaleceu o

pensamento de Maycon para que ele tivesse a coragem de romper com o tráfico: *“Quando eu voltei pro morro, a rapaziada do tráfico sabia que eu não poderia voltar imediatamente, então, pensei que esse era a oportunidade certa para sair”*. Foi quando ele foi até o *“patrão”* e disse que não poderia voltar, pois não tinha mais condição de andar direito, nem de correr. Segundo Maycon, o *“patrão”* lamentou e insistiu que ele ficasse só para fazer as contas das *“bocas”*. Ele ficou sem reação naquele momento e prometeu que pensaria. *“Mas sempre que os caras me viam eu enrolava que ainda não estava podendo”*. Ainda relata que foi difícil tal ruptura, porque a cada carga nova que chegava ao morro, o chamavam para contabilizar a droga que entrava. *“Eu estava fora, mas tinha que manter minha moral e mostrar que mesmo não estando com arma, eu era fiel ao morro”*. Por isso, às vezes, eu tinha que ir nas festas deles ou ficar conversando sempre que os encontrava: *“se não for, assim, os caras ficam com neurose e te acham traidor”*

“É muito importante ter um contra-cheque pra mostrar que sou trabalhador..”

O primeiro emprego de Maycon, após sair do tráfico, foi o de *“camelô”*; ficou nessa atividade por seis meses. Depois, foi trabalhar separando os jornais que vinham das bancas e eram encaminhados ao papeleiro. E, lá mesmo, surgiu a oportunidade de trabalhar no Jornal Extra. Não teve muita dificuldade de se adaptar ao horário noturno de trabalho, pois já tinha o hábito de trabalhar de madrugada no tráfico. Foi uma época de trabalho duro. Sua mão ficou cheia de calos, perdeu peso, mas com o tempo foi se acostumando. Sempre com o pensamento de buscar outro tipo de trabalho, que fosse mais de acordo com os seus desejos, ele foi chamado por um vizinho para fazer um curso de informática na sua comunidade. Depois de pensar muito, resolveu fazer a sua

matrícula. Conforme foi aprendendo, mais entusiasmado ficava com o ofício da informática. Em pouco tempo, se destacou na turma e foi convidado pelo seu professor para ser seu auxiliar.

“Eu sempre tive jeito para ensinar...”

Atualmente, Maycon é professor de informática e dá aula para jovens de sua comunidade: *“Eu falo sempre pros meus alunos: não é por que a gente mora no morro que a gente tem que ser burro, tem que saber falar das coisas fora do morro”*. Diz ser uma pessoa calma e paciente. Quando atuava no tráfico, outros garotos sempre o procuravam para conversar sobre os seus problemas. Este tipo de conduta também é praticada pelos seus alunos, que o procuram para trocar idéias sempre que precisam.

Ele defende a opinião da importância da pessoa trabalhar com carteira assinada: *“Pra mim é muito importante ter um contracheque pra mostrar que sou trabalhador. Não sou mais esculachado por ninguém e não abro mão de nada pelo meu trabalho. Meus filhos têm seguro-saúde, assim como eu e a “patroa” [companheira], lá em casa, ainda tem cesta básica”* Maycon ainda pensa ir mais longe: *“Ainda estou investindo em outro negócio com um amigo. Tô montando um lava-jato numa das ruas da comunidade, já falei com o tráfico e com a Associação. Vou colocar uma pessoa pra trabalhar pra mim. Se um dia eu ficar sem trabalho, vou ter uma renda. Terminei meu primeiro grau e penso em fazer faculdade um dia... Afinal, por que, não?”*

5.2.4 – RELATO: CONSERTANDO O TEMPO

“Meu nome é JORGE por causa da promessa que a minha mãe fez a São Jorge: se ela engravidasse, seu filho se chamaria Jorge. É isso aí, sou fruto de uma promessa!

Eis, então, o **Jorge**, um jovem de 24 anos que iniciou suas atividades no tráfico com 14 anos, permanecendo até os 21 anos de idade. Exerceu diversas funções: foi “bucha”, “vapor”, gerente e segurança. Diz ter entrado para a vida do crime por uma mera circunstância do acaso, ou seja, não tinha nenhum motivo aparente que o levasse para a criminalidade: *“Foi do nada, fui participando de uns lances com os amigos da comunidade, sempre rolava um “dimdim” [dinheiro], sabe como é todo jovem gosta de um dinheiro pra zoar [se divertir] e, comigo não foi diferente, quando percebi já tava formando o bonde [grupo], com arma na mão”*. Ele diz que começou a pensar em sair do crime devido um episódio que aconteceu: *“Foi um susto, quase morri nas mãos dos caras... A polícia “tampou o morro” [referencia ao cerco policial; a favela fica cercada por todos os lados]. No confronto, foi baleado na perna e preso pela polícia: “Os caras me bateram muito, queria que eu desse a parada toda. Naquele momento eu disse pros polícia: sabe como é, né? Tu perde o (...) mas não perde os braços”* [faz referencia ao fato de perder a vida mas não entrega a guerra – no caso os colegas do “movimento”).

“Aí, me quebraram todo. Fiquei preso três anos no Padre Severino, como diz a minha mãe: saí da frigideira e cai no fogo” [refere-se a sair de uma situação perigosa e cair numa outra de maior perigo]. Quando saiu da prisão, retornou para o tráfico, ficando por seis meses. Logo em seguida resolveu romper com o “movimento” porque, segundo ele, várias situações haviam mudado, inclusive o “patrão”, que não era mais o mesmo. Assim, ficou com medo de fazer parte novamente do grupo, pois pressentiu que não tinha mais força: *“Tudo muito sinistro, qual é”, não podia fazer nada! Tudo eu tinha*

que participar". Tais questões fizeram com que ele pensasse que "era o momento de fazer outra coisa na vida". Com essa idéia na cabeça e o apoio da sua mãe e de um tio, teve coragem de sair: "Cheguei pro dono do morro e mandei um papo reto [conversa direta, franca], falei que tava visado pelos canos [polícia], que queria ficar mais com minha família que tinha dado tudo pra me soltar da prisão... E, sentia que tinha que parar por ali... O patrão aceitou e me liberou. Pra mim, ele me liberou direto, porque, eu já seria um cara visado pelos policiais quando entrassem no morro e, isso, poderia trazer problemas pro grupo. Depois disso, não tive problemas com o resto, ninguém me perturbou". Jorge percebeu que aquele era o momento de romper com o tráfico. Só havia três caminhos: ficar numa cadeira de rodas (devido o tiro que levou, seu joelho ficou comprometido e não poderia correr nem pular); poderia ser preso novamente, e aí já estava com 18 anos, o que significaria ser fichado como adulto ou morreria. "Minha mãe, minha prima e meu primo conversaram e me fortaleceram para eu tomar esta decisão". Ao sair do tráfico, foi morar com uma tia, que vivia em outro município. "Fui morar em outro lugar, senão, você não consegue. Vê as festas, a diversão com as mulheres e tudo mais. Se tu fica na comunidade tem que sumir da vista deles. Aí, meus primos me deram um papo cabeça e eu vazei, "fui..." Para ele, o mais difícil foi: "minha maior dificuldade foi viver honestamente, ninguém tem paciência com você, te ensinar nada. Você é testado toda hora. Sabe como é sem estudo, mente vazia, tudo que eu sabia eu tinha apreendido no "bagulho" [ramo] do crime. Arrumar emprego já era difícil, ainda mais um garoto ex-padre Severina, é "brabo" [difícil], imagina na minha condição".

Permaneceu em Caxias por mais alguns meses: "quando vi que nada acontecia, nada melhorava, falei pra minha mãe que queria voltar pra comunidade. Quando eu

retornei para a comunidade, minha mãe ficou com medo de me envolver novamente, aí fez promessa e ela me levou pra Igreja, lá mesmo na favela”. Hoje, Jorge ainda frequenta a Igreja Evangélica: “vivo para meu Deus, minha família e meu trabalho”.

“Foi assim que a minha vida começou...”

A primeira atividade de trabalho exercida por Jorge, quando saiu do tráfico, foi ser “camelô”: *minha mãe trabalhava numa loja de relógio no centro da cidade e, quando eu saí do “movimento”, ela pediu ao patrão dela para que eu fosse trabalhar num dos “camelôs” que ele tinha na cidade. “Foi assim que a minha vida começou...”* Jorge teve a oportunidade de aprender a consertar relógio e, também, de vendê-los: *“Eu não sossego enquanto eu não dou jeito num relógio, prá mi é um desafio”.* O mesmo diz: *“relógio quebrado é tempo parado e como o Cazuza, dizia, o tempo não pára!”.* Num suspiro, Jorge, ainda acrescentou: *“Sabe, se o tempo pudesse voltar igual, como a gente faz com o ponteiro do relógio, eu só mudaria uma coisa: faria de tudo pros meus amigos não terem morrido, eu tenho muita lembranças... Também, penso que se eu não tivesse passado por tudo pelo que passei, talvez não desse valor as coisas que vivo”.*

5.2.5 – RELATO: MEXENDO COM A BELEZA

LEONARDO, 22 anos de idade, entrou para o tráfico aos 14 anos, permanecendo até os 19 anos. Atualmente, mora com um amigo, e montaram um salão de cabeleireiro na favela. Conta que sua entrada no tráfico foi para se vingar, e ao mesmo tempo, se defender. Na época, tinha ido ao ensaio da escola de samba de seu bairro, e na saída, foi abordado por uma “gangue” de jovens de outra facção, que começaram a surrá-lo: *“Fui*

esculachado, apanhei na cara, levei pontapé de todo jeito... fui parar no pronto-socorro". Quando saiu do hospital, teve contato com uns amigos que eram do "movimento", que o convenceram a entrar para se vingar do grupo rival: *"Eu tinha muito ódio... Eu pensava que, entrando pro tráfico, eu teria uma arma e um grupo pra me dá reforço"*. Leonardo diz que nunca conseguiu se vingar dos jovens, pois nunca mais os encontrou. No tráfico, exerceu a função de "vapor" e "gerente". Com o tempo, foi percebendo que a "rapaziada" do tráfico não era tão unida: *"Um não dá, força pro outro"*. Sobreviveu a vários episódios de traição dos colegas, e o que mais marcou na sua trajetória foi ter tido a "infelicidade" de executar três jovens da facção rival: *"Eu matei três moleques, isso pra mim é muito difícil de ser lembrado... Na ocasião, eu não me liguei muito no lance... a gente não pensa no que faz, a gente vai e faz. Se pensar, a gente não faz. Depois de um tempo eu comecei a ficar neurótico, eu não dormia, eu tinha pesadelos... comecei a ter vergonha"*. Relata que viveu um período difícil, passou por conflitos sobre a sua sexualidade, vindo assumir publicamente a sua homossexualidade aos 17 anos, o que gerou piadas de "mau gosto". Para ser respeitado pelo grupo, ele achava, que tinha que ser mau, colocar terror: *"quando o molecada soube que eu era homossexual eles fizeram muita 'chacota', foi difícil pra mim... Eu já era visto de banda pelos moleques pelo fato de nunca ter fumado maconha nem cheirado. Eu tinha que fazer alguma coisa pra ser respeitado, foi aí que fiquei com fama de matador e, com isso, passei a ser respeitado"*.

"Uma noite eu pensei: não sou cara de ficar nisso não, tenho muita profissão..."

Aos 18 anos, Leonardo começou a namorar um rapaz fora do "movimento", e o namorado sempre conversava sobre a possibilidade dele sair do tráfico e ambos abrirem

seu próprio negócio: *“Eu já tinha na mente cair fora... a gente quando é bandido não tem direito a ser mais nada a não ser bandido... não existe amor no mundo do crime, porque, a pessoa que você ama não pode ser a primeira pessoa da sua vida, o meu primeiro homem tinha que ser o crime”*. Leonardo, ainda acrescentou: *“no mundo do crime, a gente não tem opinião, têm que fazer o que os Caras [traficantes] determinam... fui muito esculachado [humilhação]... Uma noite eu pensei; não sou cara de ficar nisso não. Tenho muita profissão, sei fazer muita coisa, vou sair fora... Fiquei seis meses pra cair fora”*. Ele afirma que a saída não é de imediata e na maioria das vezes o jovem leva um tempo para estar fora do *“movimento”*. Este tempo vai depender da sua *“ficha”*, ou seja, das situações vividas pelo jovem no tráfico: *“Quando a gente pede pra cair fora e quando os “Caras” [traficantes], concordam a gente não pode ficar mais perto de nada, se não a gente dança. Mas, aí, são os amigos que sempre chegam perto pra fazer a cabeça da gente em voltar”*.

“Eu sabia que não podia ficar de bobeira pela comunidade...”

“Eu sei fazer muita coisa, sou muito esperto! Eu sabia que eu não podia ficar de bobeira pela comunidade, eu tinha que pensar em algo rápido. Aí o meu namorado me deu a idéia da gente começar a ir às casas das pessoas pra cortar o cabelo delas”. Este tipo de atividade já era realizado por Leonardo, no tráfico. Segundo seu depoimento, ele costumava cortar os cabelos de seus colegas. Para iniciar o seu empreendimento foi de porta em porta oferecer seus serviços, e com o tempo foi ficando conhecido na favela não mais como aquele traficante que gosta de matar gente, mas como o *“Leo que corta bem o cabelo”*. Afirma, ainda, que no início foi difícil. Lembra que para isso ter acontecido, precisou ficar afastado do tráfico seis meses a fim de obter certa

legitimidade dos moradores. Depois de um tempo, ele conseguiu articular, juntamente a Associação de Moradores, usar um espaço para cortar o cabelo das pessoas. Diz que a cada arrecadação monetária, 10% eram para a Associação. Atualmente, Leonardo tem um salão na comunidade, onde seu namorado participa ajudando-o na contabilidade, e também onde ele ainda gera empregos para um rapaz que corta cabelo junto com ele e mais duas meninas que são manicures.

“Hoje, eu faço a cabeça de muita gente...”

“Foi muito difícil, sofri muito, mas eu consegui! Consegui o respeito da minha comunidade... não porque fui bandido, mas, porque, hoje eu faço a cabeça de muita gente ficar bonita. As pessoas são vaidosas, eu adoro deixar as pessoas bonitas. A gente já mora num lugar horrroso... a gente tem mais é que cuidar da beleza. A beleza é tudo, hoje, em dia!”. No final de sua entrevista, Leonardo ainda acrescentou: “Sinto-me útil para as pessoas... agora eu posso dizer que tenho uma vida de respeito...”.

São vidas e talentos descobertos pela determinação de resistirem aos percalços da violência, do crime organizado. São exemplos concretos de que jovens como estes podem interagir positivamente com a sociedade, restabelecendo novos padrões de relacionamento na vida.

5.3 A LUTA EXISTE E TEM QUE SER AMPLIADA

A dinâmica da violência contra a população infanto-juvenil, caracterizada pelo tráfico de drogas, estimula e desafia cada vez mais os profissionais que lidam com esta temática. Cabe ressaltar que na cidade do Rio de Janeiro, existem experiências

inovadoras e bem-sucedidas, que desenvolvem metodologias eficazes de apoio aos direitos fundamentais aos adolescentes que vivem em áreas de grande conflito armado. Podemos fazer referência às seguintes organizações não-governamentais: (1) Luta pela Paz, Projeto COAV, na Maré; (2) Grupo Cultural Afro-Reggae, em Vigário Geral; (3) Instituto Brasileiro de Inovação em Saúde Social (IBISS); (4) Viva Rio, Projeto “Soldados Nunca Mais”; (5) Espaço Cultural Dom Pixote, Projeto “Rio de Veredas Juvenis”; (6) Observatório de Favelas, Projeto “Rotas de Fuga”.

São iniciativas dedicadas às criações de alternativas para jovens que pertencem, ou que já pertenceram na rede do tráfico de drogas. Embora essas experiências sejam desenvolvidas de forma isolada, elas conseguem estabelecer um grau satisfatório de resposta social. O desejável é a implementação de políticas públicas que proporcionem ao jovem de áreas empobrecidas a opção por condutas mais dignas e saudáveis de vida. Por outro lado, é extremamente importante que experiências de superação sejam objeto de debate para a implementação de ações que apoiem e auxiliam o jovem na conquista de um caminho de cidadão. Portanto, a busca efetiva desta dimensão de trabalho está na materialização de uma grande rede de mobilização social. Evidencia-se que, experiências realizadas por estas organizações, bem como outras instituições, deveriam servir de base para a formulação de políticas públicas de atenção a esta população, que se encontra, cada vez mais, em circunstância desfavorecida no meio urbano.

As histórias de *Charles, Maycon, Hudson, Jorge e Leonardo* revelaram experiências incomensuráveis. Esses jovens são ícones de sobrevivência, exemplos de superação de circunstâncias extremas de existência humana. Contam, com destreza, suas experiências de vida. São histórias de superações, relatos contundentes, secos e implacáveis. As narrativas mostram claramente que o jovem, quando se desencanta com

a engrenagem do tráfico, passa a fazer novas interpretações sobre seu cotidiano, começando assim, a desvendar caminhos estratégicos para o seu rompimento. Afinal, **a felicidade também exige valentia!**

Considerações Finais

O estudo “*Nas Viradas da Vida: Rompendo com o mercado de trabalho do tráfico de drogas em favelas na Cidade do Rio de Janeiro*”, revela que determinados jovens, ao entrarem para o tráfico, apresentam uma expectativa de encantamento, poder, dinheiro e virilidade. Com o tempo, essa perspectiva vai desaparecendo devido às situações de traição, punição e ausência de prestígio. Nesse sentimento de desencanto, eles começam a pensar na possibilidade de abandonar esta rede ilícita de trabalho, já que não se torna mais uma atividade atraente, como antes. Aos poucos esses jovens vão buscando outras possibilidades mais condizentes com as suas aspirações juvenis. É exatamente nesta brecha que ele busca a sua rede social e esta, por sua vez, passa a ser ampliada por outras pessoas que visam consolidar um novo propósito de vida para este jovem.

São vários os matizes que configuram o processo de afastamento e, posteriormente, de rompimento do jovem com o tráfico. A família é o grupo social central para o sucesso destes dois processos. Ela é responsável por disparar os circuitos de proteção e apoio necessários para que ele faça “o caminho de volta”. É uma jornada de probabilidades, onde o pêndulo vai tender para o lado da superação ou para o afogamento da barbárie da violência e do crime organizado. O estudo aponta algumas considerações, como:

1) Expõe e evidencia que o jovem, no tráfico de drogas, ***não vive uma realidade tão absoluta*** determinada pelo crime organizado. Existem jovens que despertam o desejo de romper com este comércio ilegal, e para tanto, buscam as mais variadas alternativas para obter o seu “salvo-conduto” perante o tráfico/crime organizado. O **processo de**

rompimento com o tráfico está intrinsecamente articulado com os procedimentos de entrada, e permanência no tráfico de drogas. Isto significa que ele deve ter uma “ficha limpa”, sem “vacilo”, sem “perdas” e/ou prejuízos para a “boca de fumo”, entre outras condições. Como forma de se sentir fortalecido para negociar a sua saída, este jovem geralmente elege **interlocutor comunitário** (o importante é que esta pessoa seja “responsa”), que pode ser alguém da família ou um amigo, para “desenrolar” [intermediar] a sua saída com o chefe do tráfico. Mesmo com todo esse aparato, a saída do jovem depende, ainda, do valor da força de trabalho desse jovem para o tráfico, seja na posição de soldado; na defesa do “ponto” ou do seu território frente os conflitos armados. As subjetividades dos que estão no poder do tráfico, para julgar quem deverá ser expulso da favela, quem deverá ser torturado ou até mesmo morto ou numa suposta saída desta engrenagem perversa, é bastante efêmera. Na realidade, embora havendo critérios meramente estabelecidos, seja muito comum que eles - traficantes - quebrem as regras o tempo todo, o que confunde o entendimento da população local. Assim, o processo de saída também é determinada pela subjetividade dos comandos ou “mandos” dos “patrões”.

2) É imprescindível *romper com a visão determinista* de que uma pessoa, um projeto social, uma igreja ou qualquer outra entidade, seja capaz de tirar um jovem do tráfico. Na verdade, a decisão de se afastar do tráfico é um processo exclusivo e solitário do jovem. Após o afastamento, ele vai em busca de pessoas que possam fortalecê-lo (dando atenção e afeto, trocando idéias sobre cursos, trabalho, lazer, etc.) para que ele encontre uma estrutura social, psicológica e econômica adequada ao estabelecimento de novas condutas de vida. É quando se organiza, ao seu redor, uma Rede espontânea de apoio

que, a princípio, é formada por indivíduos da própria favela. Posteriormente, de forma lenta ou rápida – dependendo do capital social – outros atores (pessoas e/ou instituições) vão ampliando esta rede. É quando as pessoas, os projetos, as religiões, a arte, o esporte, a música, a informática, etc., serão cruciais para que os jovens possam sentir confiança interpessoal, restabelecer sentimentos de afetos - contrapondo os da ira, do ódio - tão emblematicamente construídos pela violência do tráfico. Além disso, suas outras capacidades e habilidades devem ser estimuladas para que ele seja capaz de reconquistar sua auto-estima, já que não foi possível esta ser construída na fase de sua adolescência. Conforme o jovem consegue se reposicionar diante da vida, ele vai rompendo, automaticamente, silenciosamente, lentamente, com o mundo do crime. Logo, concluímos que, se afastar é a primeira decisão, para, em seguida, ele romper com o tráfico. Isto significa dizer que é uma trajetória árdua de certezas e incertezas, de esperança e desesperança; enfim, da vida de cada um.

3) As Redes de Apoio devem apresentar uma dimensão interdisciplinar que seja capaz de auxiliar o jovem em questões como: apoio social e psicológico, educação, saúde, trabalho, etc. É imperativo dizer que quase todos, se não todos os que se afastam e rompem com o tráfico, necessitam de um suporte psicológico. Eles vivem permanentes situações de grande impacto emocional, associado ao fato de que o tempo de permanência no tráfico é o tempo do seu afastamento de um atendimento médico, visto que eles raramente circulam fora do espaço da favela. Antigamente, quando o índice de violência era menor, havia, quase sempre, unidades de saúde no interior das favelas, contudo, com o aumento da violência, muitas unidades se retiraram. As poucas unidades que ainda se mantêm em algumas favelas, ficam rendidas, também, aos “mandos”

relativos do tráfico, sendo forçadas a prestarem atendimento aos seus “soldados”, uma vez que eles não podem sair do seu confinamento territorial.

4) As *redes* também devem oferecer *estratégias de apoio que valorizem a circulação espacial do jovem pela cidade e a participação de eventos culturais*. O máximo de informações culturais é essencial nesta fase, afim de que o jovem tenha condições de ampliar sua capacidade de repensar conceitos, valores e sentidos.

5) A passagem do *mercado ilegal de trabalho* para o *mercado legal de trabalho*, requer a atenção de todos desta rede. Há um hiato a ser considerado que deve ser preenchido com práticas que levem o jovem a um processo de aculturação do crime para uma demanda de culturação da cidadania. Ele sai do tráfico com limitações sociais significativas, que devem ser observadas para serem trabalhadas tais como o vocabulário comprometido, com gírias e expressões do crime, postura social que reluz hiperatividade, nervosismos, entre outros. Todavia, a urgência, principalmente da família, em inseri-los no mundo do trabalho lícito, acaba levando-o a vivenciar experiências frustrantes que reforçam a idéia de que não conseguirão se encaixar no mundo dos cidadãos. Portanto, deve-se desconstruir a idéia de que o caminho da inclusão social, para jovens empobrecidos, seja exclusivamente, pelo mercado de trabalho.

6) É necessário que tenhamos muita cautela e habilidade para que possamos, de fato, saber como ajudar esses jovens. Eles não são diferentes de tantos outros. O processo pedagógico pressupõe um ritmo constante de interação e diálogo. São erros e acertos

que ocorrem constantemente, logo, é preciso ficar perto, conversar, trocar idéias, ajudá-lo a interpretar seus momentos de perdas, e celebrar seus momentos de conquistas.

A sociedade ainda não esta preparada para encarar tal realidade, nem tão pouco para amparar, tanto os jovens que entram para o tráfico quanto os que rompem com a criminalidade. Por vezes, os que se afastam acabam retornando para o tráfico sem a esperança de experimentar uma nova maneira de viver. Sem dúvida, a mídia, formadora de opinião pública, contribui fortemente para que estes jovens sejam expostos para a sociedade como “juventude perdida: que mata, rouba etc.” (Globo, 2006), criando imagens cheias de estereótipos, sem alternativas, distanciando-os de soluções integradoras e de equidade social. Lamentavelmente, eles são vistos como escória da sociedade e não como formação contextualizada, ou seja, produto social da própria sociedade. É preciso, antes de tudo valorizar esses garotos, mostrando que não existe “geração perdida”, mas, jovens que tiveram e tem poucas possibilidades de vislumbrar caminhos promissores, dignos, como qualquer cidadão.

Assim sendo, concluímos que o caminho do crime é, para muitos um caminho sem volta. Há, contudo, saídas. Torna-se necessário, olhar para dentro das comunidades e enxergá-los, escutá-los. Esta é a condição essencial para o resgate social. Os projetos sociais são capazes de tirá-los do crime e, também, servem como eixos norteadores, importantes para aqueles que já estão propensos a sair do tráfico de drogas ou de qualquer situação limite. É neste exato momento, que o jovem se coloca apto a sentir novas sensações, experimentar relações que possam lhe dar novos sentidos e, acima de tudo, descobrir que pode, novamente, sonhar. Muito, ainda, há para ser desvendado sobre as práticas de vida desses, no que diz respeito ao contexto urbano carioca. É

preciso ser ousado a fim de conduzir esses jovens para uma melhor perspectiva de vida. Para tanto, os estudos devem ser os mais abrangentes possíveis, com a construção de novas propostas no campo das políticas públicas para a infância e adolescência. Propostas estas, que são um instrumento a mais na superação das desigualdades que ainda dominam a vida de jovens, negros e pobres na região metropolitana do Rio de Janeiro.

Enfim, precisamos ficar mais atentos a tantas outras histórias, como as que este estudo descreveu e analisou. Histórias de vidas que apresentam matizes diferentes de uma mesma trama e, que, portanto, devem ser consideradas de forma singular. Afinal, *no compasso de cada passo, há sempre uma história para ser contada e compreendida*. Precisamos ser, antes de tudo, bons ouvintes!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aberastury A, Knobel M. *Adolescência normal*. 9ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1991.

Adorno S et al. *O Adolescente na Criminalidade Urbana em São Paulo*. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos; 1999.

_____. “A Experiência Precoce da Punição”. In: MARTINS, J. S. *O Massacre dos Inocentes: A Criança Sem Infância no Brasil*. São Paulo; HUCITEC; 1991.

Alvito MM, Zaluar A. *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 1999. p. 76.

Arantes EM et al. *Envolvimento de adolescentes com o uso e o tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Cadernos Prodeman de Pesquisa. No. 1. Rio de Janeiro. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ; 2000.

Assis SG. *Traçando Caminhos em uma Sociedade Violenta. A Vida de Jovens Infratores e de Seus Irmãos Não-Infratores*. Editora FIOCRUZ. Rio de Janeiro; 1999.

Athayde C, Soares LE, MV Bill. *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro: Objetiva; 2005. p. 215-272.

Barbosa ACR. *Um abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro - Niterói: EDUFF; 2007.

Barreto L, Ribeiro M, Passos N. *Vida bandida: figurantes na sociedade, protagonistas na mídia*. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo, Santos; 2007. p.6.

Batista A, Pimentel R, Soares LE. *Elite da Tropa*. Rio de Janeiro: Objetiva; 2005. p. 312.

Batista F, Cruz D, Dias C et al. *Jovem da favela: um ser invisível*. F2J. Salvador. Junho; 2006.

Batista VM. *Difíceis Ganhos Fáceis: Drogas e Juventude Pobre no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos; 1998.

Bauman Z. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor;; 1998.

Becker H. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec; 1999.

Benetti. P. C. *Violência e projeto urbano em favelas*. 2004. Disponível em www.vitruviu.com.br. Acesso em: 19 jun. 2008.

Berquó, E. *Perfil demográfico das chefias femininas no Brasil*. In: Bruschini, Cristina; Unbehaum, Sandra G., org. *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; 2002.

Borj B. *A nova sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

Brasil. Ministério Direitos Humanos. *Situação de adolescentes envolvidos no crime organizado da cidade do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Relatório de Pesquisa*. Departamento da Criança e do Adolescente da Secretaria Especial de Direitos Humanos. Brasília; 2002. Mimeo.

_____. Secretaria Estadual de Segurança Pública. Polícia Federal. *Relatório anual 2005*. Rio de Janeiro; 2006.

_____. Ministério da Justiça. *Relatório anual do narcotráfico*. Brasília; 2006. Mimeo.

_____. Ministério Judicial. *Adolescentes envolvidos com o tráfico de drogas. Relatório de Pesquisa. 2º Vara da Infância e da Adolescência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro; 1999. Mimeo.

Budó MD. *Mídia e crime: a contribuição do jornalismo para a legitimação do sistema penal*. UFSC-SC. Julho; 2006.

Caldeira MTR. *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: ED. 34/EDUSP, 2000.

Carvalho, Lejeune. *Um país rico e um povo pobre*. Disponível em: www.vermelho.org.br. Acesso em 12 abr. 2006. p. 47.

Castells, M. *A sociedade em rede: a era da informação, economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra; 1999.

Central Única das Favelas (CUFA). Disponível em: www.cufa.com.br. Acesso em 18 mai. 2007.

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC). *Guia de ações complementares à escola para crianças e adolescentes*. 2ª ed. São Paulo: Cempec/Unicef; 2001.

Cervini R, Burger Freda. (org). *O menino trabalhador no Brasil urbano dos anos 80*. In: FAUSTO, A, CERVINI, R. O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80. São Paulo: Cortez/Unicef/Flacson; 1996.

Costa; ACG. *A criança e o adolescente na lei orgânica municipal: a inclusão dos direitos da infância e juventude na lei Básica do município?* Brasília: Fórum. DCA; 1989.

Cruz Neto O, Moreira M, Lucena L. *Nem Soldados Nem Inocentes. Juventude e Tráfico de Drogas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz; 2001.

Damatta RA Família como valor: considerações não-familiares sobre a família brasileira In Almeida et al. *Pensando a Família no Brasil; Da Colônia à Modernidade*. Rio de Janeiro, Editora Espaço e Tempo. UFRRJ; 1987.

Dowdney L. *Crianças do tráfico: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora 7 letras; 2003.

Guimarães W, Edmundo K, Vasconcelos MS, Baptista AIDS. In: Barbosa RM, Parker R, editores. *Sexualidades pelo Averso: Direitos, Identidades e Poder*. Rio de Janeiro: Editora 34; 1999.p.175-198.

Edmundo K. Et al. *Vulnerabilidade ao HIV em favelas do Rio de Janeiro: impacto de uma intervenção territorial*. Rev. Saúde Pública; 2007, 41 (supl.2):127-34.

Estatuto da criança e do adolescente (1990). *Estatuto da criança e do adolescente* Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990.

Fernandes NCB, Oliveira AC, organizadores. *Violência contra crianças e adolescentes: redes de proteção e responsabilização*. Rio de Janeiro: Nova Pesquisa e Assessoria em Comunicação; 2007.

Feffermann M. *Vidas arriscadas: Cotidiano dos Jovens Trabalhadores do Tráfico*. São Paulo, ed Vozes; 2006.

Fiuza G. *Meu nome não é Johnny*. Rio de Janeiro: Record; 2004.

Foracchi; *Por um mundo melhor*. Hucitec. Rio de Janeiro; 1982. P 302.

Foucault M. *Vigiar e Punir*. Tradução de Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis, Vozes; 1987.

Fraga PCP. Juventude, Violência e Narcotráfico no Brasil: Para Além do Rural e do Urbano In: Iulianelli JA & Mota AM. *Narcotráfico e Violência no Campo*. Rio de Janeiro: DP&A; 2003.

Giffin K. Pobreza, desigualdade e equidade em saúde: considerações a partir de uma perspectiva de gênero transversal. Cadernos de Saúde Pública, 2002.18(sup): 103-112.

Heilborn M L, Gouveia P. “Marido é tudo igual”: mulheres populares e sexualidade no contexto da AIDS. In: Barbosa RM, Parker R, editores. *Sexualidades pelo Averso: Direitos, Identidades e Poder*. Rio de Janeiro: Editora 34; 1999.p.175-198.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) *Relatório Geral Censitário de 2000*. Brasil; 2002.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo Demográfico 2000: Características Gerais da População*. Brasília: IBGE; 2003.

Instituto Pereira Passos (IPP). Armazém dos Dados. Disponível em: www.armazemdedados.rio.rj.gov.br. Acesso em: 19 abr. 2007.

Iulianelli JA & Fraga PCP. *Juventude e narconeócio no Submédio São Francisco*. Suplemento Especial da Revista Tempo e Presença; 1999, P. 9.

Leeds E. “Cocaína e Poderes Paralelos na Periferia Urbana: Ameaças à Democracia em Nível Local”. In: Zaluar, A. e Alvito, M. (Orgs). *Um Século de Favelas*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas; 1998.

Leite MP. *Entre o individualismo e a solidariedade: dilemas da política e da cidadania no Rio de Janeiro*. RBCS; 2000. Vol 15-74.

Lins P. *Cidade de Deus*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras; 1998.

Magalhães P. e Miranda M. *Reflexões a partir da agenda social*. Rio de Janeiro, Revista Democracia Viva, n. 8, 2000.

Meirelles Z.V. Vida e trabalho de adolescentes no narcotráfico numa favela do Rio de Janeiro [dissertação]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz; 1998.

Minayo MCS. *O desafio de conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde*. 8a ed. São Paulo: Editora Hucitec; Rio de Janeiro: ABRASCO; 1998.

Misse M, Lima KR, *Crime e Violência no Brasil Contemporâneo: Estudos de Sociologia do Crime e da Violência Urbana*. Coleção Conflitos, Direitos e Culturas, Rio de Janeiro; 2002.

Misse M. *Malandros, marginais e vagabundos: acumulação social da violência no Rio de Janeiro* [tese]. Rio de Janeiro: Iuperj; 1999.

Kalina, C. Conflitos afetivos nas relações familiares. São Paulo Cortez; 1999.

Nobre C. *Direto do front: notas sobre reportagem e narcotráfico no Rio de Janeiro*. Cadernos Alceu, 2005; 6 (11): 104-119.

Novaes, R, Vannuchi P (org). *Juventude em debate*. 2º ed., São Paulo: Cortez; 2002.

_____. *Estilos de vida da juventude brasileira*. São Paulo: Cortez; 2004.

Novellino, M.S.F. *Feminização da pobreza no Rio de Janeiro, Brasil (1992-1999)*. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Minas Gerais; 2002.

Oliveira JS. *Barreiras, transgressões e invenções de mercado: a inserção econômica de jovens pobres* [Dissertação de mestrado]. Instituto de Medicina Social/UERJ; 2007.

Organização das Nações Unidas (ONU). *Drogas e crimes no Brasil e Cone Sul*. Relatório de pesquisa. Brasília: Organização das Nações Unidas; 2006. Mimeo.

Organização Internacional do Trabalho. *Formas de trabalho infantil nos Países em Desenvolvimento da América Latina*. Relatório de pesquisa, Brasília: Organização Internacional do Trabalho; 2003. Mimeo.

Peralva A. *Violência e Democracia: O Paradoxo Brasileiro*. São Paulo: Paz e Terra; 2001.

Perreira, C. *A vida como ela é: família e seus atropelos*. São Paulo Cortez; 2005. p.21.

Rafael A. *Um abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Niterói: EDUFF; 1998.

Rocha, S. *Pobreza no Brasil: afinal de que se trata?* Rio de Janeiro, FGV; 2003.

Roudinesco. Globalização, pobreza e gênero: as faces da miséria feminina. *Gênero em Pesquisa*; 2000, n. 16, p. 5-7.

Ruzany MH. *Saúde do adolescente: um desafio ético*. Rio de Janeiro. UERJ; 1996. Mimeo.

Santos, L. M. *Pobreza como prevenção de liberdade: um estudo de caso na favela do Vidigal no Rio de Janeiro* [Doutorado]. Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Economia. Rio de Janeiro; 2007.p 14-51.

Sen A. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo, Cia das Letras; 2000.

Silva JS. *Caminhada de crianças, adolescentes e jovens na rede do tráfico de drogas no varejo do Rio de Janeiro, 2004-2006*. Observatório de Favela, Rio de Janeiro; 2006. Mimeo.

Silva JS, Urani A, organizadores. *Crianças no narcotráfico: um diagnóstico rápido*. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego/ Organização Internacional do Trabalho; 2006.

Taquette SR., et al. *A violência nas relações afetivas dificulta a prevenção de DST-Aids*. *Jornal de Pediatria*. 2003; 79:349-55.

Soares, LE (coord). *Criminalidade Urbana e Violência: O Rio de Janeiro no Contexto Internacional*. ISER. Rio de Janeiro; 1993.

Sudbrack & Pereira. *A vida sem perdão*. São Paulo, Cortez; 2005.

Unicef. *Trabalho de crianças e adolescentes no tráfico no Brasil*. Relatório de pesquisa. Brasília: UNICEF; 2002. Mimeo.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO): Relatório sobre a vida de crianças e adolescentes no narcotráfico. UNESCO. Brasília; 2006.

Vasconcelos, M. *Segurança e crime organizado internacional*. Disponível em: www.editoraferreira.com.br. Acessado em: 15/02/2007.

Velho G, Alvito M, organizadores. *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro: FGV; 1998.

Velho G. *Nobres e Anjos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

Velloso, Renato Ribeiro. *Crime Organizado. Conselho Penitenciário do Estado de São Paulo*. São Paulo; 2002. Mimeo.

Ventura, Z. *Cidade partida*. Rio de Janeiro, Cia das Letras; 2003. P.16.

Vilhena J, Zamora MH & Dimenstein, M. *Infâncias roubadas. La vida de los jovens en las favelas de Rio de Janeiro*. In: *Psicoanálisis y Hospital*. Buenos Aires: Psychos; 2003, p. 35-40.

Villaveces-izquierdo S. *Focalizando a Fluidez: as Vias Transversais do Narcotráfico na Colômbia* In: IULIANELLI JA & MOTA AM, *Narcotráfico e Violência no Campo*. Rio de Janeiro: DP&A; 2000.

Triviños, A.N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo, Atlas; 2003.

Waiselfisz JJ. *Mapa da violência dos municípios brasileiros*. Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, Ciência e Cultura. Brasília: Ministério da Saúde; 2008.

Zaluar A. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: UFRJ; 1994.

_____. *A Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: FGV; 2004.

_____. *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*. Revista Brasileira de Educação. Set-Dez; 1997.

Zamora MH. *Confinamento, sociabilidade e violência nas favelas cariocas* [Tese de doutorado]. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; 1999.

AUDIOVISUAIS:

Cidade de Deus. Filme dirigido por Fernando Meirelles. Duração: 135 minutos. Distribuição: Lumière / Miramax Films. Brasil, 2002.

Falcão – Meninos do Tráfico. Documentário dirigido por MV Bill e Celso Athayde. Duração: 58 minutos. Distribuição: Som Livre. Brasil, 2006.

Notícias de uma guerra particular. Documentário dirigido por João Moreira Salles e Kátia Lund. Duração: 56 minutos. Distribuição: Vídeo filme. Brasil, 1999.

Ônibus 174. Documentário dirigido por José Padilha. Duração: 117 minutos. Distribuição: Rio Filmes. Brasil, 2002.

Tropa de Elite. Filme dirigido por José Padilha. Duração: 123 minutos. Distribuição: Brasil, 2007.

Pixote, a Lei do Mais Fraco. Filme dirigido por Hector Babenko Brasil. Duração: 127 minutos. Distribuição: Embrafilme, 2007.

ANEXOS

ANEXO I

**PALAVRAS E EXPRESSÕES USADAS NO TRÁFICO DE DROGAS EM
FAVELAS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

GLOSSÁRIO

PALAVRAS E EXPRESSÕES USADAS POR INTEGRANTES DO TRÁFICO DE DROGAS NAS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO

157

Artigo do código penal 157. Significa assalto à mão armada.

171

Artigo do código penal 171. Significa mentiroso ou estelionatário.

Já é ...

Está tudo certo agora; podemos ir agora; ok.

AK-47

Fuzil criado na Rússia comunista, o AK-47 apareceu em 92 países, participou de 90% das batalhas da 2ª metade do SÉC. XX.

Alemão

Usado pelos traficantes e moradores para designar o "inimigo", em geral um membro de outra facção.

**Amigo dos Amigos
(ADA)**

A segunda maior facção de drogas do Rio de Janeiro; disputa com o comando vermelho a liderança do tráfico carioca.

Arrego

Dinheiro dado a policiais corruptos para não atrapalhar o funcionamento das bocas de fumo. Costuma ser pago por semana.

Asfalto

Espaços da cidade que não são considerados áreas de favela.

Atacadista

Atacadista de drogas ou armas, que vende ao tráfico das favelas. Tem contatos internacionais para importação de drogas e armas.

Atividade

Usado pelos traficantes, significa comércio de drogas ou outras atividades correlatas ao tráfico; é a pessoa que fica em "atividade".

Aviãozinho

Transportada pequena quantidade de drogas; mensagens entre traficantes ou clientes. São geralmente criança ou adolescente.

Baculejo

Revista agressiva da polícia.

Bagulho	Maconha ou qualquer outro tipo de droga.
Baile Funk	Festa realizada, geralmente em áreas de favela com estilo musical próprio. Algumas são patrocinadas pelo "chefe do tráfico" para a
Band	Bandido; vagabundo.
Bicho/Bicho solto	Ser do crime fazer parte da bandidagem.
Boca de fumo	Ponto de venda de drogas numa favela.
Boca do Boi	Vaso sanitário da cela nas cadeias.
Bolado	Desconfiado; preocupado; aborrecido.
Bonde	Grupo de jovens que se organizam com a intenção de roubar no asfalto; atacar outras favelas; transportar drogas, armas e/ou tráfico. Pode também se referir a uma patrulha defensiva de soldados da facção no interior da favela.
Brotar	Surgir do nada, de repente, sem que ninguém perceba a aproximação.
Bucha	Pessoa "Laranja", que é considerada culpada sem ter culpa, é enganado, ludibriado. É aquele que é usado para assumir um crime o
Caô	Mentira; palhaçada.
Carga	Carregamento de drogas.
Carreira de pó	Filete de cocaína colocado em superfície sólida, facilitando a aspiração da droga.

Chapa quente

Situação perigosa, arriscada.

Cobrar

Tomar satisfação; exigir que alguém repare um erro; que uma dívida seja paga. Na maioria das vezes a "cobrança" representa matar.

Comando Vermelho

A primeira, e maior, das facções da droga no Rio de Janeiro.

Comando Vermelho Jovem

Uma cisão do Comando Vermelho que se tornou uma facção separada e independente nos anos 90.

Comarca

Área pertencente a um preso na prisão.

Contenção

Traficante com base em favela em serviço de vigilância.

Cria

Indivíduo nascido e criado na comunidade.

Crocodilagem em Piranhas

Traição.

D-20

Carro de polícia

Dar a volta

Enganar.

Dar um dois

Fumar maconha.

Dar um papo, dar teu papo

Conversar, resolver algo.

Dar um teco

Ato de cheirar a cocaína.

Derrame	Situação que ocorre quando alguém do tráfico consome ou perde a droga que deveria ser vendida.
Descuido	Furto.
Desenrolar	Argumentar; negociar; dar explicações.
Doce	Ácido alucinógeno.
Dois papos	Discurso dúbio; duas histórias.
Dono da boca	Gerente de um ponto de vendas (boca de fumo) na favela; também chamado de "patrão"; "cabeça"; "o homem"; "o mestre".
Dono/Dono do Morro	Refere-se à pessoa de maior hierarquia do tráfico de drogas do varejo, numa favela.
Dormir no bagulho	Dormir no trabalho.
Droga malhada	Pouca quantidade de droga; droga misturada.
Endolador	Responsável pela embalagem da droga para venda na favela ou na rua.
Endolar, endolação	Ato de preparar e ensacar a maconha e a cocaína.
Enquadrar	Abordagem grosseira feita por policiais e traficantes; pode também referir-se a uma conversa séria; estar sem chance de fuga.
Entocado	Ficar escondido, geralmente de policiais ou de traficantes de outra facção.
Entretar	Esconder armas e drogas.

Farinha/Branca	Cocaína.
Favela	Conjunto de habitações ilegais construídas em área urbana.
Fiel	Jovem que atua de forma fidedigna as situações do tráfico; segurança armado e de confiança do gerente-geral ou de um sub-gerente.
Firma	Designa o comércio ilegal da droga na favela; "o tráfico"; "o movimento".
Fogueteiro	Menino que dispara o morteiro, fogo de artifício usado para avisar a invasão de outra facção ou chegada da polícia.
Formar na boca	Passar a exercer alguma função na estrutura organizacional do varejo das drogas.
Fortalecer	Ajudar, contribuir; fornecer armas e dinheiro à boca de fumo.
Funk de apologia	Música <i>funk</i> com letra relacionada a facções da droga, a confrontos de facções ou a traficantes famosos.
Gambé, os home	Policial, os policiais.
Gerente da boca	Gerente de um ponto de vendas (boca de fumo) na favela.
Gerente de maconha	Gerente responsável por todas as vendas de maconha numa comunidade. Também chamado gerente de preto ou subgerente.
Gerente de pista	Gerente da boca de maconha, cocaína e crack.
Gerente de pó	Gerente responsável por todas as vendas de cocaína numa comunidade. Também chamado gerente de branco ou subgerente.
Gerente de soldados	Gerente responsável por toda segurança armada numa comunidade, inclusive gerência dos soldados da facção. Também chamado

Ir de ralo; levar de ralo	Ser morto; matar.
Lombrada	Problema; presença da polícia na favela; efeito da maconha.
Mandado	Pessoa que tem uma atitude suspeita; possivelmente mandando pelos policiais.
Mano	Companheiro, amigo.
Matuto	Transportador de grande quantidade de drogas e/ou armas de um atacadista para um dono.
Mina	Namorada.
Mirolha	Certeiro; atingir certo.
Morro	Usado pela população do Rio em geral para designar favela.
Morro tampado	Morro cercado pela polícia.
Movimento	Durante os anos 80, o tráfico no Rio ficou conhecido como o movimento.
Mulher de fé	Principal, mais importante mulher do bandido.
Noiados	Usuários de crack.
Nove	Pistola 9 mm é a arma de porte usada pelo Exército Brasileiro.
O Amigo	Usado por traficantes para se referir ao titular do posto mais elevado da facção na favela. Também se usa dono.

O cara	Usado por traficantes para referir-se à pessoa de maior hierarquia da facção, numa favela. Também se diz o dono.
Olheiro	Vigilante. São colocados em pontos estratégicos em volta da favela para avisar da invasão por facção rival ou de batida policial.
Os Amigo	Gíria, com sua incorreção gramatical, significando aqueles que trabalham no tráfico no nível da favela.
Pancado	Indivíduo drogado, geralmente pelo uso de cocaína.
Papo de band	Conversa de bandido, com gírias específicas.
Passar o cerol	Matar.
Passar o rodo	Matar várias pessoas de uma só vez.
Pau	Surra; castigo para erros considerados leve.
Peça/Berro/Draga/Ferro	Arma.
Peidar	Fraquejar; ficar com medo.
Perna de três	Instrumento roliço de madeira, utilizado em obras e adaptado para a prática de torturas.
Pichado	Marcado; com o nome sujo.
Pinote	Fugir.
Pipoco	Tiro com arma leve.

Piranha/Pirata	Safado; "Moleque piranha" é o esperto, sagaz e cheio de mulher.
Pista/asfalto	Espaços da cidade que não são considerados da favela.
Plantar	Ficar no morro vendendo droga.
Pray/playboy	Cliente; usuário de droga.
Quadrilha	Usado para referir-se a um bando de traficantes.
Ralar	Ir embora; sair.
Rodar	Ser preso, baleado, morto.
Roupa no varal/Sujeira	Área vigiada.
Sangue bom	Gente boa; pessoa agradável.
Soldado	Função das facções, a nível da favela, responsável pela segurança do território da facção e a invasão do território e da facção rival.
Soltar o peso	Atirar.
Subgerente	Hierarquicamente, uma função abaixo do gerente-geral, inclui gerente de maconha, gerente de pó e gerente de soldados.
Sufocar/Acharcar	Extorquir; sufocar; encher o saco; ficar pedindo as coisas ou contando histórias.
Tá à pampa, ficar à pampa	Estar tudo bem com a pessoa; ter algo em grande quantidade.

Tá ligado?	Está atento? Ouviu o que eu disse? Entendeu?
Tá na escolta	Estar vigiando.
Tá pegado	Estar preso.
Terceiro Comando	A segunda maior facção do tráfico no Rio de Janeiro.
Tereza	Corda de trapos feita pelos presos, usado geralmente para fugas.
Tomar volta	Ser enganado.
Trepado	Armado.
Vapor	Trabalha para o gerente de boca e é responsável pela venda de drogas diretamente ao cliente da boca de fumo.
Vera	Para valer; o que não é de brincadeira.
X-9	Delator; aquele que recebe dinheiro para denunciar alguém à polícia ou a inimigos.
Xerife	Chefe da cela.
Xisnoviar	Denunciar alguém.
Zé Arroela	Bobão, otário.

TOTAL: 125 EXPRESSÕES **FONTE:** Depoimento de jovens e líderes comunitários, pertencentes de dez Favelas da Cidade do Rio.

Anexo II

Roteiro de Entrevista

ROTEIRO de ENTREVISTA

Situação de vida e trabalho de jovens egressos do mercado do tráfico de drogas da Cidade do Rio de Janeiro

Pré-entrada do Jovem no tráfico de drogas

Objetiva conhecer o contexto social e familiar dos jovens, visando identificar situações vulneráveis que potencializaram a entrada do jovem no tráfico de drogas.

1. Como se caracterizava o seu contexto familiar e social antes da entrada no narcotráfico? Como era a sua vida? O que você costuma a fazer?
2. Você estudava? Estava em que série?
3. Em que momento na sua vida você começou a pensar na possibilidade de entrar para o movimento? Quais foram os motivos que determinaram a sua entrada no movimento?
4. Você já tinha trabalhado antes em outra atividade? Como era essa atividade?
5. Quem foi a(s) pessoa(s) que te ajudou (ajudaram) a entrar no movimento?

Vida e trabalho de jovens no tráfico de drogas

Objetiva entender os processos de vida e trabalho de jovens durante o seu percurso no crime organizado/tráfico de drogas e as razões que levaram os jovens a egressarem do tráfico, bem como, os protetores que os auxiliaram neste processo transitório.

1. Qual a posição que você ocupava quando entrou no tráfico? Qual era a carga horária diária de trabalho?
2. Quando você estava no tráfico qual era a sua renda mensal? Supria as suas necessidades de vida?
3. Havia algum tipo de benefício gerado pelo tráfico?
4. Como você adquiriu as aptidões para trabalhar no tráfico?
5. Como era estar atuando no movimento? Como você se sentia? O que te fascinava e o que gerava medo?
6. Você participava dos confrontos do tráfico (guerra)? Você já foi preso pela polícia?
7. Você foi internado em instituições públicas? Como isso ocorreu?
8. Você foi ferido por armas ou facas? O que representou pra você esta experiência?

9. Você causou alguma morte? Como você se sentiu?
10. Em sua opinião quais são os motivos (mais importante) para manter um jovem no narcotráfico?
11. Quais são os principais motivos que leva o Jovem a MORTE no narcotráfico?
12. Quantidade de pessoas que você viu serem mortas desde que entrou para o negócio?
13. Quais foram às razões que te motivaram a sair do Tráfico?
14. Em sua opinião quais são os fatores que pode contribuir para remover um jovem do narcotráfico?

Vida egressa Pós-tráfico de drogas

Objetiva identificar as relações de vida e trabalho que jovens egressos estabelecem em suas vidas após suas experiências traumáticas no mundo do crime organizado/ tráfico de drogas.

1. Como foi a sua trajetória pós-saída do narcotráfico?
2. Quais foram às pessoas e/ou situações que te ajudaram ou ainda estão ajudando, nesta nova etapa de vida?
3. Atualmente como é o seu processo de vida? Você está trabalhando? Qual é a sua renda? Ela supre as suas necessidades de vida?
4. No momento quais são suas maiores dificuldades de vida?
5. O que mudou e o que não mudou em sua vida?
6. Como você se sente com o atual estilo de vida?
7. Quais são os seus maiores desejos na vida?
8. Hoje - O que é mais importante na sua vida?
9. O que você está fazendo agora? Quais são seus planos de futuro?
10. Se você pudesse interferir no mundo o que mudaria para melhorar a vida dos jovens no Rio de Janeiro.

ANEXO III

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA - ENSP

ANEXO IV

**ARTIGO SOBRE O ESTUDO APROVADO PARA PUBLICAÇÃO NA
REVISTA DE CIÊNCIAS E SAÚDE COLETIVA DA ABRASCO**

Em Março de 2008.



Artigos

0129/2008 - Rompendo com a criminalidade: saída de jovens do tráfico de drogas em favelas na Cidade do Rio de Janeiro

Stopping with the criminality: exit of youths involved in traffic of drugs in slums in the city of Rio de Janeiro

Zilah Vieira Meirelles - Meirelles, Z.V. - Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz
Carlos Minayo Gomez
Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz

XVIII Congresso Mundial de Epidemiologia e VII Congresso Brasileiro de Epidemiologia que se realizará no período de 20 a 24 de setembro de 2008

Resumo

O presente artigo aborda a vida de jovens egressos do tráfico de drogas nas favelas da Cidade do Rio de Janeiro. Seu principal objetivo consiste em analisar as circunstâncias e condições específicas que impulsionam os jovens a abandonarem essa atividade, ilícita, de trabalho. O método utilizado para a coleta de dados foi a história de vida tópica que permitiu conhecer o percurso de entrada e saída de 30 jovens do tráfico, moradores de sete favelas. Os dados revelam que os jovens, ao entrarem para o tráfico, apresentam uma expectativa de encantamento, poder e dinheiro. Com o tempo, essa perspectiva vai desaparecendo devido as situações de traição, punição e medo. O processo de saída ocorre quando o jovem começa a questionar este estilo de trabalho e procura visualizar outras possibilidades de vida, mais condizentes com as suas aspirações. Concluiu-se que, o fato de os jovens estarem entrando precocemente no crime organizado, leva-os a um desgaste físico e emocional, visto que a venda de drogas passou a ser um coadjuvante frente aos constantes episódios de conflitos armados e tráfico de armas.

Palavras-chave: favela, violência, jovens egressos do tráfico de drogas.

Abstract

This article deals with the lives of. Its main objective is to examine the circumstances and the specific conditions that drive young people to abandon this illegal work activity. The method used to collect data was the topical life story in order to find out how 30 youths, from seven slums, had got involved until their departure from the "movement". Data shows that youths, entering trafficking, had an expectation of empowerment. With time, this attitude will wane, as they realize they are living with situations of betrayal, punishment and fear. The process for getting out occurs when the youth begins to question this type of work and sees other ways of life, more consistent with their aspirations. The facts conclude that when getting involved early in organized crime it leaves them physically and emotionally exhausted, as selling drugs is an ongoing confrontation through constant episodes of armed conflicts and arms dealing.

Keywords: slum, violence, youths involved in traffic of drugs.

Introdução

A cidade do Rio de Janeiro, desde 1994, lidera o ranking dos Estados com maior número de homicídios na população jovem entre 15 e 24 anos de idade. Em 2004, este índice atingiu 102,8 mortes por cada 100 mil habitantes, estando o tráfico de drogas associado a 90% desses homicídios¹. As estatísticas refletem um cenário de intensa vulnerabilidade social, principalmente para alguns jovens empobrecidos, os quais são usados na linha de frente de uma guerra entre o crime organizado e o Estado. Ao mesmo tempo, a ausência de políticas públicas mais efetivas torna o mercado varejista de drogas uma opção atraente para este grupo etário.

A violência urbana praticada e sofrida por jovens tem-se transformado num grave problema na sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, um desafio para a saúde pública. A década de 1980, trouxe enormes tensões sociais entre a população infanto-juvenil pobre e a sociedade carioca; de um lado as denúncias constantes de maus tratos e abuso sexual com jovens internos no sistema da Funabem. De outro lado, o aumento progressivo da população jovem de ou na rua da cidade do Rio². Logo, a dimensão que o tráfico de drogas estava tomando em algumas favelas da Cidade, inclusive, com recrutamento de adolescentes para o seu "bando", passou despercebida, visto que, a sociedade estava com o foco voltado para a questão do jovem pobre que se polarizava entre o confinamento institucional e a liberdade de rua. Todavia, a dimensão do envolvimento desta população no tráfico de drogas somente teve atenção dos órgãos públicos no início desta década, quando os altos índices de homicídios evidenciaram uma realidade cruel para este segmento populacional.

Os primeiros estudos sobre a participação de jovens no comércio varejista de drogas ilícitas, nas favelas do Rio de Janeiro, se reportam aos anos de 1980³. Associava-se o aumento da violência urbana à adesão de jovens ao crime, que crescia de forma acelerada⁴. Em meados da década de 1990, os jovens de classe média também começaram a participar desse rentável mercado⁵, e assim, o tráfico deixou de ser uma atividade exclusiva para pobres, negros e "favelados".

Estudos da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2006) ⁶ apontam que a média de idade de jovens que entram para o tráfico vem diminuindo consideravelmente. Na década de 90, a idade era entre 15 e 16 anos e, a partir do ano 2000, essa média se situa entre 12 e 13 anos. O aumento do número de adolescentes pode ser explicado, entre outros motivos, pelo fascínio que o clima de aventura e o porte de armas podem causar em garotos que crescem em áreas de conflito armado.

Por outro lado, a invisibilidade social reforça a conduta excludente destes jovens no mundo do crime. A busca pela visibilidade social que alguns jovens manifestam através do fascínio por status e pela arma de fogo, as quais representam para eles reconhecimento e poder⁷. Como afirma Athayde et al., a maneira que esses jovens encontram para serem notados é assumir a conduta de bandido; "o sujeito que não era visto, impõe-se a nós. Exige que tratemos como sujeito. Recupera a visibilidade, recompõem-se como sujeito, se afirma e reconstrói⁸.

Compreender essa trajetória de fascínio que alguns jovens incorporam através do mundo crime e, ao mesmo tempo, entender, por quê um certo número desses jovens perdem o encanto pelo tráfico e, conseguem romper com o crime organizado é o que propõe este artigo.

Material e Métodos

O estudo realizado foi de cunho qualitativo e optou-se por utilizar a história de vida tópica em que se aborda determinados episódios da história do sujeito⁹. Para tanto, realizou-se entrevistas semi-estruturadas com questões que visavam estimular a narração de quatro momentos distintos e complementares da vida dos jovens: 1) A pré-entrada no tráfico, visando identificar os fatores que potencializaram a inserção no tráfico de drogas; 2) Os processos de vida e trabalho durante sua permanência no crime organizado; 3) As principais razões que os levaram a sair do tráfico; 4) E, os mecanismos de apoio encontrados para essa transição. Cabe ressaltar que a ênfase deste artigo estará pautada no item três, ou seja, na análise sobre as circunstâncias específicas que induziram e possibilitaram a saída desses jovens da organização do tráfico varejista de drogas.

A pesquisa ocorreu em sete favelas das zonas norte e centro da região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro. A escolha dos locais foi em função da possibilidade de acesso aos jovens egressos, uma vez que a autora vem realizando trabalho de intervenção social nesses espaços há 20 anos. Na seleção das favelas adotou-se o critério de serem lugares que estão sob o julgo da mesma facção do crime organizado, o Terceiro Comando. A organização do tráfico de drogas varejista na cidade do Rio de Janeiro é dividida por três facções: o Comando Vermelho (CV), o Terceiro Comando (TC) e uma derivada dela, denominada Amigos dos Amigos (ADA). As facções são formadas por quadrilhas que controlam as rotas do mercado de drogas, assim como, freqüentemente, o direito de ir e vir da população de uma determinada área ou região. Essas facções disputam os territórios das favelas, como forma de expandir seus negócios (domínio dos pontos de vendas de drogas), razão pela qual os moradores e, principalmente os jovens, são proibidos de circular em áreas de comandos rivais¹⁰.

Participaram da pesquisa 30 jovens com idade entre 16 e 24 anos que ingressaram no mercado do tráfico de drogas a partir do ano de 1995. Para a seleção do grupo: (1) optou-se por entrevistar apenas os rapazes, tendo em vista que eles são em número muito mais elevado que as meninas nesse tipo de atividade; (2) trabalhou-se com o critério de ao menos um ano de envolvimento com o tráfico para que se dispusesse de uma experiência mais densa por parte dos entrevistados.

As entrevistas ocorreram nas dependências de uma organização não governamental localizada no bairro de Vila Isabel. Os jovens se mostravam de forma bastante cordial e tímida, ainda que os recém-saídos do tráfico apresentassem um vocabulário com palavras e gírias próprias do movimento. Freqüentemente, neste artigo, se utiliza o termo movimento para designar o mercado varejista informal e ilegal de drogas na Cidade¹¹, tendo em vista ser esta a denominação usada pelos próprios participantes.

O contato inicial para realização da pesquisa foi com João, jovem de 21 anos com um percurso longo no tráfico de drogas. Entrou e saiu duas vezes do movimento. Sua última retirada foi há dois anos, quando ocupava a posição de gerente e coordenava um grupo expressivo de comandados. O seu jeito de ser, sempre muito comunicativo, associado a sua função de poder no tráfico, permitiu-lhe criar uma imagem de liderança e, mesmo não estando mais no movimento, continua sendo uma figura de referência, principalmente para os de menor idade.

Os rapazes que foram convocados para a pesquisa chegavam sempre ao local da entrevista acompanhados por outros egressos, o que permitiu em alguns momentos - após as entrevistas - manter uma conversa informal e coletiva com todos. Gerou-se inclusive uma expectativa de apoio que se traduziu numa proposta de intervenção social, articulada com o Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a Organização Não-governamental Instituto Social Dom Pixote.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz e devidamente aprovada com a recomendação de não utilizar o Termo de Consentimento e Livre Esclarecimento, por conta do risco aos sujeitos da pesquisa.

Resultados e Discussão

Caracterização do grupo de estudo

Apesar da pesquisa ter sido qualitativa utilizou-se alguns dados quantitativos para uma melhor compreensão do perfil dos jovens estudados.

Os 30 entrevistados apresentam características bastante semelhantes e, ao mesmo tempo, singulares em algumas questões que personificam seus estilos de vida. Dezoito deles, ao saírem do tráfico, voltaram a conviver regularmente com suas famílias, dez passaram a viver com suas parceiras e dois com amigos. Evidencia-se, que o espaço da favela é o mesmo ambiente de atuação do tráfico. Logo, de modo geral, dificilmente os jovens engajados no tráfico nas favelas perdem o vínculo familiar, embora, muitas vezes, sejam impedidos de morar com a família por terem que ficar disponíveis para as atividades do tráfico, ou seja, em "estado de alerta" contra invasões ou confrontos policiais.

Evidencia-se que a totalidade dos jovens entrevistados, antes de entrarem para o movimento morava somente com suas mães e outros familiares. A ausência do pai é um traço marcante na história de suas vidas, sendo interpretada por eles como uma perda significativa na construção de sua identidade, como relata alguns jovens: "meu pai nunca quis saber de mim" (Cristóvão, 17a); "sempre senti falta de ter um pai pra conversar sobre os problemas da vida" (Fabio, 22a).

Em relação ao nível de escolaridade, dois concluíram o ensino fundamental, 26 não o concluíram e dois estão finalizando o ensino médio (um por motivo de ascensão profissional e o outro por apoio familiar). Quanto à situação laboral, 18 jovens não trabalhavam no momento da entrevista e 12 realizavam algum tipo de atividade (três no mercado formal e nove no mercado informal). São jovens que abandonaram muito cedo a escola para se envolverem com o tráfico onde permaneceram, em média, de seis a sete anos. Por causa da baixa escolaridade, esses jovens enfrentam grandes dificuldades para encontrarem emprego. Além disso, a incorporação de linguagem e hábitos próprios da criminalidade, ao longo desses anos, representa mais um agravante tanto para o seu processo de socialização quanto para a sua inserção no mundo do trabalho¹².

Do grupo entrevistado, oito jovens não residiam mais na mesma favela de origem. Conforme relataram, fica difícil permanecer no mesmo espaço físico, "tem que ser cabeça forte, se não começa tudo de novo e tu nem sente", pois "os próprios amigos ficam sempre em torno de você. Aí fica, segura isso, guarda pra mim". A

alternativa é: "colocar uma marmitta em baixo do braço e ralar peito" ou, do contrário, "você sai da comunidade" (Claudio, 23a). Continuar na favela supõe também enfrentar momentos de grande insegurança: "é muito forte, é muito difícil. A polícia entra e tu fica todo nervoso, tu acha que vão te pegar e, aí, tu não tem mais arma na mão pra se defender de qualquer parada, entendeu? Tu fica muito maluco, se tu não tiver uma pessoa boa do lado, tu faz besteira" (Marcelo, 19a).

Nos depoimentos, os entrevistados acrescentam três motivos para se retirarem da cena onde viveram até então: a) os próprios "colegas" do tráfico estão sempre circulando por perto na tentativa de seduzir o jovem a retornar para o "movimento". Além disso, eles tendem a olhar o que sai com uma certa desconfiança, porque ele tem informações privilegiadas sobre o tráfico e a geografia do local e pode ser atraído pela facção rival; b) algumas pessoas da comunidade não acreditam que o jovem possa "dar a volta por cima"; c) se há algum episódio de roubo na comunidade o jovem é o primeiro a ser visto como suspeito.

Assim, procurar outros espaços constitui uma tentativa de buscar novas relações sociais, outros significados para suas vidas, longe do confinamento imposto pelas leis do tráfico¹³. Apesar da importância de se afastarem dos locais do movimento e de manifestarem desejo ou necessidade de sair da favela, diversos jovens não encontram apoio social para isso, seja por parte da família que poderia acolhê-los ou dos próprios amigos: "Nem todos conseguem ir embora da comunidade. A família que mora longe fica com medo de te acolher. Não sabe o que você fez. Se vai ter alguma complicação, algum problema. Se vai ter alguém atrás de você, entendeu?" (Maurício, 18a). Além disso, esses rapazes têm que encontrar um local controlado pela mesma facção de sua comunidade de origem. Caso optem por uma comunidade de facção rival, podem correr risco de vida.

No que concerne à função exercida na hierarquia do tráfico no momento do seu afastamento: 16 eram olheiros (vigias situados em pontos estratégicos ao redor da "boca de fumo", munidos de walkie-talkies e fogos de artifícios ou armas de pequeno calibre com pouca munição, para alertar os colegas sobre a chegada da polícia ou de grupos rivais); oito exerciam a função de vapores (encarregados de distribuir, vender e recolher o dinheiro das drogas); três atuavam como soldados (armados constantemente para defender a favela, caso houvesse invasão do grupo rival ou entrada da polícia); dois jovens eram seguranças do gerente ou do chefe do tráfico na favela, carregando geralmente as armas mais sofisticadas e pesadas; um jovem trabalhava como gerente (administra os pontos de venda de drogas na favela, popularmente conhecida como "boca de fumo"). O gerente exerce uma função de poder e destaque na hierarquia do tráfico, inclusive merecedora de melhor remuneração.

Do grupo, 21 declararam que faziam uso regular de maconha, cocaína ou loló, quando estavam no tráfico, sendo que 11 ainda continuavam a consumir, sete eram usuários ocasionais de maconha e dois não faziam uso de nenhum tipo de droga. Desses jovens, seis participaram de assalto a "mão-armada", dois deles tendo sido presos e fichados; quatro foram presos e fichados em batida policial nas favelas e um foi preso por motivo de briga na rua. Os outros não têm ficha policial. Cinco dos rapazes disseram que cometeram homicídio. Os demais não sabem se mataram alguém, apenas mencionaram ter participado de tiroteios, sem nenhum treinamento prévio para a utilização de uma arma: "os caras colocam a

arma na mão da gente e a gente sai atirando. O treino é a partir do dia-a-dia. A gente aprende a atirar na hora da guerra" (Marco, 22a).

Cabe destacar-se a idade prematura de entrada desses jovens no tráfico de drogas. A faixa etária de maior inserção situa-se em torno de 10 a 14 anos, inclusive dos entrevistados dois tinham aderido ao movimento com idade inferior a 10 anos. Em relação à saída, a maior parte deles o fez entre 15 e 20 anos. Constata-se que o maior número de jovens (15) permaneceu no tráfico de seis a sete anos, 12 ficaram de quatro cinco anos e três, de um a três anos.

Situação de ruptura pelos próprios jovens

A maioria dos jovens, no momento das entrevistas, estava já afastada do tráfico em torno de 1 a 3 anos. Os argumentos expressos sobre a saída do tráfico apresentam diferenças significativas relacionadas ao tempo transcorrido desde o desligamento. Os mais antigos argumentam que o processo de trabalho do tráfico tem passado por mudanças profundas, na medida que entram dando oportunidade aos jovens de usá-las: "antigamente não era todo jovem que colocava a mão numa arma. Hoje, qualquer garoto tem uma arma. Fica tudo se sentido [importante]" (Cláudio, 23a). Os episódios de conflitos armados aumentaram entre as quadrilhas rivais e conseqüentemente a dinâmica interna de funcionamento do tráfico sofreu transformações: "agora não é só vender bagulho [drogas] é estar na guerra também". Em decorrência dessa situação, o tráfico de armas veio consolidar as quadrilhas do crime que atuam no varejo nas favelas e comunidades pobres, intensificando a violência em níveis insuportáveis¹⁴. Essa experiência tem repercussões sobre a subjetividade dos jovens que, segundo os entrevistados passam a estabelecer relações interpessoais e sociais mais violentas.

Os rapazes comentam que anos atrás o jovem dificilmente manifestava o desejo de sair do "movimento". Hoje, essa situação mudou, mas para essa vontade se concretizar ele precisa de apoio: "sozinho tu não sai, alguém tem que ajudar e tem que ser uma pessoa de respeito na comunidade pro chefe ouvir. Tive muita sorte, agradeço a Deus" (Felipe 21a). Entre os principais motivos que levaram à saída dos mais antigos, encontram-se: o apoio de grupos religiosos, a incapacidade física provocada por um tiro e perturbações mentais por terem sido torturados ou traídos por um amigo.

No grupo de jovens que se desligou em períodos mais recentes, os motivos mais freqüentemente mencionados foram o medo de morrer; as tensões físicas e emocionais causadas pelos constantes conflitos armados; as ameaças de castigos e torturas e a frustração da expectativa de obterem grandes ganhos econômicos (tabela 1).

A saída dos jovens das quadrilhas do tráfico, em grande medida, guarda relação com suas aspirações na hora de entrar nessa "rede" e o descompasso entre os sonhos alimentados e as possibilidades objetivas de realizá-los. Em geral, todos os entrevistados revelaram que não existe um único motivo, mas uma variedade de situações que vão empurrando o jovem a entrar e posteriormente a sair do tráfico de drogas: "são as decepções da vida que leva a gente pra isso", repetem vários. A inserção no tráfico de drogas não ocorre apenas para alcançar ganhos econômicos, como freqüentemente se propaga, mas, particularmente, para alcançar ganhos simbólicos: "a gente não pensa muito não. Pra quê? Tem

dinheiro, mulher, prestígio, metal [arma], bagulho [droga] a toda hora". Os jovens buscam auto-estima, respeito, visibilidade social. São fascinados por uma "subcultura viril" propiciada pelas armas que aparentemente compensa a vulnerabilidade desses jovens¹⁵.

Essa mesma lógica multicausal procede quando um jovem se dispõe a sair dessa rede ilícita, fundado em razões que vão sendo construídas ao longo do seu percurso no movimento. Ele vai vivendo situações limites, frustrações, punições, traições, que despertam nele gradualmente o desejo de romper com o caminho que escolheu: "você vai sacando que não é nada daquilo. É muita ralação pra muito pouco. Nem todo mundo tem a sorte de se dar bem" (Caio, 22a.). A seqüência de decepções aparece claramente na experiência vivida por Gustavo: "meu amigo morreu do meu lado num tiroteio com a polícia, o sangue dele espirou em mim. Depois fui traído por um amigo, quase virei churrasquinho de pneu. Quando o dono do morro morreu, eu fiquei desprotegido. Sabe como é, vem outro chefe e ele forma outro "bonde" [grupo]. Fiquei fora e perdi meu posto de segurança, me colocaram pra ser "olheiro", aí fiquei "bolado" [revoltado] e resolvi cair fora" (Gustavo 23a).

O sentimento de frustração por não conseguir destacar-se no mundo do crime é um ponto crucial. Quando ingressam têm expectativas de levar uma vida farta de aventura, dinheiro e mulheres. Com o tempo, eles percebem que estar no tráfico "é dureza. Tem que ficar ligado o tempo todo, se não dança". Os membros das quadrilhas estão sempre submetidos a rotinas rígidas e severas: "os caras mandam em você o tempo todo". O dinheiro, para a maioria, é pouco e as mulheres mais bonitas são para os traficantes que ocupam posições privilegiadas no movimento: "as melhores mulheres são para os "manda-chuvas" [gerentes e chefes] que podem pagar mais. Dão mais vantagens a elas". Como já se relatou, dos entrevistados, 16 eram "olheiros", ou seja, estavam numa posição de "pouco ganho" e de grande tensão, podendo pagar com a vida, se falhar: "se tu não fica ligado, na entrada da comunidade, tu pode até morrer como foi o caso do P. que dormiu e não viu a polícia entrar. Por causa disso, o morro perdeu muito bagulho [droga] e metal [arma]". (Caio, 17a).

O processo de desencanto decorre de acordo com os episódios acumulados de frustração das expectativas específicas de cada jovem. Porém, os entrevistados relataram que a decepção por ganhar pouco dinheiro é um traço comum entre os rapazes do movimento, o que alimenta a vontade de subir de posto. Por isso, a probabilidade de ascender na hierarquia do tráfico acarreta, muitas vezes, eventos de traição entre os membros do grupo. Como muitos não conseguem se elevar na escala do movimento, começam a ficar com sua auto-estima comprometida. O baixo status significa muito empenho, pouco dinheiro e pouco poder de se relacionar socialmente na comunidade: "a galera só te respeita porque tu tem dinheiro e uma arma na mão". Uma vez frustrados, alguns jovens já não se sentem com tanta disposição para enfrentar os momentos de grande tensão, de conflito armado na comunidade. O seu "sentimento de pertença" ao mundo do tráfico fica enfraquecido: "pô sempre chegava junto nas situações e nunca tive oportunidade. Nunca fui puxa-saco pra subir na parada" (Guilherme, 19a).

No entanto, enquanto fazem parte das quadrilhas, os jovens não podem recuar. É uma questão de matar ou morrer. O clima de guerra exige concentração, resistência física e emocional. É freqüente que os traficantes fiquem dias sem

comer e dormir, escondidos nas vielas da favela. Neste momento, circunstancialmente, a comunidade deixa de ser um lugar privado e passa a ser um local público¹⁶. Eles vivem como fugitivos, dentro do seu espaço comunitário, quando “o bicho tá pegando”, expressão utilizada tanto pelos rapazes do tráfico quanto pelos moradores para designar que o clima está tenso na comunidade.

Os momentos de confronto geram nos jovens um grande desgaste físico e emocional, especialmente para os que entram com pouca idade e manifestam pouca capacidade de resistência: “É muita adrenalina! Eeu já escapei de morrer várias vezes. Eu acho que nem a morte gosta de mim”. Ao escapar da morte, o jovem tem uma falsa percepção de um poder sobre a vida, capaz de levá-lo a acreditar que pode ousar, no próximo conflito. Esses sentimentos de onipotência repousam sobre a condição do ser adolescente que vive momentos de transição, de formação e ganhos, de necessidades de afirmação e de muitos desarranjos e inadequações, que o impulsionam para atitudes de heroísmo e coragem, sem a consciência exata dos perigos que o cercam¹⁷.

Essa mistura de sentimentos de poder e de vulnerabilidade potencializa os desgastes. O jovem sabe que não pode errar e que, caso vacile pagará com a vida, o que geralmente ocorre precedido de torturas aterrorizantes. O medo de ser torturado e morto é um ponto que coloca os jovens em estado permanente de tensão. Três situações no processo de trabalho do tráfico configuram maiores chances dessas crueldades acontecer: 1) perder a mercadoria (droga) ou o metal (arma) principalmente quando a polícia entra na favela; 2) dormir durante o seu turno de “olheiro” e não antever possíveis ameaças; 3) errar na prestação de contas do dinheiro da venda droga. Algumas vezes os jovens sofrem sabotagem dos próprios colegas, por motivos de concorrência interna, deixando-os em circunstâncias difíceis perante o chefe do tráfico local.

A traição é um aspecto marcante nos relatos dos entrevistados. Os episódios constantes de violência são por eles explicados pela falta de confiança entre colegas do grupo, por sentimentos de inveja pela ascensão de alguém no movimento ou por ciúmes pelo modo de alguém (alvo de traição) relacionar-se com o chefe ou outra pessoa de poder no tráfico. Dependendo do tipo de denúncia, o jovem pode ser castigado com agressão física ou com arma de fogo e, até mesmo, assassinado: “a gente vai vendo muitas coisas, muita covardia. Do nada você ta conversando com um amigo, aí amanhã ele ta traindo você, porque ele quer aparecer pro dono do morro. Ele quer te derrubar pra ficar no teu lugar (Paulo, 22a). “Já vi muito moleque morrer por traição. Fizeram isso comigo várias vezes. Sou malandro e sempre saquei esses lances. Só que eu fui começando a ficar com medo porque teve uma vez que eu quase fui parar no “microondas” [buraco no chão onde a pessoa é jogada e sobre ela ateadado fogo]. Isso pra mim foi um susto, um despertar” (Sandro, 18a).

A consciência da morte passa a ser uma experiência existencial muito forte para esses jovens. Eles tomam consciência que são seres finitos e têm limites. Seus olhos se abrem para um novo entendimento da vida: “aí foi muito forte, pensei que ia morrer. Fiquei muito tempo bolado. Não conseguia dormir mais direito e não conseguia me concentrar. Ficava com medo de morrer”.

Em suma, uma gama de circunstâncias que conspira positivamente para a ruptura de um jovem com a quadrilha na qual entrou. O que antes representava encanto, com o tempo, passa a representar desencanto e, assim, nasce à vontade de

“pular fora”. Contudo, todos ressaltam que, uma vez dentro, não é fácil sair. Quando um deles inicia o rompimento interior, geralmente sente-se sozinho e frágil para enfrentar uma decisão. Alguns começam a procurar, ao seu redor, pessoas que possam intermediar esse difícil caminho. Geralmente, os mediadores são indivíduos da própria comunidade que sempre estiveram próximos do jovem de uma maneira ou de outra, fazendo parte de seu contexto familiar, social e compondo para ele uma rede de proteção.

Dificuldades e dilemas para a ruptura

A possibilidade de sair ou não do movimento também depende do tipo de facção a que o jovem pertence. O Comando Vermelho (CV) tende a ter leis rígidas e severas. Dificilmente um jovem consegue deixar o grupo. Salvo algumas exceções, como por exemplo, ser parente ou protegido de algum chefe do próprio CV, mesmo não sendo da mesma comunidade: “na comunidade do Barranco quando era Comando Vermelho, o garoto que me traiu não foi morto por causa de que era afilhado do chefe do morro tal”. Os entrevistados atribuem essa rigidez ao fato das favelas serem comandadas por chefes sem representatividade na comunidade, porque não nasceram ali, não são crias do lugar. No Terceiro Comando (TC), as regras são mais flexíveis, pois geralmente as favelas são chefiadas por pessoas nascidas e criadas na própria comunidade e mantêm um sentimento maior de lealdade, tanto pelas pessoas quanto pelo local. Por exemplo, João, que ocupava o cargo de gerente do tráfico na facção TC, teve permissão para sair, porque é um exímio intérprete do samba e a cultura do carnaval é parte integrante da identidade da favela em que vive.

Os enredos, ou seja, as histórias contadas pelos jovens ou por aquele que vai até o chefe intermediar a sua saída geralmente envolvem o sentido da família e da educação: “a família está sofrendo muito”, “ele está querendo voltar a estudar”, “ele quer casar e sair dessa vida”. As decisões, no entanto, seguem critérios bastante subjetivos. Os entrevistados narram que o laço de afetividade do chefe com o jovem conta bastante na hora de decidir. É importante para quem vai intermediar a negociação entender a personalidade do líder e criar estratégias efetivas de convencimento. Os jovens comentam alguns casos esclarecedores: “Eu conheço um moleque que o “dono” [chefe do tráfico] permitiu que ele saísse por que ele tá pegando a sobrinha dele e a garota está grávida. Isso foi malandragem dele” (Fernando, 19a). “Quando meu tio foi falar com o chefe, ele disse assim: é engraçado quando eles entram ninguém vem aqui, agora pra sair vem todo mundo. A sorte que meu tio conseguiu falar bacana com ele” (Hugo, 23a).

Ao obter o salvo-conduto, o rapaz vive um período transitório de insegurança e medo, pois sua saída não é imediata. É obrigado a passar por um tempo ainda em atividade. Esse tempo será maior ou menor dependendo do seu histórico no movimento. Ele não pode ser visto como “vacilão”, como alguém capaz de se transformar num “X-9” (traidor). Não pode dever dinheiro por consumo de droga, por perda de mercadoria (droga e arma) ou por outra razão similar. Em suma, não pode ter nenhum tipo de dívida, nem monetária nem moral, com a “boca-de-fumo”. O único caso em que o jovem é convidado a sair é quando, após um período de atuação no tráfico, não consegue acompanhar com destreza, valentia e destemor as atividades requeridas pelo movimento.

Na realidade, cada jovem tem o seu ritmo de saída, de rompimento com tráfico. Não basta ter o salvo-conduto para mudar a vida. Esse processo é lento,

complexo e sofrido. Vai depender de como esse jovem vai ser amparado, a partir do instante em que larga a arma, seja por pessoas ou por redes sociais. O caso é mais complicado quando o jovem faz uso de drogas, pois pressupõe que ele tenha dinheiro para manter o vício. Como geralmente, o rapaz não dispõe de recursos, pode acabar aproximando-se do seu antigo grupo para conseguir a droga e, assim, retornar. Conseqüentemente, o caminho da reinserção social é difícil.

Em resumo, a vida dos jovens que romperam com o tráfico é marcada por circunstâncias de grande vulnerabilidade. Para se ter uma dimensão dessa fragilidade, no decorrer do trabalho de campo três jovens que estavam afastados do tráfico num período inferior a um ano retornaram ao mundo do crime. Um deles confessou: "eu tentei, tentei muito, mas não deu. É melhor eu ficar nessa vida que eu já conheço como ela é". O medo do desconhecido, do que vai encontrar fora da comunidade, aliado à falta de preparo, de apoio e de uma mediação consistente de proteção constitui grandes empecilhos, dificultando a ruptura com essa carreira tão dura e cruel.

Uma questão se impõe; como levar a vida sem depender do tráfico? Não se trata apenas da dependência econômica, é também de identidade. Como transitar na comunidade sem o status e o poder, conferidos normalmente pelo tráfico? É necessário que o jovem tenha a oportunidade de vivenciar novas maneiras de se colocar no mundo e de se relacionar com outras pessoas fora do ambiente da marginalidade, da ilegalidade e do "poder de fogo da violência" – onde quase tudo se resolve com uma arma na mão.

O jovem egresso demanda apoio psicossocial, ele necessita reelaborar pensamentos, condutas, sentimentos e valores¹⁸. Para tanto, é premente que a rede de apoio que sustentou a interlocução de saída do jovem do tráfico continue buscando, fora da comunidade, outras pessoas que possam ser incorporadas no processo de ajuda, ou seja, de cidadania deste jovem.

Conclusões

Sem dúvida, o tráfico de drogas confere aos jovens um pseudo status de poder, cativando-os a viver num contexto que muito se "expressa na exacerbação do ethos da masculinidade¹⁹. Esse mundo que não é de "ganhos fáceis" é também um universo de atrocidades, ameaçando a vida desses rapazes em idade tão precoce.

O estudo procurou desvendar algumas questões vividas pelos jovens no contexto do mercado do tráfico de drogas, com vistas a ampliar o debate sobre aqueles que perderam o encanto com as atividades do tráfico e romperam com ele. Embora difícil, suas trajetórias mostram que é possível a ruptura, quando essas pessoas, munidas de vontade, expectativas e sonhos, procuram mediações e estratégias de transformação. As dificuldades reais de mudança e as possibilidades de retorno ao crime ficaram patentes. Os casos de retorno ou recaída de jovens que não vêem outro caminho a não ser o que já trilharam são emblemáticos para se discutir as necessidades de apoio e de referências fortes no seu meio social.

Buscou-se também dar relevância às experiências impactantes que marcaram a vida desses jovens, sobretudo o seu confronto com a morte e com a crueldade humana. Qualquer projeto de futuro, sem dúvida, terá como pano de fundo tais

vivências. Mais que nunca, os egressos do tráfico precisam de uma rede de proteção social em torno de si, para amparar e tornar realidade sua enorme vontade de dar uma virada na vida, de olhar, pensar e sentir o mundo com outros valores e conceitos e, acima de tudo, descobrir que podem novamente sonhar.

Colaboradores

ZV Meirelles trabalhou na coleta e análise dos dados, bem como na redação do manuscrito. CM Gomez participou na interpretação dos resultados e na elaboração da versão final.

Referências

1. Waiselfisz JJ. Mapa da violência dos municípios brasileiros. Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, Ciência e Cultura. Brasília: Ministério da Saúde; 2007.
2. Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC). Guia de ações complementares à escola para crianças e adolescentes. 2ª ed. São Paulo: Cempec/Unicef; 2001.
3. Zaluar A. Máquina e a revolta. Rio de Janeiro: Brasiliense; 1980.
4. Velho G, Alvito M, organizadores. Cidadania e violência. Rio de Janeiro: FGV; 1996.
5. Fiuza G. Meu nome não é Johnny. Rio de Janeiro: Record; 2004.
6. Silva SS, Urani A, organizadores. Crianças no narcotráfico: um diagnóstico rápido. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego/ Organização Internacional do Trabalho; 2006.
7. Barreto L, et al. Vida bandida: figurantes na sociedade, protagonistas na mídia. Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo; 2007.
8. Athayde C, Soares LE, MV Bill. Rio de Janeiro: Objetiva; 2005. p. 215.
9. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8ª ed. São Paulo: Hucitec; 2004.
10. Misse M. Malandros, marginais e vagabundos: acumulação social da violência no Rio de Janeiro [tese]. Rio de Janeiro: Iuperj; 1999.
11. Rafael A. Um abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro. Niterói: EDUFF; 1998.
12. Meirelles ZV. Vida e trabalho de adolescentes no narcotráfico numa favela do Rio de Janeiro [dissertação]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz; 1998.
13. Zamora MH. Confinamento, sociabilidade e violência nas favelas cariocas

[doutorado]. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; 1999.

14.Misse M, Lima KR, Crime e violência no Brasil contemporâneo: estudos de sociologia do crime e da violência urbana. Rio de Janeiro: Coleção Conflitos, Direitos e Culturas; 2006.

15.Zaluar A. Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: FGV; 2004.

16.Nobre C. Direto do front: notas sobre reportagem e narcotráfico no Rio de Janeiro. Cadernos Alceu 2005; 6 (11): 104-119.

17.Berastury A, Knobel M. Adolescência normal. 9ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1991.

18.Fernandes NCB, Oliveira AC, organizadores. Violência contra crianças e adolescentes: redes de proteção e responsabilização. Rio de Janeiro: Nova Pesquisa e Assessoria em Comunicação; 2007.

19.Zaluar A. Condomínio do diabo. Rio de Janeiro: UFRJ; 1995.

Imagem 1: [TABELA 1.doc](#)

 Voltar

 > Envie seu artigo para avaliação.

Revista Ciência & Saúde Coletiva da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva
Av. Brasil, 4036, sala 700 - Manguinhos - CEP 21040-361 - Rio de Janeiro - RJ
(21) 3882-9153 e (21) 2290-4893 - Todos os direitos reservados para ABRASCO.

Desenvolvido por ZANDA Multimeios da Informação.